



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH I
COLEGIADO DE TURISMO E HOTELARIA

LAURA CAVALCANTI RELLSTAB

**O TURISMO COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO NO MUNICÍPIO DE
PALMEIRAS, CHAPADA DIAMANTINA, BA**

SALVADOR
2023

LAURA CAVALCANTI RELLSTAB

**O TURISMO COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO NO MUNICÍPIO DE
PALMEIRAS, CHAPADA DIAMANTINA, BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de monografia à banca examinadora do colegiado de Turismo e Hotelaria, do Departamento de Ciências Humanas I da UNEB, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel do referido curso.

Orientadora: Dr^a Natalia Silva Coimbra de Sá

SALVADOR
2023

LAURA CAVALCANTI RELLSTAB

**O TURISMO COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO NO MUNICÍPIO DE
PALMEIRAS, CHAPADA DIAMANTINA, BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de monografia à banca examinadora do colegiado de Turismo e Hotelaria, do Departamento de Ciências Humanas I da UNEB, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel do referido curso.

Salvador, _____ de _____ de _____

Prof^ª. Dr^ª. Natalia Silva Coimbra de Sá – UNEB (Orientadora)
Doutora em Cultura e Sociedade – UFBA

Prof^ª. Dr^ª. Rosana Santana dos Reis – UNEB
Doutora em Arquitetura – UFBA

Prof. Dr. José Veiga Viñal Júnior – UNEB
Doutor em Língua e Linguística (UVIGO)

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço à minha família, minha vó, minha mãe e minha irmã Clara, por sempre me apoiarem não só nos estudos, mas em todos os campos da minha vida, e serem as minhas maiores incentivadoras e torcedoras. Agradeço a Clara por mesmo de longe me ajudar revisando todo o meu texto e dando dicas. Também agradeço à minha mãe por ter me proporcionado crescer em Palmeiras e ter me passado todo amor que sente por essa cidade, enxergando a beleza até nos mínimos detalhes. Gostaria de agradecer também a Wilson (*in memoriam*), por ter sempre cuidado da nossa família e me ensinado a amar, apreciar e cuidar da natureza e dos animais.

Agradeço também às minhas amigas Olívia e Larissa por todo o suporte e incentivo que me deram nesse período de desenvolvimento da pesquisa, e por sempre estarem presentes quando eu mais preciso. Não posso deixar de agradecer também a duas grandes amigas que a UNEB me trouxe, Melissa e Mariana, que foram muito importantes na minha jornada na universidade.

Gostaria de agradecer aos meus amigos de Palmeiras, em especial Géssica, que foi essencial na interlocução com a Secretaria de Turismo municipal, e Anzinho e Ney, por me ajudarem na aplicação dos formulários nos atrativos. Agradeço a todos que disponibilizaram um pouquinho do seu tempo para participar das entrevistas, contribuindo com opiniões muito relevantes e enriquecedoras.

Tenho muito a agradecer também a Carla Brito, por ter acompanhado todo o processo de construção da pesquisa, por ter acreditado e contribuído com muitas ideias. E por fim, agradeço imensamente à minha orientadora, Dra. Natalia Silva Coimbra de Sá, que desde o início entendeu o que eu queria abordar, ainda que eu não soubesse explicar direito em palavras. Obrigada por ter abraçado essa ideia com muito carinho e cuidado, por ter contribuído com várias sugestões e ter me guiado nesse caminho da melhor maneira possível.

RESUMO

Palmeiras é um dos municípios que compõe a Chapada Diamantina, zona turística localizada na Bahia. Sua história, assim como dos outros municípios da Chapada, está estritamente ligada à exploração de diamantes que ocorreu na região por volta de 1844. A exploração da pedra preciosa foi intensa até meados dos anos 1870, quando houve a descoberta das jazidas na África do Sul. Contudo, ainda no século XIX, houve a valorização do carbono, utilizado na fabricação de brocas na abertura do Canal do Panamá. Já no início do século XX, começou a surgir outra alternativa econômica, principalmente no município de Lençóis: o turismo. Essa atividade ainda precisou dividir espaço com o garimpo, até que, em 1985, visando a conservação dos seus recursos naturais, foi criado o Parque Nacional da Chapada Diamantina, com sede em Palmeiras. O município dispõe de uma localização privilegiada e de diversos atrativos naturais e culturais, sendo os mais conhecidos, nacional e internacionalmente, o Morro do Pai Inácio, a Cachoeira da Fumaça e o Vale do Capão. Porém, ainda que detenha de tantos atrativos importantes para o desenvolvimento do turismo na Chapada Diamantina, é um município cujo nome não possui muita visibilidade como destino turístico. Com isso, se fez necessária a pesquisa, bibliográfica e de campo, para entender como o turismo tem sido desenvolvido no município, descobrir os pontos que precisam ser melhorados através de um planejamento, para que haja um desenvolvimento turístico que gere benefícios para a sua comunidade. Com entrevistas realizadas com a Secretaria Municipal de Turismo e Cultura, os estabelecimentos de hospedagem e residentes locais, foi possível identificar alguns dos principais problemas enfrentados para se desenvolver o turismo na cidade, e que podem vir a ser solucionados através do Plano Diretor Orientado ao Turismo que está sendo desenvolvido.

Palavras-chave: Turismo; Chapada Diamantina; Palmeiras; Desenvolvimento turístico; Planejamento turístico.

ABSTRACT

Palmeiras is one of the cities that is part of Chapada Diamantina, a tourist area located in Bahia. Its history, as well as that of the other municipalities in Chapada, is strictly linked to the diamond exploration that took place in the region around 1844. The exploration of that precious stone was intense until the mid-1870s, when mines of diamonds were discovered in South Africa. However, still in the 19th century, there was a boom of carbon, used in the manufacture of drills in the opening of the Panama Canal. At the beginning of the 20th century, another economic alternative began to emerge, mainly in the city of Lençóis: tourism. This activity still had to share space with mining, until, in 1985, aiming at the conservation of its natural resources, when the Chapada Diamantina National Park was created, based in Palmeiras. Palmeiras has a privileged location and several natural and cultural attractions. Among them, the most known, both nationally and internationally, are Morro do Pai Inácio, Cachoeira da Fumaça and Vale do Capão. However, even though it holds so many important attractions for the development of tourism in Chapada Diamantina, it is a municipality whose name does not have much visibility as a tourist destination. As a result, bibliographical and field research were necessary to understand how tourism has been developed in the municipality, discover the points that need to be improved through planning, so that there is a tourist development that generates benefits for its community. From interviews carried out with the Municipal Secretariat of Tourism and Culture, lodging establishments and local residents, it was possible to identify some of the main problems faced to develop tourism in the city, and which may be solved through the Oriented Master Plan to the Tourism that is being developed.

Keywords: Tourism; Chapada Diamantina; Palmeiras; Tourism development; Tourism planning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Cartograma 1 – Divisão político administrativa do Território de Identidade Chapada Diamantina.....	18
Cartograma 2 – Delimitação do PNCD.....	31
Cartograma 3 – Palmeiras e os municípios de divisa.....	34
Figura 1 – Garimpo, Rio Preto, Palmeiras, 1940.....	24
Figura 2 – Garimpo mecanizado no leito do Rio São João, 1991.....	29
Figura 3 – Praça de Palmeiras.....	38
Figura 4 – Fotografia da placa de informações na portaria do atrativo Morro do Pai Inácio.....	42
Figura 5 – Fotografia das placas com informações sobre o Parque Natural Municipal Morro do Pai Inácio.....	43
Figura 6 – Fotografia da placa de informação da geologia do Morro do Pai Inácio.....	43
Figura 7 – Fotografias Morro do Pai Inácio, vista de cima do Morro e Morro visto da estrada.....	44
Figura 8 – Placas de informação do atrativo Parque Natural Municipal do Riachinho.....	46
Figura 9 – Fotografia da Cachoeira do Riachinho.....	47
Figuras 10 e 11 – Placa de sinalização do Atrativo Mirante do Camelo e o Morro do Camelo.....	48
Figura 12 – Fotografia do Morrão ou Monte Tabor.....	48
Figura 13 – Fotografia da Cachoeira da Boa Vista.....	49
Figura 14 – Fotografia da Cachoeira da Purificação.....	51
Figura 15 – Fotografia da Cachoeira do Rio Preto.....	52
Figura 16 – Fotografia da Cachoeira do Pai Inácio.....	53
Figura 17 – Fotografia do Lajedão.....	53
Figura 18 – Ê Guilé 2019.....	57
Figura 19 – Placa de sinalização e pintura rupestre do Matão.....	59
Quadro 1 – Número total de UHs e de leitos dos hotéis e pousadas dos Municípios e Distritos Pesquisados – 2004.....	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACV-VC – Associação de Condutores de Visitantes do Vale do Capão

APA – Área de Proteção Ambiental

APH – Atendimento Pré Hospitalar

CMC – Curso de Mínimas Competências

CONTURMA – Conselho Municipal de Turismo e Meio Ambiente

GAP – Grupo Ambientalista de Palmeiras

INEMA – Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MTur – Ministério do Turismo

OMT – Organização Mundial do Turismo

PARNAS – Parques Nacionais

PDITS – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável

PDOTur – Plano Diretor Orientado ao Turismo

PNCD – Parque Nacional da Chapada Diamantina

PRODETUR – Programa Nacional de Desenvolvimento e Estruturação do Turismo

SCI – Sistema de Comando de Incidentes

SEDESP – Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Sustentável de Palmeiras

SEI – Superintendência de Estudos Econômicos da Bahia

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA	10
3 O TURISMO NA CHAPADA DIAMANTINA	13
3.1 CHAPADA DIAMANTINA	16
3.2 LAVRAS DIAMANTINAS	21
3.3 GARIMPO X TURISMO	25
3.4 PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA	29
4 O TURISMO EM PALMEIRAS	34
4.1 VILLA BELLA DAS PALMEIRAS	36
4.1.1 Atrativos	40
4.1.1.1 Atrativos naturais	41
4.1.1.2 Atrativos culturais	54
4.2 GRUPO AMBIENTALISTA DE PALMEIRAS (GAP)	60
4.3 ASSOCIAÇÃO DE CONDUTORES DE VISITANTES DO VALE DO CAPÃO (ACV-VC)	62
5 PLANEJAMENTO TURÍSTICO EM PALMEIRAS	64
5.1 O PLANEJAMENTO NO MUNICÍPIO	68
5.2 MEIOS DE HOSPEDAGEM	74
5.3 MORADORES	82
5.4 PERFIL DOS VISITANTES	89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA: GRUPO AMBIENTALISTA DE PALMEIRAS (GAP)	104
APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA: ASSOCIAÇÃO DE CONDUTORES DE VISITANTES DO VALE DO CAPÃO (ACV-VC)	105
APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA: SECRETÁRIA DE TURISMO DE PALMEIRAS	106
APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA: PROPRIETÁRIOS DE MEIOS DE HOSPEDAGEM DE PALMEIRAS	107
APÊNDICE E – ROTEIRO PARA ENTREVISTA: MORADORES DE PALMEIRAS	108
APÊNDICE F – ROTEIRO PARA ENTREVISTA: AGÊNCIA DE VIAGENS	109
APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO PARA VISITANTE	110

1 INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade capaz de gerar benefícios econômicos no local onde é desenvolvido. Mas, assim como outras atividades, pode gerar alguns impactos negativos. Visando reduzir esses impactos, é necessário que haja um planejamento turístico, algo que muitos destinos não possuem.

No Brasil, alguns segmentos de turismo prioritários são: turismo cultural, turismo de sol e praia, turismo rural, turismo náutico, turismo de esportes, turismo de saúde, turismo religioso, ecoturismo e turismo de aventura. Essas duas últimas segmentações são as que serão mais abordadas ao longo do trabalho, visto que são as segmentações mais desenvolvidas na Chapada Diamantina como um todo, e no município de estudo: Palmeiras.

A escolha do município como *locus* de pesquisa deve-se ao fato de que a autora possui uma ligação pessoal e familiar com a localidade, além de acreditar em seu potencial turístico, que até então tem sido pouco divulgado como um destino turístico, ainda que seus atrativos sejam bastante procurados pelos visitantes e reconhecidos como parte integrante da Chapada Diamantina.

O município possui uma ótima localização, central, fazendo divisa com as principais cidades e atrativos turísticos da região. Todavia, não consegue atrair e manter os turistas em sua sede, ainda que estes visitem muitos de seus atrativos. Diante disso, o trabalho iniciou-se com o seguinte problema de pesquisa: qual o motivo que leva os visitantes a não permanecerem na cidade? Para responder à questão, foi realizada uma pesquisa, cuja metodologia consistiu em estudos bibliográfico, documental e de campo, entrevistas com os principais atores ligados ao turismo no município e, também, a partir da aplicação de questionários e entrevista com uma agência de turismo, traçou-se um perfil dos visitantes.

Definiu-se como objetivo geral da pesquisa entender como o turismo está sendo realizado atualmente em Palmeiras. E como objetivos específicos buscou-se destacar alguns elementos do turismo local que necessitam ser considerados com mais atenção a partir da perspectiva de empresários do setor turístico, da comunidade local e da Secretaria de Turismo Municipal. Além de identificar o perfil dos visitantes e suas percepções sobre a região e seus atrativos, compreendendo um pouco do contexto do turismo local para esse público. E, isto posto, também objetivou-se pensar

em um planejamento mais efetivo para que o turismo se torne um fator de desenvolvimento para o município.

O presente trabalho está dividido em seis capítulos, incluindo a presente introdução como primeira parte. O segundo capítulo diz respeito à metodologia que foi utilizada para desenvolver a pesquisa, que além de pesquisa bibliográfica e documental, utilizou da pesquisa de campo, com realização de entrevistas com a Secretaria de Turismo Municipal, moradores, representantes de associações e agência de viagem e meios de hospedagem da sede do município.

No terceiro capítulo, é abordado o turismo na Chapada Diamantina, que está localizada na região central do Estado da Bahia, distante cerca de 400 km de Salvador. É composta administrativamente por 24 municípios com uma grande diversidade ecológica, onde estão presentes três tipos de biomas brasileiros: Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado. É uma região muito conhecida por conta dos seus atrativos naturais, como morros, cachoeiras e grutas. Por volta de 2004, o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS), com o intuito de simplificar o processo de planejamento da região, dividiu a Chapada Diamantina em três circuitos: Circuito Chapada Norte, Circuito do Diamante e Circuito do Ouro.

Nessa pesquisa, o recorte espacial é Palmeiras, um dos municípios do Circuito do Diamante. Esse circuito, no início da descoberta das minas, era conhecido como as Lavras Diamantinas, composta pelos municípios de Mucugê, Andaraí, Lençóis e Palmeiras. Atualmente fazem parte os municípios de: Andaraí, Ibicoara, Iraquara, Itaetê, Lençóis, Mucugê, Nova Redenção, Palmeiras e Seabra. Devido à alta exploração do garimpo, se fez necessária a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, em 1985, com o intuito de proteger e conservar os seus recursos naturais. Ocupando uma área de aproximadamente 152.441 hectares, o Parque abrange seis municípios, sendo eles Lençóis, Mucugê, Andaraí, Ibicoara, Itaetê e Palmeiras, onde está localizada a sede administrativa do Parque.

A partir do quarto capítulo é possível entender um pouco mais da história de Palmeiras, que foi a última cidade a ser fundada e por isso é considerada a 'caçula das Lavras Diamantinas'. Por muitos anos viveu da economia advinda do garimpo e, assim como outras cidades vizinhas, foi povoada por garimpeiros vindos principalmente de Minas Gerais e da própria Bahia. Possui um rico patrimônio cultural, mas são seus atrativos naturais que cativam os visitantes a viajar do mundo todo para

a região. Dentre seus principais atrativos estão: o Morro do Pai Inácio, a Cachoeira da Fumaça, o Morro do Camelo, o Vale do Capão e muitos outros.

O turismo começou a ser difundido no município por volta dos anos de 1980, quando foi criado o Parque Nacional da Chapada Diamantina e alguns dos seus atrativos apareceram em revistas e programas de televisão. Contudo, não houve um planejamento turístico especificamente voltado para o município, assim como os investimentos foram escassos, o que acarretou um turismo desenvolvido de modo despreparado, e o nome da cidade não ganhando visibilidade como destino turístico.

Diante disso, no quinto capítulo, é abordado o processo de planejamento turístico que deve ser realizado para garantir um bom desenvolvimento da atividade. Através das entrevistas realizadas, verifica-se como o turismo está sendo desenvolvido em Palmeiras e os pontos que precisam se adequar para garantir um turismo próspero no município.

Para alcançar o que foi proposto na pesquisa, utilizou-se dos processos metodológicos expostos a seguir.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa do ponto de vista de natureza básica, pois o objetivo é gerar conhecimentos novos e úteis para o progresso da ciência, contudo, sem previsão de uma aplicação prática (KAUARK et al., 2010). Kinchescki et al. (2015, p. 4) ainda acrescentam que a pesquisa de natureza básica “tem como objetivo completar uma lacuna no conhecimento”.

Quanto à forma de abordagem do problema, é uma pesquisa qualitativa com traços quantitativos. Qualitativa, já que procura a obtenção de informações descritivas de lugares, pessoas e processos interativos que ocorrem por meio do contato direto entre o pesquisador e o que está sendo estudado (GODOY, 1995). Terence e Escrivão Filho (2006), salientam que os participantes da pesquisa irão agir de acordo com sua cultura, experiências e sentimentos, o que pode acabar sendo uma forma de estudo mais difícil de ser interpretada.

É uma pesquisa que, de acordo com Godoy (1995), pode ser realizada através de entrevistas, observações, anotações de campo e documentos, o que é o caso do presente trabalho, que através de uma viagem, entre os dias 12 e 22 de abril de 2023, para o município de estudo, Palmeiras, realizou entrevistas com os meios de hospedagem¹, moradores², grupo ambientalista³ e também com a Secretária de turismo municipal assessorada por uma turismóloga⁴. Já através de e-mail e *Whatsapp* entre abril e maio foram realizadas entrevistas com a associação de condutores de visitantes⁵, a agência de turismo⁶ sediada em Lençóis e também com

¹ As entrevistas *in loco* com os meios de hospedagem da cidade de Palmeiras foram: Pousada Cachoeira da Fumaça, Pousada Mandala e Pousada Villa Bella, realizadas em 14 de abril de 2023; Pousada Beira Rio, realizada em 15 de abril de 2023; Pousada O Casarão, Pousada MPB e Pousada Encantos da Chapada, realizadas em 18 de abril de 2023; Pousada e Albergue Caminhos da Chapada, realizada em 19 de abril de 2023.

² As entrevistas com os residentes Neidson Sampaio de Oliveira, realizada em 17 de abril de 2023; Hermano Fabrício O. Guanais e Queiroz, realizada em 19 de abril 2023 e Hebert Alves de Queiroz, realizada em 20 de abril de 2023, aconteceram todas em Palmeiras. Já a entrevista com o morador Joilson Santos, realizada em 15 de abril de 2023, foi conduzida via WhatsApp. Outros três residentes foram entrevistados, contudo, não autorizaram a divulgação de seus nomes. No desenvolvimento do trabalho apenas dois deles são citados, como Morador 1 e Morador 2.

³ A entrevista com o representante do Grupo Ambientalista de Palmeiras, Joás Brandão, foi realizada em Palmeiras, dia 19 de abril de 2023.

⁴ A entrevista na Secretaria Municipal de Turismo e Cultura de Palmeiras, realizada em 19 de abril de 2023, contou com a presença da Secretária, Andréa Oliveira, e da turismóloga e assessora de turismo, Sirlene de Souza.

⁵ A entrevista com representante da Associação de Condutores de Visitantes do Vale do Capão foi realizada via e-mail, em 03 de maio de 2023.

⁶ A entrevista com Ítalo Pinto, da agência Bahia Trip, foi realizada por meio do WhatsApp, no dia 10 de maio de 2023.

um dos fundadores do bloco Ê Guilé⁷, para conhecer sua história. Em todos os momentos foi informado que o conteúdo seria utilizado para a construção da pesquisa e também foi solicitada a autorização expressa dos entrevistados para a divulgação dos dados no presente trabalho.

Também se caracteriza como pesquisa qualitativa por possuir uma amostragem pequena. Foram entrevistados todos os oito meios de hospedagem existentes na cidade e sete moradores, selecionados por possuir certo grau de ligação com as áreas do turismo, cultura ou comunicação, onde alguns permitiram a divulgação dos seus nomes, foram eles: Hermano Queiroz, que atualmente é o superintendente do IPHAN na Bahia; Joilson Santos, jornalista e produtor cultural; Hebert Queiroz, que desenvolve diversos projetos voltados para a cultura; e Neidson Sampaio, que trabalha na parte receptiva de alguns atrativos do município. A análise dos dados será interpretativa e descritiva, tendo seus resultados limitados ao contexto (SYMON et al., 2002 apud PASCHOARELLI et al., 2015, p. 69). Em suma, a pesquisa qualitativa “descreve uma relação entre o objetivo e os resultados que não podem ser interpretadas através de números” (PRAÇA, 2015, p. 81).

Quanto aos traços quantitativos, é devido ao fato de, para serem explicados alguns fenômenos, ter sido realizada uma coleta de dados numéricos a respeito dos visitantes em dois atrativos do município, com posterior análise (ALIAGA; GUNDERSON, 2002 apud PASCHOARELLI et al., 2015). Os traços quantitativos estarão presentes na seção 5, junto às reflexões sobre o estudo de campo a respeito do perfil do visitante, realizado em dois pontos turísticos do município de Palmeiras.

Já quanto ao ponto de vista dos objetivos, corresponde a uma pesquisa exploratória e descritiva. Exploratória pois, de acordo com Gil (1991 apud KUARK, et al., 2010), objetivando proporcionar uma maior familiaridade com o problema, foi feito um levantamento bibliográfico e entrevistas para descobrir certos aspectos da realidade do município de Palmeiras. E descritiva porque descreve as características do processo de povoamento da região da Chapada Diamantina, em especial de Palmeiras.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, é uma pesquisa bibliográfica, pois foi baseada em pesquisas públicas relacionadas ao tema de estudo, desde livros, monografias, artigos publicados em revistas, teses e material cartográfico, que

⁷ A entrevista com um dos organizadores do bloco Ê Guilé, Webert Wallace, também foi realizada via WhatsApp, em 4 de maio de 2023.

possibilitaram o reforço paralelo na análise das pesquisas e manipulação das informações (LAKATOS; MARCONI, 2003). Também foi utilizada a pesquisa documental, que é aquela cujos materiais não receberam tratamento analítico (KUARK et al., 2010).

Outro procedimento técnico utilizado foi o de pesquisa de campo, conceituado por Lakatos e Marconi (2003, p. 189) como sendo a pesquisa cujo objetivo é “conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”. Por isso foram feitas entrevistas diretamente com agentes ligados ao turismo no município, bem como sua população local, além de observação de campo e questionários identificando o perfil dos visitantes. O interesse da pesquisa de campo é “o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.189).

3 O TURISMO NA CHAPADA DIAMANTINA

O turismo é uma atividade que acontece há muitos anos, seus primeiros passos, quando ainda não era conhecido especificamente como turismo, foram dados principalmente na Grécia e Roma antiga, aproximadamente nos séculos VIII a.C. e II a.C. a II d.C. Os gregos, por exemplo, realizavam diversas viagens dentro do seu território, geralmente para “consultar os oráculos, participar dos festivais e das competições esportivas, dentre as quais as célebres olimpíadas responsáveis pelo deslocamento de muitas pessoas das cidades mais longínquas para [...] a cidade de Olímpia” (RUIZ; ARMAND, 1998 apud BRITO, 2005, p. 21).

Os romanos se inspiraram nos modelos gregos de cultura e entretenimento, ou seja, além de apreciar espetáculos teatrais, visitar santuários e templos, os mesmos também realizavam viagens em seu período de veraneio, iam para o campo ou então para o litoral. A realização de viagens, para os romanos mais ricos, era sinônimo de educação, por isso enviavam seus filhos para Atenas e Rodes, considerados, à época, os principais centros acadêmicos (BRITO, 2005). Através das viagens se conhecia a história, a cultura, a literatura e também o idioma local, o que não se difere muito do que as viagens nos dias atuais podem proporcionar.

Com o tempo o turismo foi ganhando forma, o mundo passou por diversas transformações, os meios de transporte e comunicação foram se desenvolvendo, bem como outros fatores, como a instituição de férias remuneradas, o que facilitou o crescimento da atividade turística. De acordo com Sheyvens (2002 apud BENI, 2012, p. 87), o turismo, dentro do período de 1950 a 1970, foi considerado “um meio de promoção de crescimento econômico e de alcance da modernização e uma forma de enfrentar os reflexos advindos do processo da globalização”.

Atualmente o turismo é marcado pela sua multidisciplinaridade, pois recebe contribuições da sociologia, antropologia, economia, geografia e psicologia. É uma atividade que além de receber todas essas influências, ela só pode ser realizada se houver um conjunto de fatores, por isso Beni (2012, p. 53) o define como

Uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integra-se também uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade e troca de informações interculturais.

Para a Organização Mundial do Turismo (OMT, 1995 apud PAKMAN, 2008, p. 10), “o turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros”. O turismo é uma atividade econômica que assim como as outras, possui pontos positivos e negativos, por isso é importante que seja bem planejado, de modo a minimizar os impactos negativos.

Dentre os principais impactos positivos, destaca-se a geração de emprego e renda às comunidades locais. Ele promove “inclusão social e econômica para diferentes grupos, gerando emprego e renda direta e indiretamente” (TURISMO 360 CONSULTORIA, 2022, n.p). Também é um importante fator na contribuição com a autoestima do local, a sensação de pertencimento, pois resgata e valoriza tradições culturais e identidades locais.

O turismo contribui na sustentabilidade ambiental em diversos aspectos, como por exemplo por meio do aumento da consciência ambiental, pois, com o contato mais próximo com a natureza, o processo de sensibilização aliado com informações é mais fácil de ser difundido (BENI, 2012). Ainda no ponto da sustentabilidade ambiental, há a melhora no planejamento e gestão ambiental e também nas medidas de regulamentação, já que passa a ter um controle maior sobre o número de atividades turísticas e a circulação de visitantes. O desenvolvimento do turismo gera também uma troca sociocultural benéfica, com “intercâmbio de ideias, culturas e percepções” (DALL'AGNOL, 2012, p. 5).

Quanto aos aspectos negativos que podem ser gerados pela atividade turística, ao passo que pode valorizar a cultura local e haver uma troca sociocultural positiva, pode haver uma perda da identidade cultural na comunidade, isto é, passar a ter uma padronização de comportamentos praticados em outras localidades. Também em contraposição ao ponto positivo da geração de emprego, é preciso ter cuidado para que não ocorra a imigração de estrangeiros como mão-de-obra, onde a renda não chegaria para a comunidade. Outro ponto negativo seria referente ao meio ambiente, onde o turismo pode causar poluição e degradação com o turismo de massa em áreas de preservação.

Como cada turista tem uma motivação para viajar e preferência por determinadas atividades a serem realizadas no local, o Ministério do Turismo passou a segmentar essa atividade.

A segmentação é entendida como uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado. Os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta e também das características e variáveis da demanda (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 3)

Identificam-se, na parte da oferta, as atividades, práticas e tradições culturais, bem como os aspectos e características geográficas, arquitetônicas, urbanísticas e sociais, e os serviços e infraestrutura oferecidos. No caso da demanda, a segmentação se dá a partir da identificação dos consumidores, das suas motivações e preferências. Assim,

A partir dos anos 80 começou-se a introduzir o termo “ecoturismo” no Brasil, devido à forte tendência mundial de valorização do meio ambiente e preocupação com as gerações futuras. Uma das primeiras conceituações desse segmento foi apresentada por Ceballos-Lascuráin e popularizada por Boo, onde o ecoturismo é conceituado como a realização de uma viagem a áreas naturais não perturbadas ou não contaminadas, com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar a paisagem, suas plantas e animais selvagens, assim como as manifestações culturais (tanto do passado quanto do presente) encontradas nessas áreas. [...] O ponto principal é que o ecoturista tenha a oportunidade de mergulhar na natureza de uma maneira que usualmente não faz no ambiente urbano. (BOO, 1990, p. 2 apud BRITO, 2005, p. 69)

Ou seja, a ideia central do ecoturismo é de uma viagem que seja responsável com a natureza, que a usufrua de modo a causar o mínimo impacto possível, e que também respeite a cultura local. É uma forma de turismo importante, pois gera fundos para a área protegida e também acarreta numa educação ambiental não só do visitante, como também da comunidade local. A oferta de um turismo voltado para a sustentabilidade estimula a integração e reflexão do ser humano com a natureza, que acaba por gerar um estímulo de conservação do patrimônio natural e cultural (BRITO, 2005).

O Ministério do Turismo (2010, p. 11) salienta que o

Ecoturismo caracteriza-se pelo contato com ambientes naturais e pela realização de atividades que possam proporcionar a vivência e o conhecimento da natureza, e pela proteção das áreas onde ocorrem. Ou seja, assenta-se sobre o tripé: interpretação, conservação e sustentabilidade.

Assim como a atividade turística como um todo, esse segmento necessita de um planejamento adequado, para que não haja uma visitação descontrolada que gere danos ao ecossistema ou poluição do mesmo. É preciso garantir também a

sustentabilidade no quesito da população local, ter um cuidado para que não haja um aumento do custo de vida e muito menos a expulsão da comunidade nativa.

Já o turismo de aventura comumente aparece associado ao ecoturismo. Esse segmento é definido pelo Ministério do Turismo (2010, p. 39), como um turismo que “compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo”. Para complementar essa definição, as atividades de aventuras podem ser entendidas como aquelas que geram experiências, podendo ser físicas e sensoriais, mas que envolvem principalmente “desafio, riscos avaliados, controláveis e assumidos que podem proporcionar sensações diversas: liberdade; prazer; superação etc.” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 40).

O turismo de aventura é uma atividade que pode acontecer em diversos locais, não necessariamente apenas no espaço natural. Pode ocorrer nos espaços urbanos, construídos, rurais ou naturais. E a responsabilidade pode ser individual, ou seja, o turista faz por conta própria, sem interferência de prestadores de serviços turísticos, ou então “organizada, intermediada via prestadores de serviços de operação de agências de turismo” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 41), sendo que as agências vão depender de profissionais qualificados para orientar o uso dos equipamentos e as técnicas necessárias para a execução da atividade, para que ocorra em segurança.

E a região da Chapada Diamantina, na Bahia, com seus belos morros, trilhas, grutas, cavernas, rios e cachoeiras, é o palco perfeito para esses dois segmentos do turismo, além de contar com grande riqueza cultural.

3.1 CHAPADA DIAMANTINA

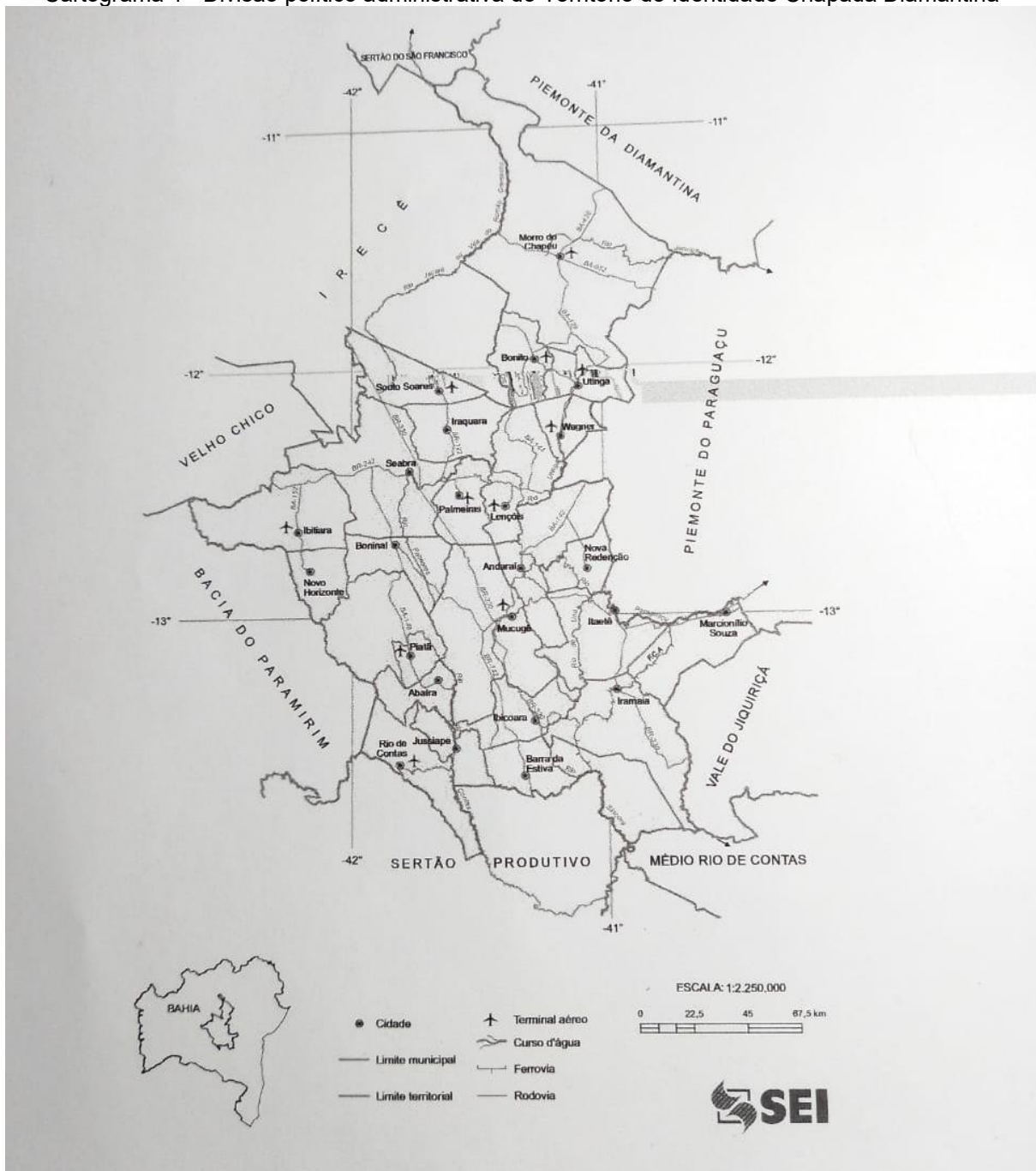
A Chapada Diamantina está localizada na região central do Estado da Bahia, a cerca de 400 km de distância da capital baiana, Salvador. De acordo com o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS) Chapada Diamantina (2004), seu polo turístico abrange uma área total de 40.246,2 km², sendo composta por 28 municípios. Pensando em simplificar o processo de planejamento da região, a Chapada Diamantina foi dividida em três circuitos: Circuito Chapada Norte, Circuito do Diamante e Circuito do Ouro.

O Circuito Chapada Norte é formado pelos municípios: Bonito, Caém, Campo Formoso, Jacobina, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Ourolândia, Piritiba, Saúde, Utinga e Wagner. Quanto ao Circuito do Diamante, os municípios são: Andaraí, Ibicoara, Iraquara, Itaetê, Lençóis, Mucugê, Nova Redenção, Palmeiras e Seabra. E por fim o Circuito do Ouro, com os municípios: Abaíra, Érico Cardoso, Jussiape, Livramento de Nossa Senhora, Paramirim, Piatã, Rio de Contas e Rio do Pires.

Já a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI, 2015) atualiza que a Chapada Diamantina ocupa uma área aproximada de 32.664 km², de acordo com o IBGE de 2011. Nesta nova disposição, é composta administrativamente por 24 municípios: Abaíra, Andaraí, Barra da Estiva, Boninal, Bonito, Ibicoara, Ibitiara, Iramaia, Iraquara, Itaetê, Jussiape, Lençóis, Marcionílio Souza, Morro do Chapéu, Mucugê, Nova Redenção, Novo Horizonte, Palmeiras, Piatã, Rio de Contas, Seabra, Souto Soares, Utinga e Wagner.

Essa territorialização feita pela SEI corresponde ao Território de Identidade (TI), que destaca as áreas de acordo com as expressões históricas, geográficas e biológicas que a distinguem de outras (Cartograma 1). Tem como objetivo apresentar informações referentes às características socioeconômicas dos municípios que compõem os territórios de identidade, com o intuito de identificar e potencializar as capacidades de cada território, de forma a diminuir as desigualdades entre os mesmos (PERAFÁN; OLIVEIRA, 2013).

Cartograma 1 - Divisão político administrativa do Território de Identidade Chapada Diamantina



Fontes: Bahia (2012, 2013), SEI (2013) apud SEI, 2015.

Seu nome deriva de dois fatores, o primeiro é por conta do seu relevo, ou seja, a chapada é uma “elevação de topo plano ou quase plano e laterais íngremes, que ocorrem em áreas de clima semiúmido ou semiárido e com média/baixa ou baixa atividade tectônica” (MARTINS, 2018, p. 13). E em segundo, por conta das “relações sócio-econômicas decorrentes da exploração baseada na extração de diamantes” (BRITO, 2005, p. 83).

De acordo com Santos (2018, p. 17),

[...] Chapada Diamantina corresponde à porção setentrional da formação geológica denominada Cadeia do Espinhaço e abriga as nascentes dos principais rios baianos: rio Paraguaçu e rio de Contas. Sua estrutura de relevo é bastante acidentada, formada basicamente por grandes afloramentos rochosos, maciços residuais, serras elevadas e vales estreitos e profundos; além de possuir dezenas de cavernas e grutas de formação calcária, constituindo um dos maiores campos para os estudos espeleológicos no Brasil.

Trata-se de uma região que possui enorme diversidade ecológica e ambiental, sendo possível encontrar três biomas brasileiros, que são: a Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, s.d). Possui diversos atrativos, a exemplo de cachoeiras, cavernas, grutas, morros, manifestações culturais, entre outros. O período de chuvas na região ocorre de novembro a fevereiro, e ao longo do ano há alterações diárias de temperatura (SAMPAIO, 2006).

Para acessar a Chapada Diamantina, saindo de Salvador, com carro particular, utiliza-se a BR-324 até chegar a Feira de Santana. Posteriormente, desloca-se pela BR-116 até chegar à BR-242. É possível também o acesso por meio de ônibus, com linhas regulares todos os dias para algumas das principais cidades (Lençóis, Palmeiras, Mucugê, Andaraí, Itaetê, entre outras). O acesso por via aérea é mais restrito, e voltou a funcionar recentemente, após dois anos sem receber voos comerciais devido à pandemia de Covid-19. O aeroporto de Lençóis (Aeroporto Horácio de Matos) opera com voos às quartas e domingos.

O turismo passou a ser melhor planejado e estruturado na região durante o período de 1994 a 2000, com o Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR/BA). Brito (2005, p.142) destaca que

[...] visando organizar o fluxo turístico de forma a corrigir a concentração que ocorre em Lençóis e redistribuir as vantagens do turismo [...] para outros municípios, a zona turística da Chapada Diamantina foi inicialmente dividida em cinco circuitos: o do Diamante, do Ouro, da Chapada Norte, da Chapada Sul e da Chapada Velha.

Os circuitos que foram priorizados neste momento foram o do Diamante e o do Ouro, por possuírem um potencial turístico maior. Palmeiras faz parte do circuito do Diamante, e foi um dos municípios beneficiados com a “infraestrutura necessária capaz de atrair os agentes econômicos ligados ao turismo e proporcionar o desenvolvimento desta atividade” (BRITO, 2005, p. 142). O PRODETUR, juntamente com o Governo do Estado, promoveu nos integrantes destes circuitos, a implantação de sistema de abastecimento de água e esgotamento sanitário, infraestrutura viária,

ampliação da rede de energia elétrica, recuperação de equipamentos de saúde e educação, conservação ambiental, entre outros.

Como parte de garantir a conservação ambiental de áreas importantes e que não integram o Parque Nacional, foi criada a Área de Proteção Ambiental (APA) Marimbus - Iraquara, através do decreto 2.216 de 14 de junho de 1993, que abrange parte dos municípios de Iraquara, Palmeiras, Seabra, Lençóis e Andaraí. Já em 1995, houve a disputa entre os municípios do Circuito do Diamante a respeito da construção do aeroporto, que estava previsto para ser construído em Palmeiras, e acabou, após audiência pública, sendo transferido para o distrito de Lençóis, Tanquinho.

A inauguração do aeroporto se deu em junho de 1998 e foi um evento que proporcionou a reforma dos meios de hospedagem já existentes, e também a construção de novos meios em diversas cidades e distritos do Circuito do Diamante. O objetivo do PRODETUR nesta fase era de promover o turismo anteriormente regional, para um turismo nacional e internacional. Na sua segunda fase, “se propõe a contemplar o passivo de realizações previstas e não concretizadas, em razão dos recursos do programa na primeira fase terem sido canalizados [...] para a Costa do Descobrimento” (BRITO, 2005, p. 153).

Para a segunda etapa do PRODETUR na Chapada Diamantina, foram realizadas reuniões entre janeiro de 2002 e abril de 2003, para analisar os municípios após a primeira etapa do Programa, apresentar novas propostas e constituir o Conselho de Turismo da Chapada Diamantina. O material desenvolvido nessas reuniões também foi importante para a elaboração do Plano de Desenvolvimento Integrado de Turismo Sustentável (PDITS) da Chapada Diamantina (BRITO, 2005).

O PDITS realizou um diagnóstico da área de planejamento, com relação à dinâmica socioeconômica, a infraestrutura, ao patrimônio histórico e cultural, a capacidade institucional, capacitação do setor privado no turismo, levantamento de produtos e atrativos turísticos e a qualidade e oferta dos equipamentos turísticos. Também analisou a capacitação da população para o turismo, o perfil do turista, as demandas atuais e potenciais e os investimentos realizados e previstos para o setor privado.

Através da análise de Matriz SWOT (*Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats*), que visa identificar os pontos fortes, os pontos fracos, as oportunidades que podem ser usadas como vantagens e as ameaças existentes, também realizou planejamentos de desenvolvimento turístico, examinando áreas estratégicas e

possíveis ações e projetos. Verificou quais seriam os impactos quantitativos e realizou um plano de ação com diversas propostas. Todo esse planejamento do PDITS contou com a participação pública, os setores privados e a comunidade de cada município que compõe a Chapada Diamantina.

Contudo, mesmo o Circuito do Diamante sendo priorizado pelo PRODETUR/BA para o desenvolvimento da atividade turística, alguns municípios receberam mais incentivos que outros e foram melhor planejados.

A Chapada Diamantina é uma região muito abundante em belezas naturais, por isso a principal forma de turismo desenvolvido é o ecoturismo e o turismo de aventura. Também é uma região interessante para quem busca o turismo histórico-cultural, pois a Chapada foi desenvolvida através da exploração de garimpos de diamantes, e assim como essas pedras preciosas, possui uma riqueza de tradições advindas dessa atividade que possibilitou a criação das Lavras Diamantinas.

3.2 LAVRAS DIAMANTINAS

Antes de se tornar Lavras Diamantinas, essa região era ocupada pelo povo indígena Maracás, que, segundo Cezar (2008, p. 16) “repeliam com violência os estranhos que invadiam seu território”. A região então possuía uma ocupação diminuta, constando, além da população indígena, algumas fazendas e aldeamentos de pessoas escravizadas alforriadas. Um desses aldeamentos era conhecido como Arraial dos Crioulos, localizado ao Sul da Chapada Diamantina, onde atualmente está estabelecido o município de Rio de Contas.

A partir de 1710, foram descobertas as primeiras pepitas de ouro, que demonstraram o potencial aurífero da região, atraindo “bandeirantes e exploradores, seguidos pelos jesuítas, iniciando-se assim a colonização da Chapada Diamantina” (CEZAR, 2008, p. 16). O primeiro local foi ao norte da Chapada, na região onde hoje se encontra a cidade de Jacobina, entretanto, com receio de esvaziar as lavras de Minas Gerais, a Coroa Portuguesa ordenou a “proibição dos trabalhos de mineração” (GANEM; VIANA, 2006, p. 11). Mesmo com a proibição, a mineração clandestina acontecia, o que levou a Coroa a retroceder a sua decisão, porém, exigindo o pagamento do quinto.

No mesmo período, no sul da Chapada também ocorreu a descoberta de ouro “nos aluviões do rio de Contas Pequeno (atual rio Brumado)” (GANEM; VIANA, 2006,

p. 12), criando-se o primeiro povoado onde atualmente está localizada a cidade de Rio de Contas. Nessa época, a região viveu momentos prósperos com a exploração do metal precioso. Contudo, por volta de 1800, a prosperidade anteriormente esbanjada, começou a entrar em decadência com a escassez do ouro. A crise no início do século XIX fez com que houvesse um esvaziamento populacional na região, restando apenas alguns roceiros, caçadores e criadores de gado.

Já a descoberta dos diamantes, se deu no ano de 1844:

As riquíssimas minas das Lavras Diamantinas foram descobertas por acaso em 1844, quando José do Prado (Cazuzinha), viajando para Andaraí, passando pelo córrego que banhava a fazenda Mucugê, afluente do rio Cumbucas, reconheceu o cascalho diamantino com o qual estava acostumado a trabalhar na Chapada Velha [...] (PINA, 2005, p. 36)

Sampaio (2006, p. 95) destaca que “ocorreu, então, uma corrida sem precedentes para aquela região, despovoando-se os antigos centros de mineração aurífera baianos, e diamantíferos mineiros”. Emigraram para a região garimpeiros vindos de lavras já decadentes de Minas Gerais (Tijuco e Grão Mongol) e da Bahia (Jacobina, Rio de Contas e Chapada Velha), comerciantes, jesuítas, colonos, contrabandistas e coronéis em busca da “promessa de enriquecimento rápido”. Brito (2005) destaca que assim que achavam novos garimpos, os deslocamentos populacionais aumentavam, ocorrendo, desta maneira, a expansão da área, o que levou à criação de inúmeros povoados. Estes povoados vieram a se tornar os municípios de Mucugê (1847), Andaraí (1884), Lençóis (1856) e Palmeiras (1890), o “celeiro mineral das Lavras Diamantinas” (BRITO, 2005, p. 83).

A cidade de Mucugê foi inicialmente fundada com o nome de Mucugê do Paraguaçu. Após ser desmembrada da cidade de Nossa Senhora do Livramento do Rio de Contas, seu nome foi mudado para Freguesia de São João do Paraguaçu, e retornando com o nome Mucugê apenas em 1917. Foi povoada por garimpeiros de Rio de Contas e também do Tejuco, atualmente conhecido como Diamantina. Rapidamente a vila já abrigava em torno de 12.000 pessoas, vindas não só de diversas partes do Brasil, como também do exterior (PLANO DIRETOR URBANO DE MUCUGÊ, 2001 apud CEZAR, 2008, p. 17).

[...] garimpeiros espalharam-se de Mucugê para toda a região circunvizinha à procura das pedras preciosas e descobriram no leito de um riacho em Lençóis diamantes tão bons quanto os de Mucugê,

que pareciam jorrar como água de uma fonte inesgotável. A notícia espalhou-se como o “abrir e fechar de olhos” e, de repente, Lençóis foi invadida por nuvens de garimpeiros vindos das mais diversas paragens do sertão, da Província da Bahia e de Minas Gerais. (PINA, 2005, p. 38)

A população ia crescendo de forma acelerada, e logo surgiu o Povoado de Lençóis, que pertencia a Santa Isabel do Paraguaçu. Em 1856, através da Lei provincial nº 604, o Povoado foi elevado à Vila, denominado de Comercial Vila dos Lençóis, se tornando independente de Mucugê (PINA, 2005). Devido à enorme quantidade de diamantes encontrados nos leitos dos rios Lençóis e São José, Lençóis acabou por ser elevada à condição de capital das Lavras Diamantinas. A economia de extração mineral não se restringia apenas ao nível nacional, mas os produtos destinavam-se também ao mercado internacional, como descreve alguns dos moradores de Andaraí naquela época:

De vez em quando, aparecia na cidade um daqueles homenzarrões louros que andavam sem chapéu, de sapatos de borracha e cachimbo na boca, ali se demorando de duas a três semanas. Eram os representantes das firmas estrangeiras importadoras de diamante e carbonatos. [...] (BRITO, 2005, p. 84)

Com a fama das minas de diamantes, também surgiram muitos coronéis, que, junto com seus jagunços, disputavam o domínio do poder, havendo grandes conflitos na comunidade (PINA, 2005, p. 39). Em meio a esse período conturbado, um dos herdeiros da Fazenda das Palmeiras, descobriu ricas jazidas de diamantes no leito do córrego Lajedinho. Assim como nas outras cidades, houve a migração de garimpeiros, negociantes, capangueiros, entre outros, originando então o Povoado das Palmeiras, que mais tarde se tornou a Villa Bella da Palmeiras, “a caçula das Lavras Diamantinas” (PINA, 2005, p. 39).

Porém, assim como ocorreu com o ouro, a prosperidade vinda da exploração do diamante começou a sofrer seu declínio a partir dos anos 1870. Por “quase um quarto de século, de 1845 a 1871” (SANTOS, 2006, p. 62), o ciclo do diamante das Lavras Diamantinas perde sua força por conta da descoberta das jazidas sul-africanas, por volta de 1865.

Até 1871 as Lavras Diamantinas prosperaram, o movimento era intenso, o povo ostentava o luxo e a grandeza. Os diamantes de todas as cores eram com o que o povo se preocupava; com a descoberta de diamantes na África do Sul e em Canavieiras, os preços despencaram

quebrando o comércio das Lavras. Em 1881, em vez de riqueza, campeava a pobreza; os poucos garimpeiros que ficaram mal ganhavam para comer. (PINA, 2005, p. 186)

Por um tempo, a população teve que encontrar outra fonte de renda, retomando então a como faziam antes dos garimpos, tendo a agricultura e a pecuária como meio de sobrevivência. Eram enviados para as feiras produtos como: “o milho, feijão, farinha, arroz, carne e também o açúcar, a rapadura, o aguardente, o café e até o fumo” (BRITO, 2005, p. 85). Cezar (2008) aponta que:

Na década de 1870 a exploração diamantífera entra em crise devido ao esgotamento dos solos da região e à descoberta de jazidas no sul da África. O comércio definhou e os garimpos foram abandonados pelos seus exploradores, iniciando-se um período de recessão e pobreza. A criação de gado, explorada pelas tradicionais famílias locais, voltou a ser a principal fonte de renda e emprego da região, assim como o cultivo de café e cereais [...] (p. 17)

As Lavras Diamantinas ainda obtiveram uma sobrevida quando houve a valorização do carbonado, “que até então era jogada fora por não ter valor comercial” (SALES, 1975, p. 116; MORAES, 1991, p. 37 apud BRITO, 2005, p. 89). Esta pedra foi utilizada em 1880 na abertura do Canal do Panamá, “na fabricação de brocas de perfuratrizes de rochas” (BRITO, 2005, p. 89). O preço do carbonado quase se igualou ao do diamante, possibilitando então uma breve retomada do desenvolvimento, vivendo, por um período, uma estagnação econômica (SANTOS, 2006, p. 63). A Figura 1 registra imagens do garimpo em Palmeiras, em 1940.

Figura 1 – Garimpo Rio Preto, Palmeiras, 1940



Fonte: Zenilda Pina, 2005, p. 183.

Quando, novamente, no início do século XX, o ciclo de diamantes perdeu sua força, a região passou a conhecer o ciclo do coronelismo, que brigavam pelo poder do território. Com a luta pela posse de terras e não tendo mais o diamante como fator de desenvolvimento econômico, as Lavras entraram em decadência mais uma vez, com seus habitantes migrando para outras cidades para fugir da pobreza que assolava a região. Em um momento mais à frente, a atividade extrativista de recursos minerais retornou por meio do garimpo mecanizado, com o auxílio de dragas, e passaram a competir espaço com uma atividade em ascensão: o turismo.

3.3 GARIMPO X TURISMO

O turismo começou a surgir como alternativa econômica em lugar da atividade mineral no município de Lençóis. O então prefeito da cidade, Olímpio Barbosa Filho procurava reviver algumas chácaras do município, mas não obteve apoio da população.

Olímpio Barbosa ouviu num programa de rádio que o Prefeito de uma pequena cidade do interior de São Paulo, cuja atividade pecuária estava em crise, pedia aos congêneres das cidades próximas que melhorassem a recepção e a infra-estrutura dos atrativos como forma de facilitar a chegada dos visitantes. (BRITO, 2005, p. 117)

Mesmo após ter algumas tentativas que não tiveram sucesso, o prefeito acreditava nas tradições e atrações naturais que o município detinha, então criou o Conselho Municipal de Turismo, através da Lei nº 190 de 30 de novembro de 1961, que trazia como competências:

Instalar um pequeno museu com exposição permanente de fotografias, livros, documentos, amostras e objetos sobre a História, Riqueza, Produção e lugares pitorescos do Município; estudar e promover a reconstituição e conserva dos edifícios e lugares históricos, bem como o aproveitamento e acesso aos recantos aprazíveis de Lençóis; incrementar por todos os meios o Turismo neste Município. (BRITO, 2005, p. 117)

Foi uma ideia vista como uma proposta à frente do seu tempo, cuja viabilidade não era muito promissora, visto que a BR-242 ainda não havia sido construída. Outro fator que tornou a exequibilidade difícil foi não receber o apoio do Governo do Estado e também a resistência da população do município.

Já nos anos 1970 os municípios da Chapada Diamantina ainda estavam afundados em crise, e uma das soluções encontradas foi o fomento do cultivo do café,

já que os solos e as condições climáticas de alguns municípios eram propícios. Com esse novo potencial, grupos empresariais externos à Chapada Diamantina começaram a chegar à região (BRITO, 2005, p. 94). Houve o estímulo à produção da cafeicultura e em seguida a outras atividades econômicas que foram incentivadas por projetos governamentais.

Em paralelo a esse fôlego que a economia estava ganhando, houve, ainda na década de 1970, “a construção das rodovias federais, principalmente, da BR-242 [...], trouxe impactos significativos portadores de mudanças regionais que se irradiavam para fora da Chapada Diamantina” (BRITO, 2005, p. 95). A construção da rodovia, que fez a conexão da Chapada com a região Oeste, possibilitou o escoamento de grãos e os primeiros passos para o desenvolvimento do turismo. Então,

Tais atividades também trazem à região um corpo técnico, formado por profissionais ligados a empresas de projetos e de assistência técnica pública e privada, agências bancárias, aos serviços públicos de saúde e educação e proprietários de estabelecimentos turísticos e comerciais, alguns anteriormente ligados aos comércios de diamantes. (BRITO, 2005, p. 95)

Paralelo a esses acontecimentos, o Prefeito Olímpio Barbosa tinha também inscrito a Prefeitura de Lençóis no programa de cooperação americano, *Peace Corps*. O *Peace Corps* era um grupo de voluntários que visava promover a “paz mundial e a amizade”, e tinha como uma de suas metas “ajudar as pessoas dos países e das áreas interessadas a atenderem suas necessidades através da capacitação dos trabalhadores” (BRITO, 2005, p. 119). Ainda nos anos 1960, um voluntário deste grupo chegou à Lençóis, David Blackburn, e desenvolveu “temas relacionados à educação, noções de higiene, ajudava as pessoas a conseguir instrumentos rústicos de trabalho” (BRITO, 2005, p. 120). David também realizou atividades de conservação ambiental, entre 1965 e 1968. Contudo, observando o apego da comunidade ao passado, em seu relatório, ele desaconselhou a continuidade do trabalho dos voluntários na cidade.

Apesar disso, em 1969, outro voluntário foi para Lençóis após ser estimulado por Michael Patrick que trabalhou com o Corpo da Paz em Andaraí. Michael defendeu a continuidade do envio de voluntários para o município de Lençóis, enviando então, no início dos anos 1970, Steve Horman. Através de um treinamento social e uma pesquisa, Steve salientou que “visava incluir Lençóis no rol das cidades a serem estudadas pelo IPHAN para se tornar Patrimônio Nacional” (BRITO, 2005, p.122),

pois, através disso poderia gerar um maior interesse turístico da cidade. Sobre Lençóis,

Seu acervo arquitetônico é formado, basicamente, por casas e sobrados da segunda metade do século XIX, construídos com diferentes técnicas, entre as quais predomina a utilização do adobe ou pedra, e estruturas independentes de madeira com vedação em taipa de mão. Este casario se caracteriza pelas cores vivas de suas alvenarias e esquadrias. A arquitetura civil tem uma importância maior que a religiosa, e não existe apenas um monumento dominante no conjunto tombado. (IPHAN, s.d, n.p)

A inscrição para o II Encontro de Governadores sobre a Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em outubro de 1970, só foi possível porque em Lençóis havia o Conselho Municipal de Turismo, fundado, nos anos 1960, pelo prefeito Olímpio Barbosa. Após levarem o levantamento histórico e socioeconômico de Lençóis, o tombamento ocorreu dentro de três anos, em 1973, pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), sendo denominada então de “Cidade Monumento Histórico Nacional” (BRITO, 2005, p. 123).

Não somente lhe homologamos o julgamento – porque Lençóis deverá ser preservada na sua arcaica e bela estrutura –, como lhe juntamos argumentos veementes: porque Lençóis deve ser conhecida como um nobre e raro modelo de cidade feita, refeita, contrafeita ao sabor do povoamento ambicioso, repetindo no século romântico (o XIX) a aventura mineira do século barroco (o XVIII). (COSTA apud SANTOS, 2006, p. 71)

A década de 1970 foi de muitos acontecimentos para renovar o setor econômico da região, houve a elaboração do 1º Plano de Turismo do Recôncavo, onde o Governo do Estado começou a verificar a necessidade da descentralização do turismo de Salvador para outros locais turísticos da Bahia. A primeira tentativa que o Governo do Estado realizou foi uma ação planejada em 1974, enviando para a Chapada Diamantina uma equipe técnica da Coordenação de Fomento ao Turismo, que era ligada à Empresa de Turismo da Bahia (BAHIATURSA), para efetuar o diagnóstico de três municípios: Lençóis, Andaraí e Mucugê (BRITO, 2005, p. 124).

Dando sequência ao propósito de levar o turismo para o interior do Estado, a BAHIATURSA (atual Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia) desenvolveu o Programa Caminhos da Bahia, que através de estratégias de marketing e agentes do ramo turístico, conseguiu promover a interiorização do turismo, bem como criar e efetivar novas áreas turísticas. O primeiro passo dado foi o de implantar

estabelecimentos que os turistas pudessem se hospedar, como a Pousada de Rio de Contas e a Pousada de Lençóis, ambas nos municípios de respectivo nome. Santos (2006, p. 78) destaca que

O secretário Paulo Gaudenzi lembra que foi o Governo do Estado que tomou a iniciativa de fazer o primeiro hotel em Lençóis, depois a de ampliá-lo, e asfaltar os 12 km da BA-850, que liga a cidade à BR-242. Em seguida, lembra, “o governo fez uma série de contatos com empresas que trabalham com turismo de aventura, de ecoturismo entre outros, isso tudo foi feito”.

A inauguração da Pousada de Lençóis foi no ano de 1979, e disponibilizava 18 apartamentos. Pelo período de 3 a 5 anos ela foi administrada pelo Governo do Estado, e somente em 1982 sendo arrendada por um ex-diretor da BAHIAATURSA, que ampliou a disponibilidade de apartamentos de 18 para 36 (BRITO, 2005, p. 127).

O final do século XX foi palco de três momentos importantes para a região da Chapada Diamantina. Ao passo que vinha se tornando uma realidade o desenvolvimento do turismo como uma nova oportunidade de renda, ainda havia resistência por parte dos garimpeiros, pois, apesar de ter se tornado uma atividade que já não vivia mais o seu momento de apogeu, ganhou um fôlego novamente na década de 1980, com os garimpos mecanizados (Figura 2).

Em 1982, explodiu uma outra grande “influência” no leito e às margens do Rio Preto e do Rio São João, em Campos de São João. A notícia das grandes explorações de diamantes nos leitos dos rios de Lençóis, Andaraí e Mucugê, despertou a cobiça que estava adormecida nos corações de velhos mineradores, como vulcões que, de repente, entram em erupção revolvendo o interior da terra, deixando o estrago; assim aconteceu nos leitos dos rios das Lavras. Os garimpeiros e aventureiros entraram em ação com o “garimpo mecanizado”; eram as dragas que através das mãos dos mineradores sugaram as águas, removendo o subsolo, retiravam o cascalho em busca de pedras preciosas; foi uma verdadeira epidemia; pedreiros, ajudantes, motoristas, homens das mais diversas profissões se entregaram ao novo mister em busca da fortuna; o diamante jorrava em profusão; os bambúrrios eram constantes [...] (PINA, 2005, p. 191-192)

Figura 2 – Garimpo mecanizado no leito do Rio São João, 1991.



Fonte: Zenilda Pina, 2005, p. 185.

E o último momento de destaque veio do fato dos movimentos sociais que se preocupavam com o meio ambiente e com a destruição que o garimpo de dragas vinha acarretando à região, então passaram a colocar em prática medidas para a proteção do meio ambiente. Foi então que começou a surgir a ideia, por volta do início dos anos 1980, da criação de um Parque Nacional para proteger a fauna, a flora e outros atrativos da região da Chapada Diamantina.

3.4 PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA

A exploração em demasia de diamantes e outros recursos ambientais por parte do garimpo foi o ponto chave para a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina. De acordo com Ganem e Viana (2006), grupos de ambientalistas começaram a se movimentar em favor da preservação e tiveram o apoio do Governo Federal para a proteção do ecossistema. Os Parques Nacionais (PARNAS) surgiram em decorrência das consequências dos impactos ambientais, sentidas principalmente após a Revolução Industrial. Rios, solos e ar sendo poluídos, desmatamento e outros problemas “alertaram para a urgência em desenvolver práticas preservacionistas de proteção à vida selvagem” (COSTA, 2015, p. 24).

O primeiro Parque Nacional, de acordo com registros, foi desenvolvido nos Estados Unidos, o Parque de Yellowstone. Criado no século XIX, a corrente preservacionista norte-americana via “os parques nacionais como a única forma de salvar a natureza dos impactos do desenvolvimento urbano” (COSTA, 2015, p. 24). A implantação de parque nacional no Brasil ocorreu em 1937, o Parque de Itatiaia, cuja localização é na Serra da Mantiqueira, divisa do Rio de Janeiro com Minas Gerais. De acordo com o Decreto nº 84.017 de 21 de setembro de 1979, Parques Nacionais:

São áreas geográficas extensas e delimitadas, doadas de atributos naturais excepcionais, objeto de preservação permanente [...] destinam-se a fins científicos, culturais, educativos e recreativos e, criados e administrados pelo Governo Federal (IBAMA), constituem bens da União destinados ao uso comum do povo, cabendo às autoridades, motivadas pelas razões de sua criação, preservá-los e mantê-los intocáveis. (BRASIL, 1979, p. 1 apud BRITO, 2005, p. 165)

O modelo de Parque Nacional no Brasil foi importado dos Parques norte-americanos, que visam “os modelos de paisagens intocadas destinadas a áreas de proteção integral” (COSTA, 2015, p. 25). A partir disso, o modelo é muito criticado, já que nos Estados Unidos os parques foram decretados em paisagens consideradas ainda “selvagens” e sem ocupação, enquanto no Brasil, a implantação foi em “áreas onde já havia concentração populacional e de atividades humanas”, como é o caso da Chapada Diamantina.

A criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina se deu através do Decreto Federal nº 91.655 de 17 de setembro de 1985, tendo por objetivo:

Proteger amostra dos ecossistemas da Serra do Sincorá, na Chapada Diamantina, assegurando a preservação de seus recursos naturais e proporcionando oportunidades controladas para uso pelo público, educação, pesquisa científica e também contribuindo para a preservação de sítios e estruturas de interesse histórico-cultural existentes na área. (BRASIL, 1985, p. 1 apud BRITO, 2005, p. 165)

O Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD) ocupa uma área de aproximadamente 152.441 hectares, abrangendo seis municípios: Palmeiras, Lençóis, Mucugê, Andaraí, Ibicoara e Itaetê (SANTOS, 2018, p. 30), conforme apresentado no Cartograma 2. Sua sede está localizada no município de Palmeiras.

Cartograma 2 – Delimitação do PNCD



Fonte: IBGE (2015) e ICMBio (2015) apud COSTA, 2015, p. 33.

Dentro do PNCD é possível encontrar os principais atrativos da Chapada. Ganem e Viana (2006) destacam que o Parque está interligado a outras Unidades de Conservação da região, sendo a principal delas a Área de Proteção Ambiental (APA) Estadual de Marimbus-Iraquara que foi criada a partir do Decreto Estadual nº 2.216 em 14 de julho de 1993. Esta APA possui uma área de 1.254 km² e engloba os municípios de Iraquara, Lençóis, Palmeiras, Andaraí e Seabra (BAHIA, 1998, p. 4 apud BRITO, 2005, p. 215). De acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), APA corresponde a:

Uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. (BRASIL, 2000)

No que tange ao turismo, lazer e similares, é possível que essas atividades sejam desenvolvidas dentro do Parque, desde que não perturbem o ambiente e

desvirtuem as finalidades de um Parque Nacional, a exemplo de: caminhadas, contemplação, escaladas, piqueniques, fotografias, filmagens, acampamentos, entre outras similares.

O segmento de turismo desenvolvido dentro de um Parque Nacional é o ecoturismo, que visa principalmente o contato e o respeito à natureza. Esse é um meio que contribui para a valorização do patrimônio natural e cultural, além de ser importante no que diz respeito ao desenvolvimento do local, através da promoção de atividades turísticas que geram diversos fatores positivos.

Blangy e Wood (1995, p. 17 apud BRITO, 2005, p. 61), descrevem o ecoturismo como uma “viagem responsável a áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e promover o bem-estar da população local”. Já de acordo com a EMBRATUR (1994), o ecoturismo pode ser definido como

Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas. (EMBRATUR, 1994, p.19 apud CEZAR, 2008, p. 24)

Honey (1999 apud CEZAR, 2008, p. 24) ainda acrescenta que esse tipo de turismo “[...] envolve viagens a destinos de natureza. Estes destinos são frequentemente áreas remotas, habitadas ou não, e que normalmente estão sob algum tipo de proteção ambiental, seja nacional, internacional ou privada”. É um segmento importante para a conscientização ambiental, não só do visitante, mas também da comunidade local, acarretando na tentativa de minimização dos impactos causados durante a visita. Além da consciência ambiental gerada, o ecoturismo é relevante para garantir benefícios financeiros, através de taxas de visitação, para investir na manutenção, proteção e pesquisas ambientais.

E também o turismo de aventura, já que o Parque permite atividades como escalada, mergulho, tirolesa, paraquedismo, trekking, entre outras, desde que se mantenha a conservação do meio ambiente local.

A criação do Parque demarcou uma área que vinha, há décadas, sendo utilizada por moradores como meio de sobrevivência, seja através do garimpo, da caça, retirada de madeira ou então da agricultura de subsistência (BRITO, 2005), o que foi difícil para a comunidade entender que não se podia mais utilizar da flora nativa. Santos (2006) ainda destaca que, até o ano de 2006, mesmo possuindo 20

anos de existência, e com inúmeros estudos científicos, ainda não havia sido desenvolvido um plano de manejo e a questão fundiária não tinha sido solucionada, as comunidades permaneciam no interior do Parque e não haviam realizado nenhum tipo de indenização para as mesmas.

De acordo com Santos (2018), cerca de 160 famílias, algo em torno de 700 pessoas, ainda habitam no interior do Parque (SANTOS, 2018), o que vai de encontro ao modelo de Parque, onde deveria ser uma área protegida e sem ocupação. A questão fundiária segue sendo indefinida e, por isso, de acordo com Ganem e Viana (2006), o PNCD ainda não possui cercas e portarias.

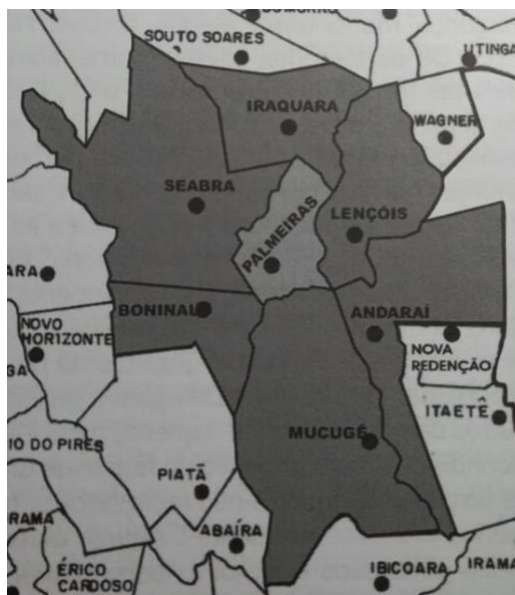
4 O TURISMO EM PALMEIRAS

Palmeiras é um dos municípios da Chapada Diamantina, do Circuito do Diamante, que fazem parte do Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD) e está localizado na região central do Estado da Bahia, cerca de 448 km de distância da capital, 1.028 km de Brasília e aproximadamente 1.700 km de São Paulo. O acesso ao município se dá por meio de rodovias federais e estaduais, BR-324, BR-116 e BR-242 (SANTOS, 2013) e BA-849, e por meio aéreo para o Aeroporto Coronel Horácio de Matos no distrito de Lençóis, Tanquinho, a cerca de 53 km de Palmeiras.

Sua população estimada é de 9.123 habitantes, de acordo com o IBGE (2021), em uma área de unidade territorial de 737,454 km² (IBGE, 2022). Faz divisa ao norte com Iraquara, a leste com Lençóis, a oeste com Seabra e ao sul com Mucugê (Cartograma 3). Possui como distritos: Caeté-Açu (Vale do Capão), Campos de São João, Lavrinha, Tejuco, Serra Negra, Ribeirão, Conceição dos Gatos, Matão, Lagoa dos Patos, Volta da Serra, Corcovado, Lagoa Sagrada, Cruz, Esbarrancado, Rio Grande, Taquari, Carmona, Rio Preto (PINA, 2005).

A tipologia climática encontrada em Palmeiras é de seco a subúmido, com temperatura média anual de 21°C. Embora descrito como clima seco, a altitude do município acaba influenciando diretamente, de forma que ocorre a atenuação da temperatura. Os meses de chuva são: novembro, dezembro e janeiro. Enquanto os meses mais secos são: julho, agosto e setembro.

Cartograma 3 – Palmeiras e os municípios de divisa



Fonte: Zenilda Pina, 2005, p. 215.

As atividades econômicas desenvolvidas na região são: agropecuária, indústria, serviços e turismo (PINA, 2005, p. 360) que tem grandes possibilidades de se tornar uma das principais atividades, se bem planejado. No que se refere à saúde, o município dispõe de seis estabelecimentos de saúde públicos, cujo tipo de atendimento é sem internações (IBGE, 2009). Mas, também é atendido pelo Hospital Regional localizado no município vizinho, Seabra. Quanto à parte de saneamento, a empresa responsável é a Embasa, disponibilizando na área urbana uma rede pública, fossa séptica e fossa rudimentar (INFOSANBAS, 2020), enquanto a rural é atendida pelo sistema fossa séptica, fossa rudimentar e vala. Sendo 98% dos domicílios atendidos na área urbana, e 75% na área rural. A coleta de lixo é um ponto delicado no município, que será aprofundado mais adiante, mas é possível adiantar que na área urbana e rural a coleta tem sido em caçamba do serviço de limpeza, há também quem queime o lixo na propriedade, porque o serviço de limpeza não chega até o local, ou então é jogado em terreno baldio ou logradouro.

No quesito do serviço de energia, a empresa responsável é a Coelba. As residências representam 53% do consumo de energia, já os estabelecimentos comerciais são responsáveis por 13% desse consumo, no caso do setor agrícola, ele responde por 8,6% do consumo total e, por fim, o consumo de energia pelos órgãos públicos representa 20,7% do total (DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO, 2019, p. 37). No que se refere às redes de comunicação, Palmeiras dispõe de telefonia fixa, telefonia móvel, com as operadoras Tim, Claro e Vivo funcionando apenas na sede do município, internet, comunicações postais e SEDEX, através de uma agência dos Correios.

Quanto à educação no município, de acordo com o Censo do INEP (2012 apud DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO, 2019, p. 76), o município possui 34 estabelecimentos de ensino, sendo 50% do Ensino Fundamental, 2,9% do Ensino Médio e 47,1% do Pré-Escolar. Segundo o IBGE (2010), a taxa de escolarização de 6 a 14 anos, estava em 96,2%. Ainda de acordo com o IBGE, em 2021, as matrículas no ensino fundamental correspondem a 1.513 matrículas, já no ensino médio, totalizam-se 408 matrículas. O IBGE (2021) aponta uma diminuição na quantidade de estabelecimentos de ensino apresentados anteriormente pelo Censo INEP (2012), sendo 13 escolas de ensino fundamental e uma escola de ensino médio.

4.1 VILLA BELLA DAS PALMEIRAS

A história de Palmeiras começa por volta de 1819, quando Joaquim Pereira dos Santos, um fidalgo descendente de portugueses, comprou um trato de terras do Capitão-mor, Francisco José da Rocha Medrado. A área comprada por Joaquim possuía enormes palmeiras, além de ser banhada pelo Rio Preto e cortada pela Estrada Real, que era o “caminho que servia para escoar as riquezas do Brasil na época da Colônia” (MELADO, 2022, n.p).

Joaquim Pereira construiu uma casa para sede da fazenda e uma choupana para oficina de farinha reservando uma pequena área para lavoura de subsistência. O restante das terras foi transformado numa fazenda de café à qual o Sr. Joaquim deu o nome de Fazenda das Palmeiras, devido ao palmeiral ali existente. (PINA, 2005, p. 55)

Alguns anos mais tarde, um dos herdeiros de Joaquim, seu filho Antônio Pereira dos Santos, descobriu diamantes na Fazenda das Palmeiras no Córrego Lajedinho. Pina (2005) aponta que em 1864, um Coronel, o Sr. Balbino de Oliveira Neves e o Comendador Geminiano Ferraz Moreira passavam pelo Córrego Lajedinho, quando avistaram dois homens garimpando no local. O Coronel, chegando à casa de Manoel Rosa, irmão de Antônio Pereira dos Santos, perguntou se ali também dava diamantes, Antônio então retirou da “capanga” um cesto de diamantes que deixaram o Coronel tão admirado que o mesmo resolveu comprar a pequena partida das pedras.

A notícia se espalhou por toda a região, nascendo ali a caçula das Lavras Diamantinas, e logo foi aumentando o número de garimpeiros, negociantes e aventureiros que chegavam à Fazenda das Palmeiras. Com o grande contingente de pessoas que ali chegavam, as construções foram melhorando e em pouco tempo a fazenda se transformou em povoado, Povoado das Palmeiras ou Povoado das Palmeiras de Lençóis. Araújo (2010, p. 76) comenta que,

O afluxo intenso de aventureiros, comerciantes e garimpeiro fez criar um arraial que prosperou rápido, graças à facilidade com que se faiscava o diamante no leito dos rios e às notícias da abundância das pedras, abrindo caminho para o surgimento da Villa Bella das Palmeiras.

Em 1889, os líderes do Partido Conservador juntamente com um grupo de homens endereçaram ao Governador do Estado, José Gonçalves da Silva, um pedido de emancipação política do Povoado das Palmeiras. De acordo com Pina (2005, p.

112), “em 23 de dezembro de 1890, o Povoado das Palmeiras foi elevado à categoria de Vila, com denominação de Villa Bella das Palmeiras”. Pouco depois, em 15 de janeiro de 1891, instituiu-se o Município de Villa Bella das Palmeiras, e apenas em 1930, a partir do Decreto Estadual nº 7.120 de 13 de dezembro, a sede passou a ser chamada apenas de Palmeiras (ALVES, 1985).

Os garimpeiros que primeiro chegaram quando ainda era a Fazenda das Palmeiras, vieram de Grão Mongol em Minas Gerais e de diversos lugares da Bahia. A população de Palmeiras viveu por muitos anos praticamente apenas do serviço de mineração. Pina (2005) destaca que o município chegou a registrar 2.740 garimpeiros.

No período da crise, quando houve a descoberta de diamantes na África do Sul, Palmeiras conseguiu se manter graças a produção de café, considerada de rara qualidade. Já no início do século XX, o município passou a ter novas descobertas de pedras preciosas e semipreciosas. Freire (2020, p. 18), evidencia a “Influência do Cristal”, que foi a descoberta, entre 1935 e 1936, que fizeram os garimpeiros não se interessarem apenas no diamante, mas também no cristal. “O cristal era um material Bélico que servia para fazer peças de guerra. Com a II Guerra Mundial em 1940, o cristal teve seu momento do auge devido à sua procura no comércio”, destaca Freire (2020, p. 18).

Mais uma vez, a Villa Bella das Palmeiras teve seu momento de crescimento, com as casas sendo construídas com características do estilo eclético (FREIRE, 2020). Também foram abertas novas ruas, construiu-se uma nova praça (Figura 3) e a população exibiu a riqueza e o luxo. Pina (2005) comenta que a Rua Coronel Antônio Afonso e a Praça Dr. José Gonçalves, localizadas no centro da cidade, chegavam a ser comparadas com a Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro, pois eram o local de consumo e de encontro da população. A vida noturna era bastante movimentada com cabarés, forrós, cassino e bailes. Para complementar a intensa vida noturna da época, houve a construção do Cine Rocha “onde eram exibidos grandes filmes como: ‘Romeu e Julieta’, ‘E o Vento Levou’, ‘Sissi, a Imperatriz’, e outros” (PINA, 2005, p. 191).

Figura 3 – Praça de Palmeiras



Fonte: Autoria Própria, 2023.

Por volta de 1951, a mineração do cristal entrou em declínio, e o município entrou em decadência, com sua população migrando para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Assim como em Lençóis, o turismo em Palmeiras começou a dar os seus primeiros passos por volta da década de 1960. De acordo com Pina (2005, p. 265) “com a descoberta da Cachoeira da Fumaça em 1962, sua divulgação atraiu curiosos do mundo que começaram a divulgar a beleza ecológica da região”. Em 1982, como visto anteriormente, em meio a diversos acontecimentos importantes e o turismo começando a tomar forma na região, o garimpo volta agora com máquinas, conhecidas como dragas. Pouco tempo depois, em 1985, é decretada a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, tendo o município de Palmeiras como sede administrativa.

Entre 1987 e 1992 a Chapada teve um destaque especial através da divulgação em matérias de jornais, revistas sobre a questão ambiental e outros dois momentos em especial: o programa de televisão “Fantástico” e a novela “Pedra sobre Pedra”. Em agosto de 1987 foi exibida uma reportagem no “Fantástico” sobre a Cachoeira da Fumaça, atrativo localizado no município de Palmeiras. Enquanto, em 1992, a novela “Pedra sobre Pedra”, produzida pela TV Globo e escrita por Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares apresentava diversos cenários da

Chapada Diamantina em sua abertura, sendo dois deles do município de Palmeiras, o Morrão e o Morro do Camelo.

Mesmo ganhando visibilidade através dos seus atrativos e fazendo parte do Circuito do Diamante, que foi priorizado pelo PRODETUR/BA para o desenvolvimento da atividade turística, Palmeiras não recebeu tantos incentivos e o turismo no município não foi bem planejado. O turismo na cidade foi realizado de forma mais intuitiva e, de certa forma, segue assim até os dias atuais, como será abordado adiante.

O turismo no município ganhou forças principalmente por conta de um dos seus distritos, Caeté-Açu, mais conhecido como Vale do Capão, ou apenas Capão. O distrito de Caeté-Açu foi criado em 30 de dezembro 1953, pela Lei nº 628, e está a 1.000 metros de altitude, contornado por serras e morros (COSTA, 2015, p. 42). Começou a atrair visitantes na década de 1960, principalmente jovens, que estavam em busca de “encontrar o seu eu interior” (PINA, 2005, p. 265) e estar em contato com a natureza. Pina (2005, p. 270) relata que “para Caeté-Açu vieram doutores, massagistas, fotógrafos, músicos, engenheiros, professores universitários e pós-graduandos, hippies, [...] mochileiros”, e com o advento do ecoturismo, o Capão passou a receber ainda mais visitantes.

O distrito localiza-se a 21km de distância da sede Palmeiras e conta com diversos atrativos naturais e culturais, cativando visitantes de todas as partes do mundo, que se encantam com suas paisagens, manifestações culturais, e seu ar místico, que também atrai muitas pessoas que buscam o turismo esotérico. Atualmente, estima-se que o Vale do Capão possua uma população de 3.300 habitantes fixos (UZÊDA, 2022), o que foi um salto muito grande, visto que em 2014, um estudo de sustentabilidade apontou que 1.600 pessoas moravam no Vale.

Por estar sempre recebendo visitantes, o Capão acabou se desenvolvendo turisticamente e possui uma boa infraestrutura de hotéis, pousadas e restaurantes para atender a essa demanda, mas também não foi um turismo bem planejado, foi acontecendo de forma espontânea. Atualmente, há muitas reclamações por parte de moradores a respeito do turismo desenfreado, que está acarretando no aumento da poluição, especulação imobiliária e superlotação em épocas de alta estação, indo de encontro ao modo de vida dos moradores, que vivem ali por conta da tranquilidade e do contato com a natureza.

O que não ocorre na sede do município, que possui pouca oferta de meios de hospedagem, e ainda muito menos oferta no que se refere ao setor de alimentos e bebidas, como restaurantes. Mesmo dispondo de diversos atrativos, muitos destes famosos internacionalmente, e de uma localização considerada privilegiada, por estar no centro, fazendo divisa com os principais municípios do Circuito do Diamante, a sede ainda fica para trás em comparação com municípios vizinhos no quesito turismo. É essa atratividade turística pouco aproveitada e desenvolvida que chama atenção para o que está acontecendo no município e de que forma o turismo pode começar a ser um fator importante de desenvolvimento econômico para a população local.

Através de observações diretas e registros de dados de campo durante a pesquisa *in loco* realizada entre os dias 12 e 22 de abril de 2023, foi possível destacar alguns pontos da infraestrutura para atender à demanda turística. Com relação aos meios de hospedagem presentes na sede do município, foram contabilizadas um total de oito pousadas; já com relação a locais de venda de alimentos, bebidas, itens domésticos e produtos de higiene, foi observada a existência de seis minimercados e cinco mercearias; quatro farmácias; uma agência bancária (Banco do Bradesco); uma casa lotérica; onze lanchonetes; três sorveterias; cinco restaurantes/pizzaria, sendo que muitos são localizados nas pousadas; três quitandas; uma panificadora; quatro açougues, porém existem mais que não puderam ser contabilizados por conta da reforma no Mercado Municipal; nove bares, sendo que a sua maioria não possui boa estrutura; dois postos de combustível; duas distribuidoras de gás; seis lojas de serviços eletrônicos; uma agência dos Correios e duas opções de serviços de internet. Alimentando ainda a parte da infraestrutura, ocorre no município, tradicionalmente aos sábados, a feira, com grande diversidade de frutas, verduras, temperos, plantas, roupas e carnes.

Quanto à oferta de atrativos turísticos, o município dispõe de grande diversidade. Seus atrativos naturais atraem visitantes nacionais e internacionais. Há também atrativos culturais, que vêm ganhando seu espaço, atraindo principalmente visitantes regionais.

4.1.1. ATRATIVOS

Um atrativo é considerado um elemento, natural ou cultural, que serve de motivação para o deslocamento de pessoas para visitá-lo (SÃO PAULO, s.d. apud

MINISTÉRIO DO TURISMO, s.d). O SEBRAE SP (200-, p. 10) destaca que “é o recurso natural ou cultural formatado em negócio, que atenda todas as especificações necessárias para comercialização e recepção de turistas, com responsabilidade social, ambiental e cultural”, além de salientar que cada atrativo turístico é único, possuindo seu valor e capacidade de atração específicos.

Os atrativos são o que vão auxiliar na decisão do visitante por determinado destino, por isso são considerados um ponto importante. Para o SEBRAE SP (200-, p. 12) “é a partir da oferta de atrativos turísticos formatados que o destino vai se posicionar no mercado e captar o fluxo turístico”. No quesito oferta de atrativos turísticos, Palmeiras possui grande diversidade, com atrativos naturais e culturais, importantes para o desenvolvimento turístico.

4.1.1.1 Atrativos naturais

Os atrativos encontrados em Palmeiras vão desde morros e cachoeiras até pinturas rupestres. O principal atrativo natural, que é considerado o cartão postal da Chapada, é o Morro do Pai Inácio, que fica localizado no km 231 da BR-242. Para acessar o atrativo, uma parte é feita de carro ou ônibus de excursão por uma estrada de terra em péssimo estado de conservação.

Chegando na metade do trajeto, encontra-se uma portaria com dois funcionários, que vão orientar o tempo de subida, oferecer equipamento que auxilie na trilha (um bastão de ferro) e cobrar a taxa de entrada. A taxa é de R\$12,00 por pessoa, sendo que para estudante, idoso ou professor que apresente o comprovante, o valor é de R\$6,00, em espécie, não aceita outra forma de pagamento. Ainda na portaria, vendem-se alguns doces como balas, chicletes, chocolate, bolacha e paçoca, e também salgadinhos e água, em pequena quantidade. Não é possível encontrar restaurantes ou lanchonetes no atrativo. Dispõe de pouca infraestrutura, encontrando-se apenas instalações sanitárias que não estão em boas condições.

Antes de começar a trilha de aproximadamente 20 minutos de subida, o visitante passa por algumas placas, uma na portaria (Figura 4) e outras no início da trilha. A placa da portaria contém informações sobre os dias e horários de visitação, que é de 9h até 17h, todos os dias; a capacidade máxima de visitação, que é de 60 pessoas, porém, não há fiscalização a respeito disso e muitas vezes essa capacidade

é excedida; e informações para não deixar lixo no local, não retirar plantas, pedras ou animais e não fazer acampamentos ou fogueiras.

Figura 4 - Fotografia da placa de informações na portaria do atrativo Morro do Pai Inácio



Fonte: Autoria Própria, 2023.

Nas duas placas seguintes (Figura 5), é informado que o atrativo é um Parque Natural Municipal, “Decreto de Lei nº 550, de 14 de dezembro de 2001. Cria o Parque Natural Municipal do Morro do Pai Inácio. Unidade de Conservação”, a placa ainda informa a restrição de animais domésticos, bicicleta, som alto, acampamento, coleta de plantas e minerais, piquenique, lixo, fogo e caça. Novamente destaca-se o horário de funcionamento, e informa que a organização gestora do atrativo é a Prefeitura Municipal de Palmeiras juntamente com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Sustentável de Palmeiras (SEDESP).

Figura 5 – Fotografia das placas com informações sobre o Parque Natural Municipal Morro do Pai Inácio



Fonte: Autoria Própria, 2023.

E na última placa (Figura 6) se encontram informações de quem gerencia o atrativo, e a geologia do Morro. Dentre as informações está a de que o Morro do Pai Inácio é a confirmação de um dobramento geológico que ocorreu a pelo menos 800 milhões de anos, e que do seu mirante é possível observar esse acontecimento, ao vislumbrar o Morrão ao longe, a Serra da Bacia à direita e outra serra à esquerda. Em seu total, o Morro chega a 1.150 metros de altitude.

Figura 6 – Fotografia da placa de informação da geologia do Morro do Pai Inácio



Fonte: Autoria Própria, 2023.

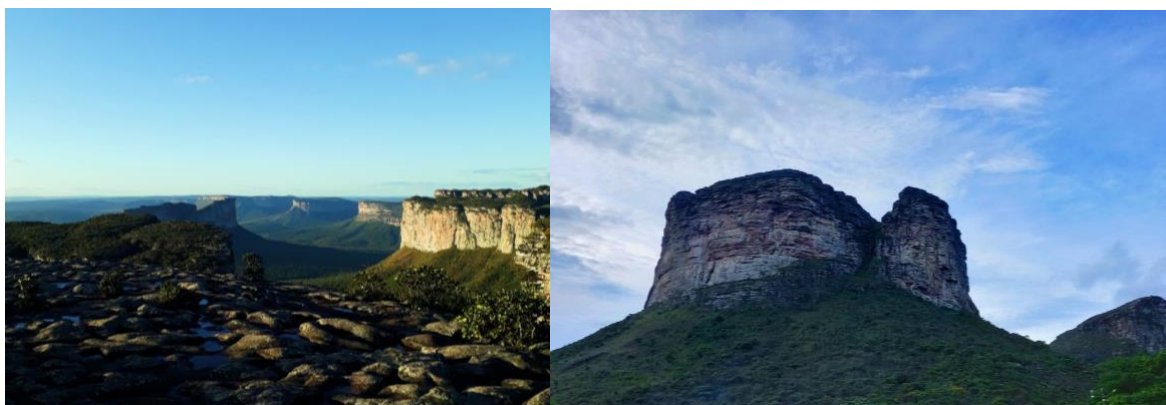
No topo do Morro do Pai Inácio, o visitante poderá apreciar a paisagem, vislumbrando outros morros famosos, como o Morro do Camelo e os Três Irmãos,

além de ouvir a história da Lenda do Pai Inácio contada pelos guias, que chegam a interpretar o pulo dado por Inácio, que fugia dos capangas do coronel (Figura 7).

No Pai Inácio, perto do povoado de Campos de São João, havia um casal muito feliz que possuía vários escravos. Um deles chamado Inácio, apaixonou-se pela esposa do seu senhor e é correspondido; surge assim um caso de amor secreto entre os dois. Certo dia, foram surpreendidos pelo esposo e este, revoltado, tenta matar o escravo que desesperado refugia-se num morro, mas sendo descoberto, se vê obrigado a pular. Abre o guarda-chuva e o transforma num pára-quedas, milagrosamente pula do morro escapando são e salvo, conseguindo fugir sem que nada lhe acontecesse. (LENDA DO PAI INÁCIO, PINA, 2005, p.310/311)

Por muitos anos, a administração do Pai Inácio foi feita pelo Grupo Ambientalista de Palmeiras (GAP), que será abordado mais adiante, mas, em 2021, perderam a administração, que agora é feita pela Prefeitura. Em documento endereçado ao Promotor de Justiça Regional Ambiental de Lençóis, cedido por um representante do GAP para a presente pesquisa, é possível compreender a insatisfação do grupo ambientalista com essa decisão de não fazerem mais parte da administração do Parque Municipal do Pai Inácio. No documento eles destacam que no ano de 2021 ocorreu o Termo de Ajustamento de Conduta entre a Prefeitura Municipal de Palmeiras e o Ministério Público da Bahia para regularizar Unidades de Conservação do município. Dentro dos artigos 22, 23 e 35 da Lei 13.019/2014 há um procedimento designado a selecionar organizações da sociedade civil para estabelecer parceria através de um termo de colaboração ou de fomento com a administração pública para a obtenção de finalidades de interesse público, através da realização de atividade e projetos previamente estabelecidos no Plano de Trabalho.

Figura 7 – Fotografias Morro do Pai Inácio, vista de cima do Morro e Morro visto da estrada



Fonte: Autoria Própria, 2023.

Em novembro de 2021, o Município publicou o Edital de Chamada Pública nº 001/2021, onde o GAP, única organização da sociedade civil de interesse público, submeteu seu projeto, que estava devidamente estruturado e de acordo com todos os requisitos solicitados pelo edital. O grupo visava continuar o trabalho que há mais de 20 anos era prestado e que é conhecido em todo o Brasil e no mundo. Contudo, no ano de 2022, o Município publicou em seu Diário Oficial nº 3308 o Aviso de Anulação de Chamada Pública, e o grupo entrou em contato para saber o motivo da anulação, não obtendo respostas da Prefeitura. Um novo Edital foi publicado em 16 de março de 2022 com a mesma proposta, e o Grupo Ambientalista de Palmeiras novamente foi o único a se inscrever, contudo, acabou não entregando o Plano de Trabalho dentro do prazo solicitado e foram novamente cortados, mas seguem na luta para retomarem a administração.

Outro atrativo muito conhecido é a Cachoeira da Fumaça, que é considerada uma das maiores cachoeiras do país, “com um paredão e queda d’água de quase 400 metros de altura” (GUIA CHAPADA DIAMANTINA, 2005). O nome é atribuído ao efeito que a força do vento provoca, impedindo que a água chegue à base, formando-se então uma espécie de fumaça com as gotículas de água que são borrifadas de volta para o topo da cachoeira.

É possível fazer a trilha de duas maneiras, uma com o acesso por cima e outra com o acesso por baixo. No acesso por cima, localizado na entrada do distrito Caeté-Açu, o esforço físico é de moderado a avançado, já que a trilha é de 6 km, sendo 2 km de subida, totalizando um tempo médio de 2h30min. Antes de subir, o visitante vai encontrar uma portaria, que é da organização gestora do atrativo, a Associação de Condutores de Visitantes do Vale do Capão (ACV-VC), onde será informado do horário de visitação, de 8h às 13h, e o pagamento opcional de taxa de visitação. O valor da taxa é revertido para a brigada de combate de incêndios do Vale do Capão. Esse atrativo possui uma boa infraestrutura, com locais para alimentação e instalações sanitárias de qualidade. No caso do acesso por baixo, trata-se de uma travessia de 36 km, com duração média de 3 dias, ou seja, é necessário acampar. O esforço físico é avançado, e é importante a contratação de guias qualificados.

Nos roteiros turísticos, a Cachoeira do Riachinho geralmente é comercializada em conjunto com a Cachoeira da Fumaça, visto que a Fumaça é um atrativo de contemplação da paisagem, e no Riachinho há a possibilidade do banho de cachoeira.

A cachoeira possui 12 metros de altura e um poço para banho. Ela está localizada na estrada entre Palmeiras e o Vale do Capão, seu acesso é feito através de uma estrada de terra. Antes de chegar à portaria do atrativo, há duas placas (Figura 8), uma sinalizando o Parque Natural Municipal do Riachinho, seu horário de visitação, das 9h às 17h, todos os dias, e a outra com algumas informações como: horário de funcionamento; capacidade máxima de 60 pessoas, mas que assim como no Morro do Pai Inácio, não há fiscalização a respeito; recomendação para não deixar lixo no local; não fazer fogueiras; não retirar plantas, animais e pedras do local; proibida a entrada de animais domésticos; proibida a entrada após as 17h; e a proibição de acampamento no atrativo. Na portaria se encontra um funcionário que irá cobrar a taxa de R\$12,00 por pessoa, dinheiro em espécie, e R\$6,00 para estudantes, idosos e professores. Próximo à portaria, há algumas mesas e bancos, e também, um pouco mais afastado, instalações sanitárias bem estruturadas.

Figura 8 – Placas de informações do atrativo Parque Natural Municipal do Riachinho



Fonte: Autoria Própria, 2023.

O atrativo é administrado pela Prefeitura Municipal de Palmeiras e pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Sustentável de Palmeiras (SEDESP). Em outra placa encontra-se a informação de que todo o dinheiro arrecadado na visitação é repassado ao Fundo Municipal para o Meio Ambiente, sob gestão do Conselho Municipal de Turismo e Meio Ambiente (COMTURMA), para garantir a conservação da biodiversidade e promover melhorias na atenção e recepção dos visitantes. Antes de iniciar a trilha, que dura em média 10 minutos e é de esforço físico leve, há mais uma placa informando o Decreto de Lei nº 552, de 14 de dezembro de

2001, que cria o Parque Natural Municipal do Riachinho, Unidade de Conservação, e a restrição de: animais domésticos, bicicleta, som, churrasco, caça, nudismo, piquenique, jogar lixo, fazer fogueiras, acampar e coletar plantas e minerais. No atrativo não há local de alimentação, mas, recentemente, abriu uma lanchonete que vende pastéis e caldo de cana, dentre outras comidas, assim como instalações sanitárias, um pouco antes da portaria do Riachinho. A Figura 9 retrata a Cachoeira do Riachinho.

Figura 9 – Fotografia da Cachoeira do Riachinho



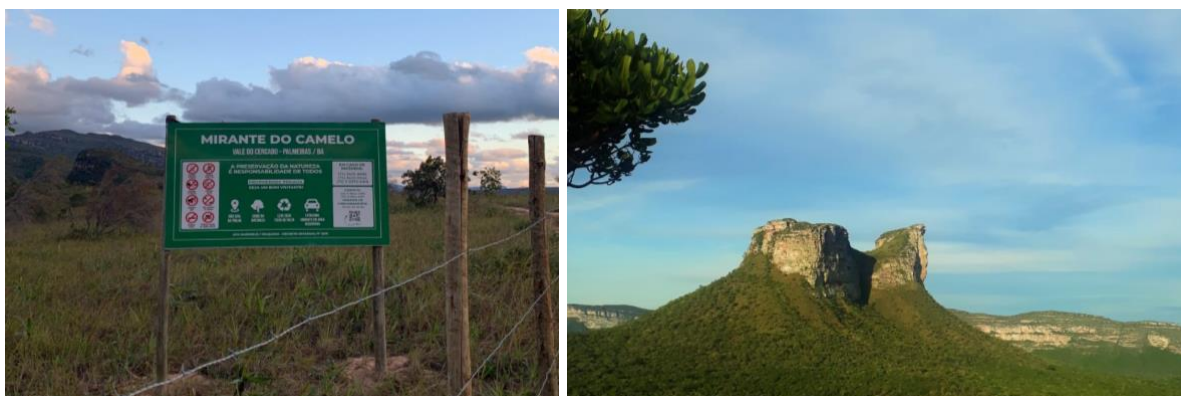
Fonte: Autoria Própria, 2020.

Também considerado um dos cartões postais, outro atrativo do município de Palmeiras é o Morro do Camelo, que possui esse nome por conta da sua forma que lembra a de um camelo deitado. Ele está situado a aproximadamente 4 km do Morro do Pai Inácio com 1.090 metros de altitude. Há um mirante em que o visitante pode ir para apreciar a bela paisagem do morro (Figuras 10 e 11). A entrada da estrada que leva até o mirante, fica paralela à entrada do Povoado de Campos de São João, pertencente a Palmeiras. Para quem vai de Palmeiras, a entrada localiza-se à esquerda da BR-242, uma estrada de terra que não possui placas de indicação.

O mirante está localizado em uma propriedade particular, mas a entrada é gratuita, basta estacionar o carro onde encontra-se a placa de informação do atrativo e andar até o local. Na entrada possui uma placa sinalizando a localização “Mirante do Camelo, Vale do Cercado - Palmeiras/ BA” (Figura 9 e 10), também apresenta algumas restrições como a proibição de fogueira, jogar lixo no local, extração da fauna, caçar, som, alimentar os animais, fumar e o acesso de carros e motos. Na placa há a conscientização sobre a preservação da natureza ser responsabilidade de todos,

informa ser uma propriedade privada, desejando que quem visite o local seja um bom visitante, respeitando a trilha demarcada, cuidando da natureza, levando seus itens de volta e estacionando na área reservada. Disponibiliza também três contatos de telefone em caso de incêndio e mais dois contatos, que possivelmente são os dos proprietários. Abaixo dos dois contatos há o horário de funcionamento de 8h às 18h e um QR-Code para ser escaneado. Já na parte debaixo da placa, sinaliza-se que aquela área faz parte da APA Marimbus/ Iraquara, de acordo com o Decreto Estadual nº 2.216.

Figuras 10 e 11 – Placa de sinalização do atrativo Mirante do Camelo e o Morro do Camelo



Fonte: Melissa Oliveira e autoria própria, 2022.

Outro morro que é destaque pela sua beleza e singularidade, é o Morrão ou Monte Tabor (Figura 12). Este possui 1.418 metros de altitude e 218 metros de altura, podendo ser visto de diversos ângulos em diversos locais. É mais um atrativo contemplativo, pois, apesar de ser possível subir o Morrão, a trilha ainda não é bem definida e é muito acidentada.

Figura 12 – Fotografia do Morrão ou Monte Tabor



Fonte: Autoria Própria, 2020.

Próximo a uma das melhores vistas do Morrão, que é na estrada de Palmeiras para o Capão, está localizado o Poço dos Patos. Não possui portaria e nem sinalização, tampouco instalações sanitárias. São aproximadamente 25 minutos de trilha de esforço físico leve, contemplando uma bela vista do Morrão, até chegar na queda d'água, que possui um amplo espaço para banho.

Outra cachoeira que vem ganhando bastante destaque é a Cachoeira da Boa Vista (Figura 13), comumente chamada de Cachoeira da Conceição dos Gatos, já que está localizada no distrito de mesmo nome, há 12 km de distância da sede Palmeiras. Para acessar a cachoeira há duas opções, uma com uma trilha com um pouco mais de esforço físico, atravessando um trecho de rio, um campo de futebol e subindo ao lado da cachoeira, cerca de 1h de caminhada, e outra mais leve e mais plana, pela Trilha do Zezão, que cobra uma taxa de R\$10,00, com cerca de 10 a 15 minutos de caminhada.

Nessa trilha que passa por uma propriedade particular, o visitante irá percorrer um caminho ao lado de um “córrego criado na época do garimpo para desviar água para a exploração de minérios” (GUIA TURÍSTICO CHAPADA DIAMANTINA, 20—, n.p). A cachoeira possui 60 metros de altura e acima dela encontra-se um poço ótimo para banho com uma queda d'água menor. É possível ainda ir um pouco mais além desse poço até o Poço das Cobras, que apesar do nome, não há perigo de se deparar com esses répteis, o poço possui 40 metros de extensão. Para chegar ao Poço das Cobras, caminha-se cerca de 20 minutos passando por pedras e por dentro d'água (PINHO, 20—). No povoado na Conceição, o visitante encontra diversas opções de comida caseira e regionais servidas em restaurantes ou então na casa dos moradores.

Figura 13 – Fotografia da Cachoeira da Boa Vista

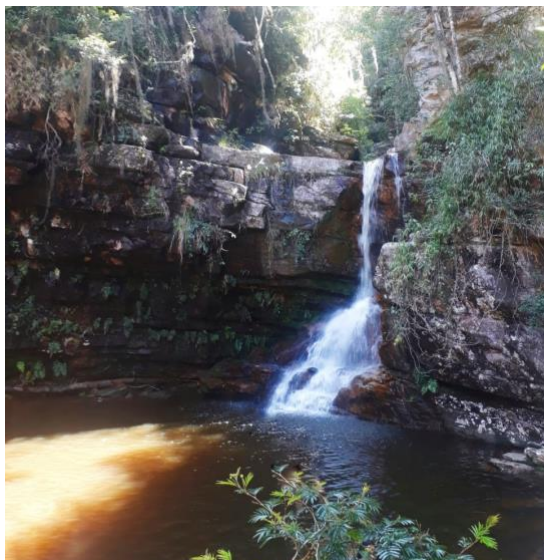


Fonte: Autoria Própria, 2023.

Antes de chegar a Caeté-Açu, na estrada que liga Palmeiras ao Vale, há a trilha de Águas Claras, que também tem a opção de ser feita começando pela Conceição dos Gatos. Partindo do acesso próximo ao Capão, são cerca de 8 km de caminhada, aproximadamente 2h, com esforço físico moderado. A maior parte da trilha é feita em terreno plano, e possui uma vista incrível dos vários morros imponentes da região, principalmente o Morrão, que é possível ser visto de diversos ângulos, já que a trilha vai contornando o mesmo. Águas Claras compreende uma pequena queda d'água com um poço para banho, de águas cristalinas, diferente da maioria das cachoeiras da região que possuem uma água com coloração mais escura, em tom avermelhado, devido à presença de matéria orgânica como restos de galhos, folhas e raízes, levados pela chuva. É um atrativo que não possui sinalização, o acesso é feito em estradas de terra, não possui portaria e nem instalações sanitárias. No caminho de volta, após a trilha, encontram-se algumas casas que vendem água de coco e água mineral.

Já dentro do Vale do Capão, encontram-se mais cachoeiras, como por exemplo a Cachoeira da Angélica e Purificação (Figura 14). Para acessar as cachoeiras, é necessário, a partir da vila do Capão, andar cerca de 8 km de carro até o Povoado do Bomba, e então fazer a trilha de 2,5 km com tempo médio de 40 minutos para a Angélica e 1h30 minutos para a Purificação. É uma trilha de esforço físico moderado, que percorre as margens do rio que formam as duas cachoeiras (GUIA TURÍSTICO CHAPADA DIAMANTINA, 20–). Assim como a maioria dos atrativos, não possui boa sinalização e nem portaria de entrada. No entanto, antes da trilha, encontram-se algumas lanchonetes que o visitante pode se alimentar e comprar água, ou utilizar as instalações sanitárias após voltar do passeio.

Figura 14 – Fotografia da Cachoeira da Purificação

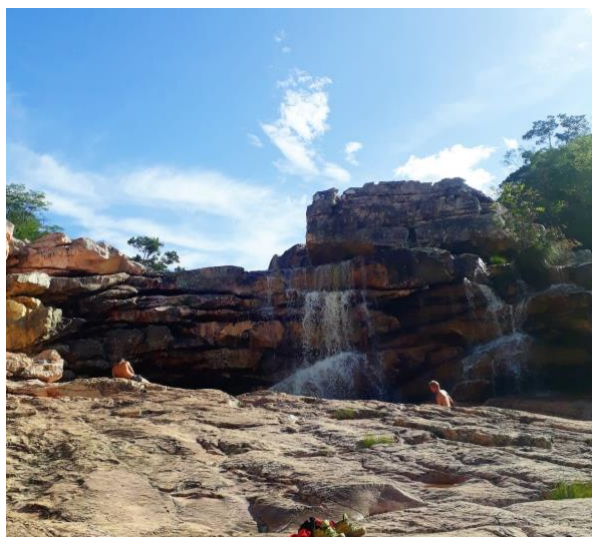


Fonte: Autoria Própria, 2020.

Para chegar à Cachoeira das Rodas, é possível ir até certo ponto de carro, ou então realizar uma caminhada de cerca de 20 minutos a partir da vila. É considerada uma trilha de fácil acesso e comumente é feita em conjunto com a Cachoeira do Rio Preto, por sua proximidade. A Cachoeira das Rodas possui diversas quedas d'água bem inclinadas e algumas piscinas naturais perfeitas para banho e para apreciar a vista do cânion. Seu nome deriva do período em que as “suas águas eram utilizadas para gerar energia através de rodas d'água que pilavam o café produzido no local” (JANOO, 202-, n.p). Não possui portaria, placas informativas, locais para comer e instalações sanitárias.

Como dito anteriormente, a Cachoeira do Rio Preto (Figura 15) fica próxima à das Rodas, onde muitos visitantes acabam indo primeiro para o Rio Preto, e na volta passando pelas Rodas. O Rio Preto é uma das trilhas mais procuradas por quem se hospeda no Vale do Capão, possui a mesma forma de acesso da Cachoeira das Rodas, sua trilha tem uma duração média de 50 minutos, sendo de esforço físico de leve a moderado. O último trecho para chegar à cachoeira possui cerca de 10 minutos de descida em terreno íngreme e irregular. A cachoeira do Rio Preto é caracterizada por uma queda d'água de cerca de 4 metros junto a uma piscina natural de aproximadamente 50 metros de extensão (JANOO, 202-). Assim como as Rodas, não dispõe de portaria, local de alimentação, placas informativas e instalações sanitárias.

Figura 15 – Fotografia da Cachoeira do Rio Preto



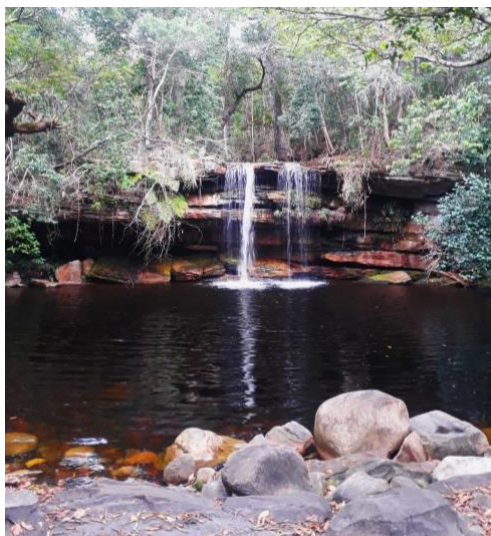
Fonte: Autoria Própria, 2020.

Ainda no Vale do Capão, há o Poço do Gavião. O percurso é parecido com o do Rio Preto e das Rodas, pois sai da vila de carro e estaciona no mesmo local para ir para os dois atrativos anteriores, porém, a trilha é iniciada pela Serra do Candombá, “o nome da serra faz alusão a flor lilás exclusiva da região chamada de Candombá, que só floresce após a ocorrência de incêndios” (JANOO, 202-, n.p). A trilha é de aproximadamente 2h30 minutos de caminhada com subidas e descidas íngremes, além de passagens por áreas de gerais que é uma “cobertura vegetal formada por gramíneas e arbustos” (JANOO, 202-, n.p). Chegando ao local, encontra-se uma grande piscina natural com 100 metros de extensão, onde o visitante pode tomar sol, relaxar e nadar. Assim como os atrativos anteriores, não possui uma infraestrutura de apoio.

Saindo do Vale do Capão e voltando ao primeiro atrativo citado, há, próximo a ele, uma cachoeira que ainda é pouco conhecida pelos turistas, a Cachoeira do Pai Inácio (Figura 16). Localiza-se “atrás” do Morro, saindo de Palmeiras, fica em uma entrada ao lado esquerdo da BR-242, logo após a Pousada Pai Inácio. Não há muita sinalização, apenas a do restaurante Lila Orquidário, que fica antes da trilha da cachoeira. A trilha tem duração de cerca de 40 minutos e é de esforço físico leve, com paisagens espetaculares do Pai Inácio, Morro do Camelo e as Serras dos Brejões. A cachoeira possui uma queda d’água de aproximadamente 8 metros que forma um lago ótimo para banho. É uma cachoeira conhecida por suas águas extremamente geladas,

já que está localizada em uma mata quase fechada, onde o sol reflete apenas pela manhã.

Figura 16 – Fotografia da Cachoeira do Pai Inácio



Fonte: Autoria Própria, 2020.

Na sede do município, cerca de 30 minutos de caminhada em estrada de terra, também é possível encontrar um local que muitos moradores frequentam nos momentos de lazer no período de cheia dos rios, o Lajedão (Figura 17). São pequenas quedas d'água que deságuam em um poço, onde a comunidade se diverte descendo pelo escorregador natural que se forma nas pedras.

Figura 17 – Fotografia do Lajedão



Fonte: Autoria Própria, 2021.

Além da diversidade de atrativos naturais já apresentados, é essencial ainda dar destaque para os atrativos culturais do município, o que contribui para a relevância da potencialidade turística de Palmeiras.

4.1.1.2 Atrativos Culturais

Além dos atrativos citados anteriormente, ainda existem outros associados a eles que, de acordo com a Secretária de Turismo do município, estão sendo catalogados, como por exemplo as pinturas rupestres, que são encontradas em diversos pontos. Uma delas é no povoado da Serra Negra, distante 10,6 km da sede. O acesso ao sítio é feito por via terrestre em estrada de chão batido e para visitar o atrativo é necessária a autorização do dono da propriedade, visto que se trata de uma propriedade privada. A atividade realizada no atrativo é a de observação das inscrições rupestres do período pré-colonial, onde é possível identificar formas geométricas, de animais e de plantas.

Como citado anteriormente Palmeiras não dispõe apenas de atrativos naturais, conta também com atrativos culturais, sendo o principal deles o Carnaval. O primeiro carnaval no município foi organizado e realizado pelo Dr. Eutrópio Santos Reis, no ano de 1926, sendo considerado “o maior carnaval de todos os tempos” e “a maior festa tradicional” de Palmeiras, de acordo com Pina (2005, p. 198). Eram exibidos pela cidade sete cordões acompanhados cada um com sua banda, e apesar de ainda não existir carros na cidade, marceneiros construía carros alegóricos que eram puxados por homens em um grande desfile de carros e fantasias. Pina (2005, p. 319) destaca que as fantasias eram confeccionadas com veludo e bordadas com lantejoulas, contas e linhas brilhantes, representando o luxo e a riqueza da época.

Havia ainda a batalha de confetes e a de perfumes. Em 1928, a cidade já contava com alguns carros, o que permitiu a organização de pranchas com orquestras, dando um novo colorido ao carnaval, além de contar com as batucadas, blocos e também o cordão das roceiras para trazer mais brilhantismo ao carnaval (PINA, 2005, p. 320). Porém, os festejos de carnaval também foram afetados com a crise das atividades do garimpo, que levaram a um grande êxodo na cidade. Nos anos seguintes, o carnaval foi diminuindo o seu esplendor que atraía gente de toda a região, e passou a contar apenas com três cordões: o das Holandeses, o das Crianças e o da Capa Preta. Em todos os carnavais havia o desfile da Rainha do Carnaval no carro

alegórico. De acordo com Freire (2020), foi dada a entrada no IPAC, em 2022, o Projeto de Estudo para o registro do Carnaval de Palmeiras como Patrimônio Imaterial do Estado, visando a preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural.

O carnaval de Palmeiras continua sendo o maior carnaval da região, atraindo diversos visitantes, mas atualmente é festejado com shows em palco nas duas principais praças da cidade, e com um mini trio elétrico, que faz o trajeto de uma praça para outra quando termina o show. Há ainda a celebração no dia de abertura dos festejos, semelhante aos carnavais de outrora, com desfile em carro alegórico da Rainha e do Rei do Carnaval, com a presença da filarmônica. Também é possível encontrar alguns blocos, como: Bloco das Casadas, Bloco das Diamantinas e Bloco Mandaca (FREIRE, 2020), mas a festa já não é tão representada de acordo com as tradições.

Outra festa que ocorre no município e está começando a receber visitantes de cidades próximas é a trezena de Santo Antônio, organizada pela Prefeitura Municipal e pela Igreja Católica. Acontece de 01 a 13 de junho, na Capela de Santo Antônio no largo de mesmo nome, com a participação da comunidade levando a bandeira na casa dos festeiros da noite, sendo acompanhada por “sanfoneiros, batucada, cânticos folclóricos, vivas, foguetes e bombas em homenagem a Santo Antônio” (PINA, 2005, p. 309). Há também a realização de uma quermesse no Largo de Santo Antônio, com barracas de comidas e bebidas típicas da época junina, além da realização de shows com bandas regionais. No último dia da trezena, é realizada uma alvorada.

É um festejo que está sendo atualizado, visto que no ano de 2022 foi necessária a mudança do espaço no último dia para poder comportar o show que foi contratado. Aconteceram algumas reclamações por parte da população que participa vendendo as bebidas e comidas típicas que tiveram que realocar as suas barracas de última hora, pois não houve um planejamento prévio de que a atração contratada atrairia aquele contingente de visitantes e o Largo não comportaria. De acordo com a Secretária de Turismo do município, eles conseguiram realocar as barracas para a praça principal, “só não as barracas da Igreja, porque eles não tinham interesse em vir pra cá, mas foi dada a oportunidade para todos virem para a praça, a gente distribuiu em alguns pontos da prefeitura e em alguns toldos também”, destacou Andréa Oliveira (2023, entrevista). A previsão é de que no ano de 2023 ocorra com esse novo formato, com encerramento na praça principal para atrair e comportar mais visitantes.

Ainda no período junino, na véspera do São João, no dia 23 de junho, ocorre na cidade o Ê Guilé, que é um bloco de São João que percorre as ruas da cidade com um trio de sanfoneiros. De acordo com um dos fundadores do bloco, Weberty Wallace Costa, o primeiro Ê Guilé foi realizado no ano de 2005, e surgiu da ideia de um grupo de amigos de se reunirem, vestidos de caipiras, e saírem pelas casas da cidade junto com um sanfoneiro na véspera do São João. O nome veio da homenagem a uma senhora, chamada Dona Guilhermina, que morava perto de um dos fundadores e que gostava muito de beber cachaça. Quando Dona Guilhermina bebia, começava a gritar “ê guilé”, e essa expressão acabou fazendo parte desse grupo de amigos, como um termo relacionado a coisas boas, um termo para representar alegria. Weberty destaca que

A intenção era a gente se divertir, era a gente juntar o que há de mais lindo no São João de Palmeiras, que é o forró pé de serra tradicional, dos músicos que acompanham o grupo, que sempre acompanharam. É a questão da hospitalidade de entrar nas casas de amigos e familiares conhecidos para a gente poder comer e beber as comidas típicas de São João, com toda a alegria de São João. (COSTA, 2023, entrevista).

O Ê Guilé é uma forma de manter a tradição do São João de Palmeiras, onde os moradores sempre tiveram a cultura de fazer fogueiras nas portas das casas e deixá-las abertas para que as pessoas pudessem visitar e comer e beber à vontade as comidas típicas, sempre com muita hospitalidade. Weberty complementa que

É muito raro hoje em dia cidades que mantenham a tradição de visitar as famílias. E Palmeiras, além de manter a tradição de visitar as famílias, essa visita é feita com alegria, com muitas pessoas, com desconhecidos que se juntam ao grupo, que saem pelas ruas cantando e dançando, então é uma manifestação que a gente ama fazer, porque principalmente, além da beleza, a gente também se diverte fazendo e participando (COSTA, 2023, entrevista).

Desde seu início, a prefeitura colabora com o pagamento dos músicos que acompanham o grupo, somente em um ano não houve essa contribuição porque o prefeito na época quis intervir a respeito de uma das casas onde o bloco passaria. Como não se trata de um movimento político e sim cultural, o grupo recorreu então para a venda de camisetas e canecas personalizadas artesanalmente por uma de suas integrantes, para arrecadar o dinheiro necessário para a contratação dos músicos. O grupo voltou com a parceria com a prefeitura, mas manteve a venda de camisetas e

canecas, onde todo ano é criada, por alguns de seus integrantes ou amigos, uma arte nova, agora sendo confeccionada em gráficas de Salvador ou da Seabra.

O roteiro é feito pelos integrantes do grupo, que todos os anos, antes de realizar o Ê Guilé, passam nas casas para saber se querem continuar recebendo o grupo. No início, o Ê Guilé passava em poucas casas, mas ao longo dos anos outras acabavam convidando-os para entrar, levando o grupo a passar em casas que não faziam parte do roteiro naquele ano, mas passavam a fazer nos anos seguintes. Weberty (2023, entrevista) enfatiza ainda que “a visita na casa representa toda a alegria que vem junto com o Ê Guilé, então os moradores têm uma alegria, têm uma satisfação em receber o Ê Guilé, porque eles também participam do movimento”. Ao sair das casas que os acolhem, o grupo abençoa a casa e a família, cantando “essa família será abençoada”, como forma de agradecimento pelo acolhimento e afeto.

Desde 2005, o bloco sai nas noites de 23 de junho e somente durante os dois anos de pandemia, 2020 e 2021, que não puderam realizar os festejos. Mas para manter a alegria que o bloco representa, no ano de 2020, na noite que seria realizado o Ê Guilé, os membros do grupo criaram e disponibilizaram um minidocumentário sobre o bloco. É um festejo que atrai pessoas de diversas idades, crianças, jovens, adultos e idosos, levando a alegria pelas ruas da cidade, sendo finalizado na praça principal, formando uma grande quadrilha de São João com as pessoas que acompanharam o bloco. A Figura 18 apresenta algumas imagens do Ê Guilé de 2019.

Figura 18 – Ê Guilé 2019



Fonte: Bahia Trip, 2020.

Ocorrem festejos de São João nos distritos de Palmeiras, como Capão e Campos de São João. No Capão acontece de forma mais intimista, com fogueiras na rua e forró no Coreto. Já em Campos de São João há o Arraiá do Inácio, durante os dias 23, 24 e 25 de junho, com shows de sanfoneiros realizados com o apoio da prefeitura.

Desde 2010, ocorre no Vale do Capão o Festival de Jazz, que foi idealizado pelo músico Rowney Scott e agora é realizado pela Cambuí Produções e Gil & Canella Produções. É um festival gratuito que conta com o apoio financeiro do Governo do Estado e patrocínio cultural da *Paulo Coelho and Christina Oiticica Foundation*, ocorrendo geralmente no mês de setembro, tendo suas últimas edições realizadas no mês de novembro. Ocorre durante dois dias, e já levou ao Vale do Capão mais de 40 atrações musicais nacionais e internacionais de jazz. O evento conta também com workshops no período da tarde e performances artísticas locais, nacionais e internacionais, além do contato com a natureza da região. Outro fator importante do Festival de Jazz do Capão é a promoção de campanhas de conscientização ambiental.

O município dispõe também de atrativo histórico-cultural, como é o caso de sítios arqueológicos com arte rupestre. Muitos ainda estão sendo catalogados, mas já ocorre visita, de forma moderada, nos sítios da Serra Negra e no Matão. De acordo com o Guia Chapada Diamantina (2005), esse atrativo fica a 10 km de distância da sede Palmeiras, no Povoado da Serra Negra, e lá é possível visitar oito painéis de arte rupestre, com imagens antropomorfas, zoomorfas e também figuras geométricas. Já o Povoado do Matão fica distante cerca de 7 km da sede, o trajeto é realizado em estrada de chão batido e no local do atrativo encontra-se uma placa sinalizando “Pinturas Rupestres do Matão”, e logo abaixo “Palmeiras” (Figura 19).

Figura 19 – Placa de sinalização e pintura rupestre do Matão



Fonte: Autoria Própria, 2022.

O receptivo desse atrativo fica localizado próximo à residência do proprietário do terreno onde se encontram as pinturas. Ainda está se adequando para receber mais visitantes, mas conta com instalações sanitárias, locais para sentar, e há a possibilidade de combinar com o proprietário de ser servido um almoço. Em uma visita realizada pela autora em julho de 2022, o proprietário e sua família receberam muito bem o grupo, explicando como funcionava a visita e acompanhando na pequena trilha até as pinturas e depois até um mirante, localizado mais acima. Assim como a arte encontrada na Serra Negra, os painéis do Matão também contam com imagens antropomorfas e zoomorfas.

Além desses principais atrativos, a Secretaria de Turismo está desenvolvendo, junto ao Conselho de Turismo e Cultura, um calendário para atrair visitantes em épocas consideradas de baixa estação, com eventos como: Encontro de Motociclistas no mês de março, Feira Literária de Palmeiras no mês de abril, A Grande Cavalgada de Palmeiras no mês de agosto, Encontro de Ciclistas em Palmeiras no mês de outubro e Festival da Cultura Afro no mês de novembro. Mesmo janeiro sendo um mês de alta estação, a cidade conta com dois eventos importantes, a Festa do Bom Jesus, padroeiro da cidade no dia 6 de janeiro, e no dia 15 de janeiro é comemorado o aniversário da cidade, além da Festa de São Sebastião dia 20 de janeiro, padroeiro do distrito de Caeté-Açu, local onde ocorre os festejos.

4.2 GRUPO AMBIENTALISTA DE PALMEIRAS (GAP)

Como citado anteriormente, o Grupo Ambientalista de Palmeiras, mais conhecido como GAP, é uma importante organização que por anos auxiliou e continua auxiliando na conservação dos atrativos e do meio ambiente como um todo. Foi criada no dia 03 de maio de 1997, com a finalidade de defesa, preservação, conservação e recuperação do meio ambiente e também do patrimônio histórico-cultural não só do município de Palmeiras, mas de toda a região da Chapada Diamantina.

Através da promoção de trabalho voluntário, o GAP desenvolve ações de coleta seletiva de lixo, educação ambiental, plantio de mudas para reflorestamento, readaptação de animais silvestres e possui uma brigada de combate a incêndios florestais. De acordo com o art. 2º do seu Estatuto (s.d), a associação também promove “junto a institutos, escolas superiores, universidades e demais instituições afins, pesquisas e projetos que visem melhorias nas condições social, econômica e de vida das populações locais”, sempre visando a viabilidade e sustentabilidade ecológica.

O GAP é constituído por um número ilimitado de associados, sendo, atualmente, todos os seus membros nativos de Palmeiras, exceto um, que é de Salvador. Ao longo dos anos, pessoas de fora do município já fizeram parte do Grupo, mas todos os fundadores são nativos. Trabalham em convênio com órgãos públicos, privados ou de economia mista. Possuíam um trabalho em conjunto com os supermercados da cidade para recolher os resíduos, contudo, não estão podendo dar continuidade a esse trabalho devido à falta de verba, principalmente, por não administrarem mais o Morro do Pai Inácio, uma vez que o dinheiro arrecadado também ajudava nesses projetos.

É um grupo que está bem ligado ao turismo, pois também funciona como uma associação de guias devidamente capacitados. O GAP foi de extrema importância na mobilização social para substituir a exploração realizada pelo proprietário das terras do Morro do Pai Inácio, que era abusiva e inadequada. O proprietário cobrava uma taxa de visitação, mas sem oferecer nenhum tipo de serviço ao visitante, permitindo ainda que os mesmos retirassem fragmentos de rochas e plantas como forma de “lembranças” da visita, ou seja, não possuía qualquer preservação do patrimônio natural.

O GAP então conseguiu o monitoramento do Morro nos anos 2000, atuando até 2021, como citado anteriormente. Em seu primeiro momento foi feito um acordo com o antigo órgão estadual Centro de Recursos Ambientais (CRA), atual Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA), que era responsável pela APA Estadual Marimbus-Iraquara, e também com agências e receptivos turísticos do município de Lençóis. Depois, mesmo sem receber apoio financeiro, o GAP conseguiu desenvolver a recuperação ambiental do Morro. Já no ano de 2012, foi assinado o primeiro convênio quando passou a realizar o serviço de monitoramento e cobrança do Parque Natural Municipal do Morro do Pai Inácio. A entrada era controlada através da venda de ingressos e de registro diário com prestação de contas mensais, depósitos e relatórios de trabalho, desenvolvia-se uma educação ambiental a respeito da importância da área visitada e sua necessidade de ser conservada, explicação do percurso e dificuldades encontradas na trilha e condução de grupo de visitantes sem guias com peculiaridades como idosos e crianças.

Também era realizado pelo GAP a limpeza e ordenamento das pedras soltas, demarcação constante da trilha e permanência de um monitor no topo para ordenamento da visitação no local, monitorando subida e descida dos grupos. Após a Prefeitura assumir a administração do Morro do Pai Inácio, esse controle que é extremamente importante deixou de ser feito.

Em entrevista realizada em abril de 2023 com um dos fundadores do grupo, Joás Brandão, foi possível compreender um pouco mais da ligação e da opinião do grupo com o turismo desenvolvido na região da Chapada Diamantina. Com relação à importância do turismo para o PNCD, Joás acredita que é importante, contudo, ele destaca que é necessário que haja um cuidado maior já que muitos atrativos não dispõem de portarias, o que dificulta a fiscalização e conscientização de quem está visitando. Para que o turismo não gere tanto impacto, Joás acredita que

Todo atrativo turístico teria que ter portaria, portaria com receptivo de pessoas orientando as pessoas que visitam, orientando o que você vai ver. Porque, o que acontece muito é isso, as pessoas chegam, que fez a trilha uma vez, aí vai subindo, aí não tem o cuidado, né, algumas pessoas deixam o lixo, algumas pessoas se perdem, muitas vezes acontece fogo, mesmo que não seja proposital, mas algum descuido, porque as pessoas geralmente fazem fogueira. (BRANDÃO, 2023, entrevista).

Ele considera também um problema algumas pessoas trabalharem como guias, levando visitantes para o Parque, sem terem feito algum curso de capacitação para isso. O que volta à questão da fiscalização, que não deveria ser apenas dos atrativos, mas também de quem faz parte dos agentes que ajudam a desenvolver o turismo.

No caso do turismo na cidade de Palmeiras, Joás considera que é importante, porém que não há uma preservação de seu patrimônio, e evidencia a questão do rio da cidade. “Nós temos um rio maravilhoso, que tá ao Deus dará”, ressalta ele, e complementa que o rio tem sido utilizado para lavar roupas, carros e que deixam lixo no local (BRANDÃO, 2023, entrevista). O grupo faz alguns mutirões de limpeza do rio e já chegaram a arborizar uma parte para recuperá-lo, já que estava sofrendo o processo de assoreamento. Para Joás, uma forma de conseguir manter os visitantes na sede de Palmeiras, seria ter o rio como um atrativo dentro da cidade, que fosse feito um balneário.

Mas, além do atrativo natural, ele pensa que seria importante que a cidade tivesse alguns museus, além do Museu da Cidade, onde é apresentada um pouco da história do município. Uma ideia que o grupo pensa é a de criar um museu da reciclagem, algo que chame a atenção para a conscientização ambiental, mostrando como os materiais descartados podem ser reaproveitados. Joás relata que o GAP já criou um projeto, todavia, faltam recursos para torná-lo realidade.

Por se tratar de um grupo cujas ações acabam tendo ligação com o turismo, foi perguntado na entrevista, se havia diálogo do GAP com a Secretaria de Turismo Municipal. Joás respondeu que não existe, apesar de já terem participado do Conselho de Turismo, mas, por haver um “desencontro de ideias” e acreditarem que não tinham voz, não participam mais desse Conselho.

Assim como ocorre com o GAP, há outro grupo, localizado no Vale do Capão, que não recebe incentivos por parte dos órgãos públicos para se manter, mas que é um importante agente para o desenvolvimento do turismo do município: a Associação de Condutores de Visitantes do Vale do Capão (ACV-VC).

4.3 ASSOCIAÇÃO DE CONDUTORES DE VISITANTES DO VALE DO CAPÃO (ACV-VC)

Foi realizada entrevista com outro grupo importante para o desenvolvimento do turismo no município de Palmeiras, em especial no distrito de Caeté-Açu, a

Associação de Condutores de Visitantes do Vale do Capão (ACV-VC). De acordo com um de seus sócios (2023, entrevista), a Associação foi criada em abril do ano 2000 devido à crescente demanda por guias para atender aos visitantes que aumentavam a cada ano no Capão. Contudo, outros fatores também foram decisivos para se criar o grupo, como a falta de políticas públicas que atendessem à comunidade e a necessidade de um grupo de combate aos incêndios florestais.

Atualmente, a ACV-VC possui cerca de 59 sócios ativos, que são muito importantes para tornar as ações da Associação possíveis, visto que se trata de uma associação sem fins lucrativos, que recebe apoio financeiro de doações. A Associação disponibiliza para os seus sócios cursos como o de Atendimento Pré Hospitalar (APH), Curso de Mínimas Competências (CMC) para turismo de aventura e Oficina de Sistema de Comando em Incidentes (SCI), além de já terem oferecido curso de manejo de ofídios e de geologia, tudo isso sem o apoio e incentivo do poder público.

Além de desempenharem um trabalho voltado ao turismo, com sócios que atuam por toda a Chapada Diamantina e no monitoramento do acesso à trilha da Cachoeira da Fumaça, a ACV-VC também atua em combate a incêndio florestal, resgate de animais, busca e resgate em áreas remotas, mutirões para coleta de lixo das vias internas do Capão, e destina uma porcentagem já pré-determinada das doações que recebem para esporte e cultura, apoiando atletas locais. Ademais, a Associação possui um trabalho ativo na parte da educação, junto à escola municipal, onde ajudaram na compra de ventiladores, e à escola comunitária, através da compra de material de construção para sua reforma, e ministrando minicursos de APH para professores da escola comunitária.

A associação possui um trabalho importante no turismo não só do distrito onde está localizada, mas em todo o município. Porém, é necessário que tenha o apoio de outros setores ligados ao turismo, por isso é fundamental que exista um planejamento turístico para que o turismo evolua da melhor maneira. Essa questão sobre a importância do planejamento será abordada na seção a seguir.

5 PLANEJAMENTO TURÍSTICO EM PALMEIRAS

O turismo era entendido como uma alternativa de desenvolvimento econômico, em especial, nos países em desenvolvimento, o que gerou em uma alta promoção do mesmo, com programas de fomento ao turismo, sem antes se fazer planejamento ou estudos para que de fato a população local fosse beneficiada com essa atividade e que não houvesse impactos ambientais. Na realidade, quando o turismo começou a ganhar destaque, pouco se falava nos seus efeitos negativos, o que se visava era principalmente o lucro gerado por ele. Mas, assim como toda atividade, há um lado positivo e também um negativo, e para que os efeitos positivos gerados pela atividade turística se sobressaíam aos negativos, é necessário planejamento.

O planejamento é um processo importante e que está na vida de todos, em situações diversas, porque é através dele que se faz avaliações futuras com o intuito de tomar decisões mais práticas e eficazes (FERNANDES, 2011, p. 5).

Um planejamento consiste na definição de objetivos, na ordenação dos recursos materiais e humanos, na determinação dos métodos e formas de organização, no estabelecimento de medidas de tempo, quantidade e qualidade, na localização espacial das atividades e outras especificações necessárias para canalizar racionalmente a conduta de uma pessoa ou grupo. (AMATO, 1985 apud FERNANDES, 2011, p. 6).

É através do planejamento que é possível prever possíveis problemas e antecipar as soluções para eles, por isso é importante que se tenham todos os dados e informações sobre o que se está planejando, para verificar todos os cenários e garantir o máximo de resultados positivos. Sendo uma atividade econômica com destaque mundial, o turismo não ficaria de fora de um processo de planejamento. Em seu caso, de acordo com a OMT (2003, apud FERNANDES 2011, p. 16), “o planejamento do turismo tem por objetivo trazer determinados benefícios socioeconômicos para a sociedade, sem deixar de manter a sustentabilidade do setor turístico através da proteção à natureza e à cultura local”.

É importante que seja elaborado dentro de uma abordagem veloz e flexível, visto que o mercado turístico está em constante evolução. Mas ao mesmo tempo é necessário um maior cuidado, já que o turismo é uma atividade complexa, pois está relacionada com diversos outros setores, como: administração pública, transportes,

meio ambiente, saúde, educação, entre outros. É necessário também que o planejamento seja implementável, que sejam propostas soluções racionais.

Para tanto, o planejamento turístico passa por algumas etapas, sendo elas: diagnóstico, prognóstico, estabelecimento de metas e objetivos, programação, implementação/execução e avaliação (FERNANDES, 2011, p. 22). O diagnóstico é a fase de pesquisas, onde são levantados os dados tanto do passado, como do presente, buscando entender o que aconteceu, como e por que, para então partir para o prognóstico e começar a se pensar o que pode ser feito para modificar a atual situação, criar projeções acerca do futuro. No caso do diagnóstico no planejamento turístico, este vai fazer o inventário da oferta turística e também entender a sua demanda. A fase de estabelecimento de metas e objetivos corresponde às ações pensadas de forma qualitativa e quantitativa.

No caso da programação, reúne-se todos os projetos similares ou os que se complementam, e dividem em programas específicos. A implementação/execução, corresponde ao estágio em que ocorrem os investimentos. E a última fase, a avaliação, é onde é possível rever o que foi inicialmente estabelecido para adequar, caso seja necessário, às mudanças que ocorram no mercado (FERNANDES, 2011, p. 22).

Voltando-se mais para o planejamento turístico, no Brasil, na década de 1960, começaram a ser criados órgãos estaduais de turismo, bem como iniciativas governamentais pontuais, com o intuito de “de levantar as potencialidades para a implementação da atividade” (BENI, 2012, p. 15). Criou-se então a Embratur, através do decreto de Lei n. 55, de 18 de dezembro de 1966, tendo sua sede localizada no Rio de Janeiro, mas a inauguração de fato do planejamento turístico brasileiro ocorre por meio da contratação de uma empresa francesa, em 1971, a *Scet International*, para a elaboração do Projeto Turis. Esse projeto visava solucionar o problema turístico no litoral Rio-Santos, e propôs “um planejamento normativo global, com estudos e normas de ocupação que integrassem as construções aos ambientes e destinações turísticas, visando à maximização da rentabilidade de toda a região aliada a uma implementação adequada” (SIQUEIRA, 2010, p. 1 apud BENI, 2012, p. 15).

Por conta de diversos fatores, os planos turísticos no Brasil ficaram inativos, voltando apenas em 1993, quando a Embratur implementou um inventário de oferta turística, que seria

O processo pelo qual se registra um conjunto de atrativos turísticos, dos equipamentos e serviços turísticos e da infraestrutura de apoio turístico, visando a correta ordenação e exploração do território, de forma a otimizar a utilização de seus recursos naturais e culturais (BRASIL, 1993 apud BENI, 2012, p. 18).

A partir disso, os municípios passaram a serem incentivados a buscar um credenciamento de município turístico junto ao Governo Federal, o que os permitiria se candidatar para receber recursos oficiais. Já a partir dos anos 2000, com o novo governo, cria-se o Ministério do Turismo (MTur), e se define então um Plano Nacional do Turismo, de 2003 a 2007, tendo como prioridade o Programa de Regionalização do Turismo (PRT), ou seja, o inventário passa a ser conduzido através de uma estratégia regional.

Mas o planejamento turístico não fica apenas a encargo do âmbito público, ele pode e deve estar em comunhão com o setor privado e a sociedade civil. No caso da gestão pública do turismo, compete a ela, de acordo com Ignarra

O planejamento do fomento da atividade; o controle de qualidade do produto; a promoção institucional da destinação; [...] a capacitação de recursos humanos; o controle do uso da conservação do patrimônio turístico; a captação, tratamento e distribuição da informação turística; a implantação e manutenção da infraestrutura urbana básica; a prestação de serviços de segurança pública; a captação de setores privados para o setor; o desenvolvimento de campanhas de conscientização turística [...] (IGNARRA, 1999, p. 125 apud BENI, 2012, p. 57).

Em suma, cabe à gestão pública conscientizar, capacitar, incentivar e preservar, prezando sempre o bem-estar social. Ao setor privado compete estar envolvido com as políticas desenvolvidas no seu município para ofertar, da melhor maneira, os serviços necessários a atender ao turismo. No caso da comunidade, Petrocchi (1998 apud FERNANDES, 2011, p. 68) destaca que “uma população ativa e consciente pode construir um futuro melhor, e o desenvolvimento de recursos locais fortalece a economia regional”. É preciso que a população local seja consultada e ajude a contribuir no processo de planejamento, para que o mesmo ocorra de maneira sustentável e todos sejam beneficiados no processo.

Mas não basta apenas consultar a população, o plano turístico só será aprovado e terá o apoio da comunidade, se houver o esclarecimento a respeito dos benefícios que o turismo trará para a coletividade, principalmente nos aspectos socioeconômicos. Por isso, McIntosh e Goeldner (1986, p. 305, apud RUSCHMANN,

1999, p. 164) afirmam que “o desenvolvimento turístico só deve ocorrer como consequência de uma política de planejamento cuidadosa”, que não se vise apenas a questão dos lucros, o turismo “deve estruturar-se sobre ideais e princípios de bem-estar e de felicidade das pessoas”, concluem eles.

Fernandes (2011, p. 82) destaca que o ponto principal de um planejamento e desenvolvimento turístico, é a união entre empresas, governo municipal e estadual, e a população local, pois, para ele, “a comunhão de forças pode redundar no aproveitamento de algumas ideias básicas”. Essas ideias apontadas por Fernandes (2011) poderiam ser realizadas em dois momentos, no de alta temporada e no de baixa temporada. Na alta temporada, um dos exemplos citados por ele, é o de ter o cuidado de não realizar grandes eventos, pois pode ocorrer uma superlotação na cidade, onde a infraestrutura básica muitas vezes não comporta o grande contingente. O ideal seria modificar e ampliar o calendário de eventos, podendo alavancar o turismo nos períodos de baixa temporada. No caso das ações a serem realizadas na baixa temporada, Fernandes (2011) elenca o aproveitamento da disponibilidade de tempo e de espaço, para que se desenvolvam programas de treinamento e capacitação profissional; outra ação interessante seria a de aumentar os investimentos na infraestrutura urbana da localidade, além das ações clássicas de redução do preço e criação de eventos para atrair visitantes na baixa temporada.

O processo de desenvolvimento é iniciado a partir da mudança de mentalidade, geralmente, no turismo, pode-se começar a partir da iniciativa privada, que “dá início ao processo de ação coletiva para a resolução de problemas comuns” (BENI, 2012, p. 147). Esse processo colaborativo pode ser considerado a essência de um “cluster” que, no turismo, consiste em

Um conjunto de atrativos de destacado diferencial turístico, dotado de equipamentos e serviços e qualidades, com excelência gerencial, concentrado num mesmo espaço geográfico delimitado [...]. Apresenta-se aos distintos mercados consumidores de turismo como produto acabado, final, com tarifas diferenciadas na forma de package tours (pacotes) em alto nível de competitividade. (BENI, 2012, p. 146).

Em suma, seria a integração de atores interessados no desenvolvimento da atividade, podendo gerar a partir disso, um maior acesso a fornecedores, uma melhor divulgação de marketing, seria importante também para estimular a inovação e competição, além de ser um fator de motivação (FABBRIS; RODRIGUES, 2003, p. 3). Apesar de ser união de atores como empresários locais de diversos setores e a

comunidade, o Estado também deverá ter a sua participação, principalmente como apoiador e estimulador. É papel do Estado o de “melhorar os níveis de educação e de capacitação da população, desenvolver tecnologias, promover o acesso aos mercados de capital e aperfeiçoar as instituições” (BENI, 2012, p. 147). Haddad (2002) ainda complementa que

Pretende-se [e se necessita], além da sensibilização e conscientização da comunidade local, identificar de forma sistemática o conjunto de chances, ameaças e riscos que envolvem a dinâmica e sustentabilidade de cada *cluster* específico, mapeando os pontos estranguladores e oportunidades perdidas, levando os principais atores do *cluster* a um comportamento pró-ativo de maior cooperação e integração dos interesses locais. (HADDAD, 2002, p. 42 apud BENI, 2012, p. 147).

Portanto, ainda que o destino possua diversos atrativos e recursos para desenvolver o turismo, se não houver integração e coordenação dos mesmos, eles não serão “suficientes potencializadores de valor; pois não haverá a mobilização de seus relacionamentos, o dinamismo interno e a interatividade associada” (BENI, 2012, p. 150). Pensando nisso, será analisado como vem ocorrendo o planejamento turístico em Palmeiras.

5.1 O PLANEJAMENTO NO MUNICÍPIO

Compreendendo que o planejamento turístico de um município se dá através da comunicação e planejamento entre os setores público, privado e sociedade civil, buscou-se, através de entrevistas realizadas com alguns agentes destes setores, entender como o turismo está sendo desenvolvido no município e os pontos que eles acreditam que precisam ser tratados com mais atenção.

Para saber como o turismo está sendo desenvolvido no município de Palmeiras, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a Secretária de Turismo e Cultura da cidade, Andréa Oliveira, que contou com o auxílio de uma turismóloga e assessora de turismo da região, Sirlene de Souza. Inicialmente, haviam sido formuladas 13 questões para serem abordadas, mas durante a entrevista foram discutidos mais assuntos.

O primeiro questionamento foi a respeito de, apesar de possuir vários atrativos conhecidos nacional e internacionalmente, o nome de Palmeiras não possuir muita visibilidade como destino turístico. Andréa acredita que como Lençóis foi o indutor do

turismo na Chapada Diamantina, assim, permanece com sua representatividade nacional, mas que no caso de Palmeiras, com a criação recente da Secretaria exclusiva de Turismo e Cultura, está começando a se desenvolver “ações de marketing e programas de sinalização e identificação dos principais atrativos de turismo” vinculando-os ao município de Palmeiras (OLIVEIRA, 2023, entrevista).

Sobre o que tem sido feito para incentivar o turismo no município, a resposta foi voltada para a criação de novas atrações, como o *Rally* da Chapada, Encontro de Ciclistas, A Grande Cavalgada e eventos voltados para as manifestações culturais locais. A Secretária ainda acrescenta que está sendo desenvolvido um calendário oficial de eventos como uma tentativa de fidelizar e atrair, mesmo nas baixas estações, o fluxo de turistas.

Como a Chapada Diamantina fez parte do planejamento e desenvolvimento turístico do PRODETUR, entre os anos de 1994 a 2000, o terceiro questionamento foi voltado a isso, se a Secretaria Municipal possui alguma parceria com o Governo do Estado, para desenvolver algum projeto de turismo específico para o município de Palmeiras. Andrea respondeu que, a princípio, não existe nenhuma parceria. Em outro momento da entrevista, a turismóloga Sirlene comentou sobre a dificuldade de conseguir recursos por parte do Estado.

Ela pontuou sobre um abaixo assinado que fez para promover a criação do Dia da Chapada Diamantina, onde uma deputada tornou esse abaixo assinado um projeto de lei, “o projeto de lei diz que o dia da Chapada vai ser comemorado com ações voltadas para Cultura, Meio Ambiente e que o orçamento seria do próprio Estado. A lei é de 2017, até hoje o Estado não enviou um centavo” (SOUZA, 2023, entrevista). Ela também comenta sobre as ofertas de capacitação que deveria haver por parte do Estado. Na última década, a primeira ação de capacitação vai ocorrer esse ano, e que, por enquanto, esse é o único benefício do Estado para o município.

Ainda acerca do PRODETUR, Sirlene destaca a etapa da criação da APA Marimbus-Iraquara, “nem o prefeito de Iraquara e nem o de Palmeiras colou, sabe? E aí praticamente os recursos acabaram ficando em Lençóis, o aeroporto...” (SOUZA, 2023, entrevista), o que ressalta mais uma vez que a falta de planejamento e desenvolvimento do turismo acaba ocorrendo também por conta do descaso do próprio Poder Público do município.

Para o turismo ser desenvolvido de forma organizada, de forma a trazer benefícios à comunidade receptora, é importante que o município possua um Plano

Municipal de Turismo, que é o ponto seguinte a ser abordado. Palmeiras não possui esse Plano. De acordo com Andréa, atualmente está em processo de construção o Plano Diretor Orientado ao Turismo (PDOTur). Está sendo utilizada a metodologia desenvolvida pelo Ministério do Turismo e Universidade de Brasília, onde a construção do PDOTur deve ser iniciada pela formação da Equipe Técnica Local, ou seja, faz parte da equipe o Poder Executivo Municipal, o Poder Legislativo, uma Consultoria Especializada, e um núcleo de Gestão e Acompanhamento para auxiliar no trabalho da Equipe Técnica Local.

A partir disso, o Plano irá realizar um diagnóstico onde será feita a análise do território, o recorte temporal, identificação de conjunto de problemáticas bem como a identificação da oferta e demanda turística do território. Analisados esses fatores, parte-se então para a definição de objetivos e estratégias, elencando os instrumentos e ferramentas que auxiliarão na obtenção dos bons resultados, além de prever e captar os recursos para a execução e então partir para a implementação do PDOTur. Sabendo sobre o Plano Diretor, outra pergunta também é respondida, a respeito do município dispor de um cadastro de informações turísticas. Andréa destaca que possuem um diagnóstico parcial, que está sendo complementado e validado pelo grupo de trabalho do PDOTur.

Com relação às ações que estão sendo desenvolvidas para melhorar a infraestrutura turística do município e de seus atrativos, a Secretária elencou a criação de um receptivo turístico na sede, que será localizado em um dos bens arquitetônicos da cidade, na praça principal.

Ali vai funcionar o receptivo turístico para informações, para divulgação dos atrativos turísticos, possíveis passeios que podem ser vendidos ou ofertados para os visitantes. Então, isso vai ajudar para que o turista pare em Palmeiras para pelo menos pegar essas informações. (OLIVEIRA, 2023, entrevista).

Outra ação que já está em andamento é a pavimentação asfáltica da estrada que liga Palmeiras a um dos seus atrativos mais famosos, o distrito de Caeté-Açu, mais conhecido como Vale do Capão. A pavimentação dessa estrada é um assunto muito discutido pela população local e também pelos visitantes, onde uma parte enxerga como algo positivo, e outra como negativo, pois “descaracterizaria” a experiência de estar em contato com a natureza, e também atrairia visitantes de forma desgovernada, gerando diversos impactos. Andréa acredita que o turismo na sede de

Palmeiras será beneficiado com a pavimentação da estrada, “o Capão já está saturado, [...] Palmeiras com a estrada vai ficar (cerca de) 15 minutos para o Capão. Eu acho que vai facilitar os investimentos virem para a cidade, para a sede”, comenta ela, e ainda acrescenta que “Palmeiras vai ser vista agora, querendo ou não. A gente está buscando para poder colocar Palmeiras dentro do desejo turístico de cada turista” (OLIVEIRA, 2023, entrevista).

E para finalizar as ações de melhoramento da infraestrutura turística, também está sendo desenvolvido o Programa de Sinalização Turística. Muitos dos atrativos e distritos do município não possuíam placas indicando o pertencimento a Palmeiras, o que de certa forma contribuiu para o município não possuir tanta visibilidade como destino turístico. A sinalização turística de pertencimento ao município através de placas começou a ser realizada em 2020.

Como no planejamento turístico é importante o diálogo do poder público com o setor privado e a sociedade civil, também foi questionado se a Secretaria trabalha em conjunto com o setor privado para desenvolver o turismo no município. Andréa respondeu que sim, que está realizando parcerias com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) para capacitar e qualificar o trade turístico, respondendo também à pergunta sobre a existência de algum tipo de curso profissionalizante para quem trabalha com o turismo no município e seus distritos. De acordo com ela, os cursos de capacitação voltados para o turismo serão divulgados em breve.

Já quanto ao diálogo com a população local sobre o desenvolvimento turístico do município, ela relata que o contato será feito através dos Conselhos de Turismo e Cultura do Plano Diretor Orientado ao Turismo (PDOTur) e da Conferência de Cultura que será realizada ainda no ano de 2023. Contudo, através das entrevistas realizadas com moradores, que será vista mais adiante, eles destacam que não há um meio de diálogo com o setor público.

O planejamento turístico também ocorre por meio da integração com municípios vizinhos, seria a chamada regionalização, que de acordo com a Cartilha do Programa de Regionalização do Turismo (BRASIL, 2019, p. 4), visa o “maior aproveitamento dos recursos financeiros, técnicos e humanos a fim de que se possam criar condições e oportunidades para revelar e estruturar novos destinos turísticos - qualificados e competitivos”. Por enquanto, o que tem sido feito de integração são eventos pontuais, a exemplo do Rally da Chapada com os municípios de Lençóis e

Palmeiras, como revela Andréa. E sobre as estratégias de trabalhar a imagem dos municípios que compõem o destino Chapada Diamantina de modo regionalizado, ela evidencia a Câmara Técnica de Turismo do Circuito do Diamante, onde canalizam-se as ações estaduais e nacionais.

Sobre os visitantes não se hospedarem na cidade, ainda que visitem muitos atrativos do município, Andréa reconhece que é devido ao fato da pouca oferta de meios de hospedagem e alimentos e bebidas na sede municipal. “A gente vê que o turista morre de fome com o dinheiro no bolso, porque não tem. A gente tem exemplos aqui de restaurantes que fecham meio-dia” (OLIVEIRA, 2023, entrevista), observa ela, e considera que muitas vezes a própria população não acredita no potencial da cidade.

Andréa também evidencia o evento que vinha ocorrendo aos sábados, intitulado “Sábado na Praça”, idealizado pelo morador local, Joilson Santos, e patrocinado por diversos empresários da cidade. O evento é principalmente voltado para a música e a valorização de artistas locais. “A gente percebeu que faz a diferença, tinha movimento, [...] a equipe que iniciou esse projeto, tentou trazer tanto a parte de artesanato como culinária” (OLIVEIRA, 2023, entrevista). A Secretária ainda lembra que na primeira semana em que ocorreu, a praça contou com diversas barracas e que a partir da segunda semana o número já foi caindo, “porque as pessoas ficam descrentes de que vai dar movimento, que o produto vai ser vendido, então assim, não dá aquele voto de confiança, aquela credibilidade para aquele evento” (OLIVEIRA, 2023, entrevista). Ela entende que é importante começar um trabalho de conscientização da população para a atividade turística, para receber bem os visitantes.

Na conversa com a Secretária e a turismóloga, também foram comentados alguns atrativos, alguns dos naturais, por se tratar de unidades de conservação ambiental, a gestão fica a encargo da Secretaria de Meio Ambiente. Nos atrativos culturais, a Secretaria de Turismo possui mais participação, seja na contratação de atrações, ou disponibilizando equipamentos que dão suporte ao evento, organizando trânsito, entre outros. A respeito do atrativo histórico-cultural, que são as pinturas rupestres, Sirlene aponta que ainda estão catalogando as informações, apesar de já existir uma base de dados, como o projeto de sítio arqueológico que já realizou o mapeamento. Entretanto, a Secretaria vai buscar catalogar os proprietários para verificar se existe o interesse em tornar esses sítios em atrativo turístico. Os proprietários desses espaços têm receio de que se torne um turismo desgovernado,

mas Sirlene menciona que haverá um processo de sensibilização a respeito do turismo histórico-cultural, onde será destacado o perfil dos visitantes que costumam praticar esse turismo e os benefícios que essa atividade pode gerar para a comunidade.

A turismóloga ainda comenta que vem sendo pensado junto à Associação da Serra do Sincorá, um turismo mais sustentável, onde a comunidade será inserida no processo, pois “a gente percebe que o turismo vem sendo colocado de cima para baixo e que a população fica praticamente assistindo”, conclui ela. Sirlene ainda comenta como o turismo tem sido desenvolvido no município vizinho a Palmeiras, Lençóis, pois conhece a realidade da Lençóis turística e Lençóis por trás do turismo. Um dos fatores negativos que o turismo pode trazer para um destino, é a inflação, o que ela percebe que ocorre em Lençóis, “a Igreja às vezes pede para mim, para eu levar vinho, porque lá em Lençóis o vinho que o Padre usa lá na ceia é três vezes mais caro, porque são poucos mercados” (SOUZA, 2023, entrevista). Outro ponto comentado é a falta de acesso que os moradores têm a alguns alimentos de qualidade, como por exemplo a carne, “as pessoas em Lençóis não têm acesso, porque quando chegam as carnes nos açougues, é para o hotel, é para o restaurante, as pessoas vivem, assim, sobrevivem em Lençóis na verdade” (SOUZA, 2023, entrevista). Para ela, quando “desafogar” o turismo de Lençóis para outros municípios, a condição de vida de Lençóis irá melhorar.

Andréa acredita que uma das formas de desenvolver o turismo na cidade é através da educação, que a população conheça a história da cidade, pois assim haveria maior valorização. Ela comenta sobre um trabalho de campo realizado pela escola da cidade, Manoel Afonso, que foi acompanhado por uma pessoa da equipe da Secretaria, Nelcy Freire, que é historiadora e bacharel em direito. Em sala de aula foram apresentadas as Pinturas Rupestres com posterior visita a um sítio arqueológico com arte rupestre, possibilitando ao aluno vivenciar algo que aprendeu em teoria.

Outro procedimento que a Secretaria está em busca de realizar para garantir a visibilidade de Palmeiras como um município turístico é através de uma lei de autorização de uso de imagem dos seus atrativos. Sirlene expõe que “as pessoas continuam dizendo que a Chapada Diamantina é Lençóis” (SOUZA, 2023, entrevista), mas entende que Palmeiras muitas vezes negligenciou a atividade turística, porém, que agora vai correr em busca de resgatar a imagem dos atrativos para a cidade. “A gente vai começar a cobrar, taxar mesmo, que as empresas peçam autorização para

usar a imagem e se utilizar, comercialmente, sem autorização, vai ser multado” (SOUZA, 2023, entrevista). Os exemplos sobre a utilização de imagem de atrativos do município são principalmente a logomarca de alguns estabelecimentos, que utilizam a silhueta do Morro do Pai Inácio, como é o caso do Hotel de Lençóis e também da Prefeitura de Seabra, além de comerciais.

A Secretária comenta sobre uma campanha de uma marca de carro que lançou, em diversos Estados, estação de carregamento de carro elétrico e na Chapada Diamantina, a estação fica localizada em Lençóis. Contudo, o vídeo da “expedição” desse modelo de carro foi realizado no Morro do Pai Inácio, “será que esse vínculo foi em Lençóis que fizeram para poder gravar no Pai Inácio? [...] Por que como é que eles colocam um ponto de abastecimento de carro elétrico em Lençóis, fazem a propaganda no Pai Inácio e Palmeiras não usufrui de nada?” (OLIVEIRA, 2023, entrevista). Os recursos advindos dessas taxações que serão feitas serão voltados para o município investir no turismo e em outros pontos necessários.

Andréa compreende que por muitos anos a Chapada Diamantina foi vendida como Lençóis, mas que chegou o momento de outros municípios buscarem se destacar e mostrar que existem dentro da Chapada Diamantina. Sirlene também reconhece que Palmeiras era para estar mais adiantada na questão do desenvolvimento turístico, mas acredita que um dos fatores que prejudicou seu desenvolvimento foi o fato que não terem tido uma Secretaria que realmente fosse voltada para o Turismo, mas que agora, nessa nova gestão, conseguirão realizar diversas ações que beneficiarão o município. Assim que completarem o levantamento e a validação das informações do turismo no município, será iniciada uma campanha de marketing de divulgação do município.

Mas o planejamento trata-se de uma ação conjunta com outros setores, por isso é importante ouvir a opinião não só dos moradores, mas também do setor privado, como os meios de hospedagem.

5.2 MEIOS DE HOSPEDAGEM

Os meios de hospedagem são um fator importante para o desenvolvimento da atividade turística em um determinado destino. De acordo com Ribeiro (2011, p. 27), esse termo “refere-se ao conjunto de empresas destinadas a prover acomodação em condições de segurança, higiene e satisfação às pessoas que buscam por esses

serviços, seja por períodos curtos ou até em longas temporadas”. Por muito tempo, Palmeiras não dispunha de muita oferta de meios de hospedagem, o que pode ter sido um fator para o turismo não ter se desenvolvido em grande escala na sede do município. Atualmente, a sede conta com oito estabelecimentos de meios de hospedagem, não possuindo nenhum hotel, apenas pousadas. Pousada é um tipo de estabelecimento comercial “que disponibiliza para estadia quartos individuais, chalés ou bangalôs” (HOSPEDIN, 20–, n.p), pode oferecer, assim como os hotéis, café da manhã e serviço de quarto, por exemplo, mas se diferencia por proporcionar uma estadia mais intimista e familiar.

Pela pouca quantidade de pousadas, foi possível entrevistar todas para saber dados a respeito taxa de ocupação média, quantidade de Unidades Habitacionais (UHs) e leitos, o perfil dos hóspedes que escolhem ficar em Palmeiras, a média de dias em que ficam hospedados e os períodos de alta e baixa estação. Também, através da entrevista, buscou-se saber dos donos das pousadas, quais as estratégias utilizam para atrair os hóspedes no período de baixa estação, o que eles consideram que seja um desafio de se ter um meio de hospedagem em Palmeiras, assim como o que consideram que seja um ponto forte de ter um empreendimento de hospedagem naquela localização. Para finalizar a entrevista, foi feita uma pergunta para saber a opinião deles a respeito do motivo dos visitantes, apesar de visitarem diversos atrativos do município, não se hospedarem em Palmeiras.

Sobre a média da taxa de ocupação, a resposta foi unânime: a taxa de ocupação é sempre baixa, exceto nos períodos de festas como ano novo, carnaval e São João, que chegam até a atingir a lotação máxima. Em 2004, Francisco Brito (2005, p. 667), através de uma pesquisa de campo, montou um quadro com o número total de UHs e de leitos dos hotéis e pousadas dos municípios e distritos pesquisados, dentre eles, está Palmeiras, como pode ser visto no Quadro 1:

Quadro 1 - Número total de UHs e de leitos dos hotéis e pousadas dos Municípios e Distritos Pesquisados - 2004

Municípios, Distritos/ Meios de Hospedagem	UH	Número de Leitos
Andaraí	143	387
Igatu	30	75
Mucugê	110	352
Lençóis	619	1.933
Palmeiras	45	174
Vale do Capão *	111	293
Total	1.058	3.214

Elaboração: Francisco Brito (2005, p. 267)

Até 2004, Palmeiras dispunha apenas de 45 UHs e 174 leitos, um número que teve um significativo aumento até o ano de 2023. Através de pesquisa de campo realizada em abril de 2023, foram contabilizadas nas oito pousadas da sede, um total de 108 UHs e 306 leitos. Os valores das diárias vão de R\$35,00 a R\$550,00 no período de alta estação. O valor de R\$35,00 corresponde a uma diária simples, com beliche, televisão, ventilador e banheiro privativo, porém, sem café da manhã. Em outra pousada, durante a baixa estação, a diária possui o valor de R\$120,00 para casal, com café da manhã, enquanto na alta estação, nessa mesma pousada, os valores aumentam para R\$300,00 a R\$350,00. Em uma pousada mais afastada do centro da cidade, o valor da diária com ar-condicionado é de R\$200,00 para casal, e com ventilador R\$160,00 por casal, ambas as diárias são com café da manhã incluso. Nas pousadas mais centrais os valores das diárias, durante o período de baixa, variam de R\$100,00 a R\$270,00, enquanto no período de alta estação são de R\$300 a R\$550,00, todas com café da manhã inclusos.

A média de dias que os hóspedes ficam nas pousadas, em sua maioria é de 1 a 2 dias, mas pode chegar a ser de 3 a 4 dias, em grandes feriados. Esse número corresponde principalmente a um perfil de visitante que se hospeda na cidade para fazer a Trilha do Pati, que dura de 3 a 5 dias, e no seu retorno da trilha, se hospedam mais uma noite. A dona de uma das pousadas comenta que os guias do Capão, de Lençóis e Igatu estão começando a ter a consciência de que para fazer o Pati, é mais fácil ficar em Palmeiras, “porque se ele vai ficar em Lençóis, aí ele vai ter que acordar mais cedo pra poder vir de carro até chegar em Guiné, então esse percurso já vai ser longo. A mesma coisa a volta pra sair e chegar do Pati” (2023, entrevista). Ela ainda observa que para o visitante que vai fazer a Trilha do Pati, se hospedar no Capão é um desafio ainda maior, porque “às vezes o hóspede chega à noite, tem que ir pro Capão à noite, na estrada de chão ruim, aí ele volta no outro dia de manhã numa estrada de chão ruim pra ir para o Pati, pra pegar outra estrada de chão ruim” (2023, entrevista). Então, por conta da comodidade, tem compensado mais os guias indicarem aos visitantes se hospedarem em Palmeiras.

O perfil dos visitantes, em grande parte das pousadas, é de turistas e de representantes comerciais. Os turistas que se hospedam em Palmeiras são nacionais e internacionais. Os nacionais geralmente são de São Paulo, Salvador e Brasília, enquanto dos internacionais, em grande maioria, são da França, mas também

aparecem alemães, italianos, suecos, ou seja, o perfil dos internacionais são europeus.

Os meses considerados de alta estação pelos donos dos meios de hospedagem são: janeiro, fevereiro, junho, julho e dezembro. Janeiro, por se tratar de um mês férias; fevereiro, por conta do Carnaval; junho, principalmente por conta do São João, mas também tem aparecido hóspedes para a Trezena de Santo Antônio comemorada no município; julho, por ser o mês de férias escolares do Sul e Sudeste do país; e dezembro, quando começam a aparecer os hóspedes depois do Natal, para comemorar o Ano Novo. Quanto aos meses de baixa estação, destacaram os meses março, abril, maio, agosto e setembro por serem meses que não têm feriados ou quando possuem, não são feriados prolongados.

Quanto às estratégias para enfrentar esses meses considerados de baixa estação, poucos possuem. Uma das primeiras pousadas da cidade, utiliza como estratégia o tráfego pago, que, de acordo com o entrevistado, seria o investimento em anúncios publicitários na Internet. Também utiliza como estratégia a parceria com guias, além de utilizar plataformas como *Booking* e *Airbnb*. Como tem observado que a rede social Instagram é uma das mais utilizadas atualmente, ele também planeja utilizar o tráfego pago nessa rede. Já a dona de outra pousada utiliza da estratégia de fechar pacotes com agências de turismo e excursão.

No caso da proprietária da pousada Villa Bella, Luzilane Oliveira, ela aponta que já tentou algumas estratégias, como abaixar o preço e também já ofereceu *Day Use*. O *Day Use* é um serviço que alguns hotéis e pousadas disponibilizam para quem deseja usufruir de alguns serviços oferecidos pelo meio de hospedagem, sem pernoitar, “é um modelo de reserva de curta duração, que, normalmente se inicia pela manhã e se encerra ao final da tarde” (ACCOR, 20–, n.p). Ambas as propostas para atrair hóspedes na baixa estação não obtiveram resultados muito positivos. “Eu modifico um pouco o preço, mas mesmo fazendo promoção na internet, dando desconto, eu percebo que o hóspede quando ele tem que viajar, ele vai viajar, independente do preço” (2023, entrevista). No caso do *Day Use*, Luzilane ofertava almoço e banho de piscina por R\$25,00, porém os clientes não valorizavam, achavam caro e ainda não tinham o devido cuidado com as instalações da pousada. Atualmente, quando algum residente da cidade questiona sobre o *Day Use*, ela aluga o quarto a um preço mais barato, com direito a piscina e café da manhã.

Outras pousadas utilizam da estratégia de abaixar os preços, “mas nem isso resolve” aponta a dona de uma das pousadas em entrevista. No caso da Pousada Encantos da Chapada, localizada em um imóvel tombado, o famoso “casarão das 10 janelas”, pretende-se adotar como estratégia a criação de pacotes com passeios e também entrar em uma sociedade com alguns guias locais. Recentemente Sandro da Silva assumiu a administração da Pousada e Albergue Caminhos da Chapada, que anteriormente se tratava de um Hostel, e ele vem estudando algumas estratégias para adotar nesse novo modelo de meio de hospedagem. Ele já sabe que tipo de hóspede quer atrair, mas ainda está observando qual seria a plataforma certa para utilizar.

Como já possuía parcerias de quando a pousada era um hostel, Sandro deseja manter algumas como por exemplo a permuta, “fica aqui durante um período, trabalha um período e o outro período vai passear, aproveitar, e a gente dá a alimentação e a estadia. É isso que eu quero voltar a trazer, porque é esse jovem que vai me ensinar a utilizar os novos meios de comunicação” (SILVA, 2023, entrevista). Sandro também pretende adotar como estratégia o foco no nicho de turismo LGBTQIA+, que “cresce, aproximadamente, 11% ao ano” (CONEXÃO123, 20–, n.p), garantindo aos seus hóspedes um local de segurança, acolhimento e respeito. Essa estratégia que ele pretende adotar, além de trazer benefícios para a pousada, pode ser um fator importante para ser discutido e desenvolvido na cidade.

No tocante aos desafios de se ter um empreendimento de hospedagem em Palmeiras, as respostas ficaram entre a pouca infraestrutura para atender ao visitante e a falta de atrativos localizados na sede. “Aqui na sede não tem um ponto turístico, igual Lençóis que tem ali dentro, que dá para o turista ir a pé”, destacou um dos entrevistados, enquanto outra, assim como o GAP, ressaltou a importância do rio da cidade, que se a gestão pública preservasse esse bem natural, poderia se tornar um atrativo interessante. Com o bosque que leva ao rio limpo, poderia criar um balneário, “com as mesas para o povo sentar, botar rede”, acrescentou a entrevistada. O senhor Araújo, da Pousada MPB, também destaca a falta de incentivo ao turismo por parte da Gestão Pública, “tá certo que o empresário ele tem que mexer, mas se ele não tiver uma retaguarda boa também, ele não vai [prosperar]” (ARAÚJO, 2023, entrevista).

Por parte da Pousada Villa Bella, observa-se que a própria população do município não percebe o potencial da cidade, “se a gente conseguisse uma pessoa no poder que conseguisse fazer mais, e as pessoas conseguissem também ver mais, eu acho que ia fluir muito”, analisa Luzilane (2023, entrevista). Para ela, o outro desafio

principal é a infraestrutura da cidade para receber os visitantes, “quando um hóspede chega, ele não tem que ser bem tratado só na pousada, tem que ter uma estrutura boa, ele tem que ter um barzinho bom na praça, um atendimento bom, uma comida boa” (OLIVEIRA, 2023, entrevista). Ou seja, seria a junção da oferta de estabelecimentos e uma qualificação profissional para um bom atendimento. Luzilane em outro momento da entrevista ainda comenta, referente à qualificação profissional, sobre não possuir na cidade, nos estabelecimentos que atendem ao turismo, profissionais que falem um segundo idioma, algo que recentemente ela teve essa preocupação e junto ao seu marido, que também é dono da pousada, buscaram entrar em um curso de inglês, além de fazer campanha para outros profissionais também fazerem o curso.

No que tange aos pontos fortes de se ter um empreendimento de hospedagem em Palmeiras, a resposta mais comentada foi a localização. “O ponto forte é que aqui é bem central para todos os passeios. O município que tem mais beleza natural, é Palmeiras”, declarou Luciane da Pousada Mandala (2023, entrevista). Luzilane concorda, acha que a localização é o ponto mais forte, e comenta como começou a trabalhar o marketing da sua pousada em cima disso

Eu recebi um casal de Florianópolis, então eu tinha uma fichinha que perguntava os dados e perguntava ‘por que você veio pra pousada?’ [...] Ele me descobriu pelo Booking, aí de cara ele falou “eu olhei no mapa e eu vi que Palmeiras era um lugar estratégico”, então aí eu já fazia minha propaganda em cima disso, né, por ser estratégico, melhor localização (OLIVEIRA, 2023, entrevista).

Muitos dos visitantes que vão para a Chapada Diamantina, escolhem os locais de hospedagem por conta da fama, acredita Luzilane, mas também há aqueles que olham no mapa para ver as distâncias para os passeios. Então, ela entende que é importante trabalhar em cima desse fator e incentivar a criação de empreendimentos como bons restaurantes e opções de lazer na cidade, e ter o apoio da gestão pública para que o turismo se desenvolva da melhor forma na sede.

Outro fator destacado como ponto forte para se ter um empreendimento de hospedagem, foi a segurança. Sandro (2023, entrevista) considera que Palmeiras é uma cidade bonita e segura, “a gente escuta assim umas coisas de drogas, mas de assalto você não ouve falar”, comenta ele e acrescenta “é uma cidade relativamente segura, [...] e é um fator que o pessoal tá procurando muito”. O fator da segurança pública inclusive é algo que vem sendo bastante comentado, pois em março de 2023

saíram os resultados de uma pesquisa feita pelo portal Melhores Destinos, onde foram avaliados pelos turistas trilhas, cachoeiras, grutas, gastronomia, custo-benefício e segurança, e a Chapada Diamantina foi eleita como melhor destino de viagem do Brasil. A segurança pública recebeu a nota de 9,26 de turistas brasileiros e estrangeiros (ALÔ ALÔ BAHIA, 2023). O Comando de Policiamento Regional da Chapada realiza na região operações como “Paz nas Trilhas”, onde há o monitoramento do percurso dos visitantes em Lençóis, no Capão, Palmeiras e outros locais, além do reforço do patrulhamento nas zonas rurais (ALÔ ALÔ BAHIA, 2023).

E, finalizando a entrevista, assim como foi perguntado para o GAP, para a Secretária de Turismo municipal e para os moradores, buscou-se saber a opinião dos proprietários dos meios de hospedagem sobre qual seria o motivo, na percepção deles, para que os turistas, apesar de visitarem muitos atrativos do município, se hospedarem em cidades ou distritos vizinhos, mas não fiquem em Palmeiras, mesmo a cidade possuindo uma ótima localização. A maioria das respostas voltou ao ponto da infraestrutura precária e da falta de incentivo do poder público da cidade. Como a sede não possui atrativo natural ou atrativos noturnos, o funcionário de uma das pousadas acredita que o poder público deveria investir mais em eventos culturais. “Porque não é só o ponto turístico que atrai turistas. Por exemplo, Mucugê não tem um ponto turístico lá dentro e a prefeitura já enxergou isso há muito tempo e faz vários eventos de atrativos, tem o Festival de Culinária, Festival de Forró, isso de certa forma agrega” (2023, entrevista). O exemplo de Mucugê esteve presente também na resposta de Luzilane, que enxerga Mucugê como uma referência

Mucugê começou não tem muito tempo, talvez não tenha tantos atrativos como a gente, porém, a cidade é super linda, charmosa. A prefeitura ajuda muito, mas também teve uma associação lá que conseguiu elevar muito, e trazendo um monte de agenda, uma agenda cultural muito grande para o município (OLIVEIRA, 2023, entrevista).

Ela também destaca a união da comunidade com a prefeitura, que possibilitou o desenvolvimento turístico da cidade. “Acho que o que falta aqui é isso mesmo, é levar o nome do município, com a junção de prefeitura e a comunidade, e a comunidade se preparar pra isso, está faltando preparação”, comenta ela a respeito de Palmeiras, “acho que não é só a prefeitura que tem que abraçar” (OLIVEIRA, 2023, entrevista). Luciane também aponta a falta de união que existe entre os agentes ligados ao turismo, “eu acho que os donos de pousada, os donos de bares deveriam se unir mais para

começar uma associação, para começar a resolver as coisas aqui juntamente com a Secretaria de Turismo e Cultura, pra ver se o negócio flui melhor” (2023, entrevista).

A falta de opções de alimentação continuou sendo um ponto de crítica. O Sr. Araújo comenta que os turistas gostam de se alimentar bem, de ir para a praça à noite e ter boas opções de alimentação e música, o que para ele não existe na cidade. Ele ainda comenta, assim como a secretária de turismo, a respeito de existir restaurante, mas que fecha na hora do almoço. Quando possuía restaurante em sua pousada, o atendimento ia de acordo com a demanda, “se chegasse meia noite, 1h, eu tinha aqui uma picanha na chapa, eu tinha batatas fritas, eu tinha pizza brotinho, com mais de 10 sabores diferentes, e era rápido” (ARAÚJO, 2023, entrevista). A rapidez é outra crítica que ele faz a respeito de alguns estabelecimentos de alimentação da cidade, ele comenta que uma vez foi à uma pizzaria e passou horas esperando o seu pedido chegar, e observou que muitos clientes acabavam desistindo e indo embora, “demora, tem que ser uma cozinha inteligente, rápida, você tem que estar tudo no ponto, o que importa é a velocidade” (ARAÚJO, 2023, entrevista).

A proprietária de outra pousada acredita que é necessário fazer uma seleção das pessoas que desejam alugar o ponto comercial para abrir um estabelecimento de alimentação na praça, porque, para ela, atualmente na praça não existe uma boa qualidade de bares, há somente botecos. A qualidade da música também é um fator importante, então para ela o motivo dos visitantes não permanecerem é “porque não tem um restaurante bom, não tem um café bom, não tem um barzinho que tenha uma boa música, uma qualidade boa de música” (2023, entrevista).

Sandro toca no ponto a respeito da administração da Prefeitura, que não há valorização nem interesse. Para ele, poderia requalificar o rio, montar um restaurante ou também colocar atrações na praça, criando um ambiente agradável para manter os visitantes. Mas não fala apenas do papel da Prefeitura, também comenta que, quando a pousada ainda era um hostel, ou seja, recebia outro tipo de público, haviam reclamações por parte de comerciantes da cidade por conta da vestimenta dos visitantes, “porque os hóspedes eram despojados, e eles querem mochilar, como eles chamam, e quando você vê por trás, é um doutor, não sei o quê” (SILVA, 2023, entrevista).

Mas, mesmo apresentando essas questões, eles ainda acreditam no potencial da cidade e alguns comentam o que poderia ser feito para garantir o desenvolvimento turístico. Luzilane acredita que é necessária a oferta de cursos como ocorre em

Mucugê, “Eu acho que o Sebrae tinha que pegar firme, e eu vejo sempre o Sebrae lá em Mucugê com cursos, eu vejo na internet curso para garçom, curso de drinks, sempre tem e tem que trazer pra cá” (OLIVEIRA, 2023, entrevista). Sandro considera que uma das formas que a cidade poderia ser divulgada, seria pelo aspecto do visitante poder conviver com a comunidade local,

Quando o pessoal liga eu digo “se você quer badalação, não é aqui. Vai pro Capão ou para Lençóis”. Se o pessoal quer conhecer realmente a Chapada Diamantina, é aqui, porque você vai descansar, são próximos os lugares, os melhores pontos turísticos são aqui do lado. E depois você vai ter um ambiente agradável, você vai dar uma chinelada aqui na cidade, é como se você tivesse no Pelourinho da década de 30, porque você vai tranquilo, ainda tá tranquilo aqui. [...] Quem vem com esse propósito, ama (SILVA, 2023, entrevista).

Ele também reflete que seria bom uma nova gestão, que quem assumisse a Secretaria fosse alguém do ramo que já possuísse experiências. Além de colocar em prática, também iria transferir os seus conhecimentos para a comunidade local, que também são importantes para que ocorra o desenvolvimento turístico local.

5.3 MORADORES

Para saber a opinião da comunidade quanto a se incentivar o desenvolvimento do turismo no município, foram feitas entrevistas com sete moradores. Inicialmente seriam oito, quantidade equivalente à dos meios de hospedagens, contudo, houve uma desistência. A escolha dos moradores foi feita baseada nas profissões dos entrevistados, onde eles possuem ou já possuíram ligação com turismo, comunicação ou cultura. Quanto à faixa etária, estão entre 20 e 40 anos. Alguns dos entrevistados permitiram a divulgação dos seus nomes na pesquisa, enquanto outros não sinalizaram se poderiam ser identificados, nesse caso serão identificados como “Morador 1” e “Morador 2”.

A entrevista semiestruturada dispunha de seis questões, sendo elas a respeito dos impactos causados pelo turismo, o papel de Palmeiras para o turismo da Chapada Diamantina, a infraestrutura dos seus atrativos, se há diálogo entre os moradores e o poder público sobre o turismo; buscou-se também saber a opinião dos moradores sobre os visitantes não se hospedarem em Palmeiras apesar de visitar muitos dos seus atrativos, e a importância da atividade turística para o município de Palmeiras.

Um consenso entre os moradores entrevistados, é de que o impacto positivo que o turismo pode trazer para Palmeiras é a de geração de emprego e renda,

havendo assim uma melhora na economia local. Outro ponto bastante comentado foi sobre a melhoria na qualidade de vida dos moradores, porque, ao melhorar áreas turísticas, parques e praças, como um dos moradores citou, a comunidade também vai ser beneficiada, vai usufruir desses equipamentos. De acordo com outros moradores, o turismo também pode ser um fator importante na valorização cultural, levando a felicidade e realização para a população de ter a sua “terra” valorizada. Hermano Queiroz, advogado e mestre em Direito e Preservação do Patrimônio Cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), destaca “o que a gente quer é, nada mais, nada menos, por exemplo, de que as pessoas saibam que Palmeiras existe, de que ela tá no mapa, de que Morro do Pai Inácio não pertence a Lençóis, pertence a Palmeiras” (QUEIROZ, 2023, entrevista) e conclui com o desejo de ter a identidade do município fortalecida.

Quanto aos impactos negativos do turismo para o município, o ponto que os moradores mais abordaram foi a questão da degradação ambiental, com o aumento da poluição e a diminuição dos recursos naturais. A perda da identidade cultural também é uma preocupação para eles. Joilson Santos, jornalista e produtor cultural, acredita que, quando o turismo é realizado de forma excessiva e massificada, gera impactos sobre a vida e as tradições locais, enquanto o Morador 1 complementa que “a chegada do turismo altera a cultura do local, fazendo com que os moradores percam sua identidade cultural e adotem novos valores e costumes, como está acontecendo no Vale do Capão aos poucos” (MORADOR 1, 2023, entrevista). Também observando o modo como está ocorrendo o turismo no Vale do Capão, distrito de Palmeiras, uma preocupação dos moradores é a do aumento da especulação imobiliária, onde os preços dos terrenos e imóveis aumentam, “dificultando a aquisição de moradia para os habitantes locais” (SANTOS, 2023, entrevista).

Outro impacto que aflige alguns dos moradores é o aumento da criminalidade, como vem acontecendo em muitas cidades, o tráfico de drogas e assaltos. Ocorre uma perda da tranquilidade que existe em uma cidade que tem uma vida pacata, Hermano aponta que “é um maior número de pessoas, e se não houver uma regulação prévia, [...] como o município é ausente, ele não vai desenvolver o turismo pensando que ele tem que regular questão de som, que ele vai ter que levar a sério a preservação” (QUEIROZ, 2023, entrevista). E também acrescenta a questão do

trânsito, que há mais fluxo de automóveis e as ruas não possuem uma organização no tráfego, com suas vias sendo todas mão e contramão.

O morador Hebert Queiroz, que luta pela preservação e recuperação do patrimônio histórico e cultural de Palmeiras, destacou também o receio dos empregos gerados não serem destinados à população local, de não serem dadas as “condições de que essa população do município crie comércios para receber o turista, como pousadas, restaurantes [...]” (QUEIROZ, 2023, entrevista). E pessoas de fora explorarem o turismo, restando para a comunidade local ser apenas uma mão de obra barata. Para finalizar os pontos negativos, alguns moradores também comentam sobre a sobrecarga da infraestrutura, que afeta o abastecimento de água e energia, e a coleta do lixo, já que há um aumento do lixo urbano.

Quanto ao papel de Palmeiras para o turismo da Chapada Diamantina, os moradores pensam que é um papel importante, porém pouco aproveitado. O Morador 1, que já trabalhou com receptivo turístico, destaca

Palmeiras tem um papel muito importante no turismo da Chapada Diamantina, pois somos a cidade central do Parque Nacional da Chapada Diamantina, por estarmos perto e temos a maior parte dos locais turísticos em nosso município [...]. Somos produtores de produtos naturais como: mel e café. Temos uma culinária com alimentos da nossa terra e muitas outras coisas (MORADOR 1, 2023, entrevista).

E Joilson complementa a fala desse morador, ressaltando que é preciso “aproveitar que temos a melhor localização para conhecer os principais pontos turísticos da Chapada Diamantina, e investir nisso, para atrair turistas e investidores” (SANTOS, 2023, entrevista). Então, o ponto central que os moradores acreditam que seja o destaque de Palmeiras para o turismo da Chapada Diamantina é a sua localização e o seu conjunto de atrativos naturais.

Já Hermano responde que o papel de Palmeiras, a sede, para o turismo da Chapada acaba sendo insignificante, pois, embora o município possua uma gama de atrativos, uma boa localização e tenha um grande potencial turístico, nada é feito. “Palmeiras não participou das grandes discussões do passado para colocar Palmeiras com selo de turismo, para colocar Palmeiras nas feiras que aconteciam no Brasil e em Salvador”, destaca ele, e acrescenta que “nunca existiu nada enquanto uma Política Pública sistematizada, organizada, discutida e construída a partir dos elementos que a cidade oferece” (QUEIROZ, 2023, entrevista). Hermano ainda volta ao ponto da falta de representação do município, “o prefeito não vai pra reunião do aeroporto aí perde

o campo de aviação que era o lugar melhor, para Lençóis”, e aponta que Palmeiras já perdeu diversas oportunidades de promoção do município “porque não tinha representação de Palmeiras ou a representação era falha” (QUEIROZ, 2023, entrevista).

No que diz respeito à infraestrutura dos atrativos turísticos do município, alguns acreditam serem boas e outros acham que deixam a desejar. O morador Neidson Sampaio aponta que

Algumas são bem-feitas, por exemplo aqui no Riachinho é uma infraestrutura muito boa, e na Conceição dos Gatos porque “é particular”, o moço fez a própria trilha toda bonitinha. Agora, em questão do Pai Inácio, eu acho uma infraestrutura bem decadente [...] e é um dos principais pontos turísticos da Chapada, é o Morro do Pai Inácio, é o mais conhecido além da Fumaça [...] eu acho que o Pai Inácio deveria ser muito melhor a infraestrutura, tanto para os turistas quanto para os trabalhadores, que é horrível lá (SAMPAIO, 2023, entrevista).

O Morador 1 comenta que o município não tem uma boa qualidade nessa área de infraestrutura por conta da má administração pública que existe há anos. Ele ainda ressalta que “as autoridades públicas não visam muito o turismo como uma grande fonte da nossa cidade. E olha que temos um tesouro mundial na palma das nossas mãos” (MORADOR 1, 2023, entrevista). Já Joilson acredita que a qualidade dos pontos turísticos é boa, contudo, na sede, é preciso melhorar a infraestrutura do rio, ponto bastante abordado por Joás, membro do GAP, pois o rio pode se tornar um atrativo para receber turistas na sede.

Para o Morador 2, o município precisa melhorar a infraestrutura no que diz respeito à recepção turística na rodoviária, ter profissionais qualificados, bilíngues e com conhecimento em ecoturismo, e haver o incentivo aos condutores de visitantes e também o incentivo à criação de uma associação de hotéis e pousadas do município, para articular palestras e capacitação em hotelaria.

Quanto à infraestrutura da sede, Hebert evidencia que há a “falta de hotelaria, pousadas na sede do município. Que, apesar de possuir algumas pousadas, [...] não consegue ainda atrair os turistas para que eles se hospedem na sede do município de Palmeiras” (QUEIROZ, 2023, entrevista), e também comenta sobre a falta de bons restaurantes e de um receptivo turístico. Hermano concorda com essa questão, a rede hoteleira era quase inexistente, mas atualmente já possui uma boa quantidade que tem comportado a demanda que surge na sede. Quanto à falta de equipamentos no

setor de alimentos e bebidas, ele também acha que é um ponto que necessita melhorar, “um dos grandes elementos a atrair ou a fazer permanecer alguém num lugar, é o patrimônio que a gente chama agroalimentar, é a gastronomia” (QUEIROZ, 2023, entrevista). Hermano ainda acrescenta que “não tem variedade, as pessoas não investem, quando investem há uma repetição e há um certo desleixo”.

Sobre o diálogo dos moradores com o poder público a respeito do turismo, todos os moradores responderam a mesma coisa, não existe diálogo, o que de certa forma é um dos pontos que prejudica o planejamento turístico. De acordo com o Morador 1, essa falta de diálogo e apoio do poder público se dá por a Secretaria de Turismo ser uma coisa recente, e para ele, a nova Secretária está dando os primeiros passos, “plantando uma sementinha para os próximos anos” (MORADOR 1, 2023, entrevista). Hebert aponta que não existe o diálogo, mas que o poder público promove ações voltadas para o turismo, “apesar da tentativa do poder público promover algumas ações, essas ações são de forma unilateral, não tendo uma articulação com os comerciantes e moradores locais, dificultando assim a elaboração das políticas públicas eficientes” (QUEIROZ, 2023, entrevista). Quanto a essas ações que o morador disse haver por parte do poder público, seriam cursos de formação de como receber o turista, gastronomia e atendimento ao cliente. Segundo ele, mesmo a oferta desses cursos sendo bastante divulgada, houve pouco interesse por parte da população.

Hermano Queiroz comenta que já se tentou um diálogo entre os moradores e o poder público, no início dos anos 2000. Segundo ele, a Secretária de Turismo da época fez essa tentativa em alguns momentos, porém, “embora houvesse uma tentativa, essa tentativa não era qualificada de diálogo, era algo para se apresentar, mas a tal participação social efetiva, na construção da ideia e do pensamento, ela não existiu” (QUEIROZ, 2023, entrevista). Hermano ainda acrescenta que a ideia de se desenvolver o turismo em Palmeiras “vem sendo fruto da cabeça de uma ou outra pessoa que vê o potencial”, nunca existiu um movimento coletivo que pensasse no turismo como de fato uma ferramenta que precisa ser discutida e trabalhada, que se desenvolvesse um plano municipal de turismo para se entender como atrair os visitantes para permanecerem na sede de Palmeiras.

A não permanência dos visitantes na sede de Palmeiras, apesar de visitar diversos atrativos do município foi o próximo questionamento feito aos moradores. O Morador 1 responde que um dos motivos é a falta de infraestrutura, já que a sede

possui poucas pousadas e poucas opções de restaurantes, mesmo havendo uma diversidade na culinária local. Ele ainda destacou que outro fator que prejudica a permanência é a falta de qualidade no atendimento e também não possuir muita divulgação e estratégias de marketing, “a população não leva tanto a sério o turismo, tem a mente fechada e não trabalham em conjunto, vejo que pensam muito em ‘seus próprios umbigos’ fazendo com que a cidade não evolua” (MORADOR 1, 2023, entrevista).

O jornalista Joilson também comenta sobre a falta de infraestrutura, e destaca que “é preciso ter um investimento em cultura, culinária, hospedagem, divulgação e capacitação dos trabalhadores e comerciantes” (SANTOS, 2023, entrevista). O morador Neidson pontuou a questão da falta de infraestrutura e ainda complementou com a falta de valorização quando se começou a desenvolver o turismo, por exemplo, no distrito de Caeté-Açu, “o poder público não soube como priorizar isso para Palmeiras, chamar o turista e com isso ter o desenvolvimento. Você vê que a cidade é bonita, é tombada [...], mas não é muita gente que fica lá” (SAMPAIO, 2023, entrevista). Neidson também acredita que o motivo dos visitantes se hospedarem em Palmeiras tem sido consequência da superlotação no Vale do Capão, e conclui

Mas para hospedar mesmo porque lá é a melhor localização, não acontece. E, realmente, lá é a melhor localização, porque por exemplo, de Palmeiras para Lençóis é 1h no máximo, de carro, porque o pessoal só vem de carro, então 1h. Pro Capão, 30 minutos, pra Iraquara mais ou menos uns 40 minutos também. Então, Palmeiras realmente tem a melhor localização para poder ter hospedagem, só que não tem como suportar, porque não foi feito um planejamento para isso acontecer, então houve esse, não vou dizer que é descaso, mas não souberam valorizar essa ótima localização (SAMPAIO, 2023, entrevista).

Hermano também concorda que o turismo que tem acontecido em Palmeiras, tem sido uma “consequência”, “por conta dos altos preços dos lugares que tãõ no entorno, por conta da dificuldade muitas vezes de encontrar hospedagem” (QUEIROZ, 2023, entrevista). A parte da culinária volta a ser abordada por ele como um fator que é essencial não só para a permanência dos visitantes, mas também para o morador, que precisa ter opções de lazer. Geralmente, as opções de comida oferecidas em Palmeiras são pizza, pastel e hambúrguer, o que Hermano acredita que é normal que se tenha, mas que é necessário enfatizar mais a culinária local, como por exemplo o godó de banana, a palma, a carne de sol, os variados cortados que vão desde mamão a abóbora, a moqueca de palmito de jaca, entre outros. Ele comentou, com animação,

sobre o curso de culinária que está sendo oferecido no Colégio Estadual da cidade, “quer dizer, jovens da cidade já estão aprendendo a cozinhar comidas locais e até sushi, porque é isso, embora a gente tenha que voltar e ter que assumir uma identidade local, inclusive da gastronomia, as pessoas também querem comer sushi” (QUEIROZ, 2023, entrevista).

Já a última pergunta feita aos entrevistados visava saber a opinião deles a respeito de como enxergam a importância da atividade turística para o município. A resposta unânime é sobre a geração de renda que a atividade pode trazer para o município. Para o Morador 1,

É muito importante a atividade turística em Palmeiras, pois temos uma diversidade histórica, cultural, gastronômica e artesanal que o mundo precisa conhecer! Isso faz com que a cidade evolua com sua infraestrutura, conseqüentemente trazendo mais renda para os moradores do município e evitando que os mesmos saiam para procurar uma qualidade de vida nas grandes capitais, longe de suas famílias (MORADOR 1, 2023, entrevista).

Joilson também toca no ponto da geração de renda que a atividade turística pode proporcionar, e salienta que “Palmeiras tem um potencial incrível, mas está parada há muito tempo e atrás de muitas cidades vizinhas” (SANTOS, 2023, entrevista). Outro residente frisa que a “atividade (turística) é uma via de desenvolvimento para o município, que se bem organizado, traz desenvolvimento sustentável e econômico” (MORADOR 2, 2023, entrevista).

Para Hermano, Palmeiras é uma cidade turística porque tem algo diferente a oferecer, suas belezas naturais e seu patrimônio cultural de natureza material de certo modo preservado. Ele acredita que o visitante busca um ambiente pitoresco, acolhedor e bucólico, e Palmeiras oferece isso já que ela “é formada de serras, de morros que abraçam” e ainda possui uma praça que segue até hoje sendo um ponto de encontro (QUEIROZ, 2023, entrevista). Então, o visitante conheceria um conjunto arquitetônico tombado pelo Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia e ainda desfrutaria de uma praça, junto com a população local, com bares com bom atendimento, com uma “atmosfera gostosa, que é uma cidade ainda acolhedora, bucólica, interessante, porque ela propicia você estar na rua, você dar volta na praça, que é o que as pessoas não têm mais, e caminhar livremente, tranquilamente” (QUEIROZ, 2023, entrevista).

Mas, todo esse desenvolvimento deveria ser obtido através de um planejamento prévio junto ao poder público, para, por exemplo, ter a preocupação de

não deixar a praça, que tem uma característica residencial apesar de possuir bares e até uma pousada, se tornar apenas um espaço comercial, porque, de acordo com Hermano, “o que garante a sustentabilidade desses lugares é a vida real, é existir gente morando” (QUEIROZ, 2023, entrevista). E ainda nessa linha da sustentabilidade, por parte da participação da comunidade, a atividade turística poderia ser um meio de resgatar as práticas culturais tradicionais que vêm sendo perdidas por não haver uma propagação entre as gerações, Hermano aponta que

há uma série de práticas culturais, como a lamentação das almas que a gente fazia, os ternos de reis, os reisados, que vão desaparecendo, não há uma sucessão, quer dizer, não há novas pessoas sendo formadas, os saberes não são transmitidos de geração para geração, e esses conhecimentos, essas habilidades e essas técnicas, especificamente, o suporte delas é o ser humano (QUEIROZ, 2023, entrevista).

Portanto, seria interessante que houvesse uma integração pública, privada e da sociedade civil para fazer um estudo da história da cidade, resgatar seus elementos identitários, porque esse seria mais um fator de atração turística para o município. Além dessa pesquisa, também é interessante que haja um levantamento a respeito do perfil dos visitantes ou potenciais visitantes.

5.4 PERFIL DOS VISITANTES

Através de um questionário realizado com 47 visitantes entre o período de 17 a 20 de abril de 2023, considerado de baixa estação, mas entre dois feriados prolongados, em dois atrativos do município de Palmeiras – Morro do Pai Inácio e Riachinho –, foi possível ter um conhecimento a respeito do perfil do visitante, onde estão hospedados e os atrativos mais visitados. No Morro do Pai Inácio, 21 visitantes responderam ao questionário, enquanto no Riachinho foram obtidas 26 respostas.

O intuito era compreender o motivo de se hospedarem naquele local, se era por conta de possuir muitos atrativos próximos a ele, até mesmo atrativos dentro da cidade ou então se a motivação era a infraestrutura turística, com diversas opções de meios de hospedagem e de opções de alimentação de qualidade como bares e restaurantes.

O questionário constava de 11 questões, sendo 9 objetivas (fechadas) e 2 subjetivas (abertas). As objetivas eram a respeito do gênero, idade, estado civil, escolaridade, tempo da estada na Chapada Diamantina, em que cidade ou distrito

estava hospedado, se era a primeira vez na Chapada, os atrativos visitados e a motivação de ter se hospedado naquela cidade ou distrito. As subjetivas questionavam o que mais gostou na experiência da viagem e o que menos gostou, porém, houve poucas respostas a essas últimas perguntas.

No que se refere ao gênero, no Morro do Pai Inácio, 9 pessoas se declararam como feminino e 12 como masculino. Quanto ao estado civil, 6 se declararam solteiros, 13 casados e 2 em união estável. Já com relação à idade, 2 visitantes estavam entre 15 e 20 anos, 4 entre 21 e 30 anos, 11 entre 31 e 45 anos e 4 entre 46 e 65 anos. No que diz respeito ao grau de escolaridade, 5 visitantes possuíam ensino médio (2º grau), 2 superior incompleto (3º grau), 7 superior completo, e 6 com pós-graduação. Já referente ao tempo da estada na Chapada Diamantina, 1 visitante ia passar apenas 1 dia, 10 de 2 a 3 dias, 8 de 4 a 5 dias e 2 mais de 7 dias.

A cidade que ganhou em disparada em hospedagem foi Lençóis, com 17 visitantes hospedados, enquanto o Vale do Capão e Seabra totalizaram 2 visitantes cada. Sobre ser a primeira vez que visita a Chapada Diamantina, 13 responderam que não era a primeira vez, e 8 responderam que sim, sendo inclusive o Morro do Pai Inácio o primeiro atrativo que estavam visitando.

Dentre os visitantes que estavam no Morro do Pai Inácio, os atrativos mais visitados foram: Morro do Pai Inácio com 21 respostas; Pratinha com 12 respostas, Poço Azul, 10 respostas; Mucugezinho obteve 9 respostas; a Gruta da Lapa Doce, 8 respostas; o Ribeirão do Meio recebeu 6 respostas; a Cachoeira do Mosquito, 5 respostas; já a Cachoeira do Buracão, o Poço Encantado e a Cachoeira do Riachinho obtiveram 4 respostas cada um; a Gruta da Torrinha, Pantanal Marimbus e Serrano tiveram 3 respostas cada; o do Morro do Camelo e a Cachoeira da Fumaça, ambas totalizaram 2 respostas; Conceição dos Gatos, Águas Claras, Cachoeira da Purificação, Cachoeira do Rio Preto e Cachoeira do Sossego apenas 1 resposta.

Com relação às respostas dos visitantes que estavam em Lençóis, sobre a motivação de se hospedarem nessa cidade, três pessoas responderam sobre a localização, da facilidade de deslocamento para os pontos turísticos. Dessas 3 pessoas que falaram sobre a localização ter sido o que o motivou, duas já haviam estado na Chapada Diamantina e a outra era a primeira vez. Sobre os atrativos visitados por eles, apesar de estarem hospedados em Lençóis, só foram sinalizados 2 atrativos pertencentes ao Município de Lençóis, e os outros atrativos pertencem e ficam mais próximos a outros municípios. As outras motivações que apareceram foram

por já conhecerem e gostarem da cidade, a conveniência, o conjunto do turismo na cidade, as belezas naturais, hospitalidade e segurança e também por ter sido indicação.

Já a respeito do que mais gostaram da experiência na viagem, a natureza foi o ponto principal, o contato e a sua preservação. O conteúdo histórico apresentado pelo guia e a aventura também foram destacados. Já sobre o que menos gostaram da experiência, apenas uma pessoa respondeu, sinalizando a locomoção. Os atrativos visitados por esta pessoa (Morro do Pai Inácio, Morro do Camelo, Pratinha, Mucugezinho, Ribeirão do Meio e Poço Azul), em sua maioria, ficam distantes da cidade em que ela estava hospedada. Ainda relacionado ao que menos gostou da experiência na viagem, outra pessoa sinalizou o valor cobrado nos atrativos. Os atrativos visitados por ela foram as grutas Lapa Doce e Torrinha, Marimbus e a Cachoeira do Mosquito. No caso das grutas, o preço é devido ao equipamento que é necessário para fazer a visita, e o guia especializado que acompanha o grupo. Na visita ao pantanal Marimbus, o valor cobrado corresponde ao equipamento utilizado, o condutor preparado e a duração do passeio.

No caso das duas pessoas que sinalizaram que estavam hospedadas no Vale do Capão, distrito de Palmeiras, as motivações foram: prazer e satisfação, e o desejo de conhecer uma localidade nova. Ambos os visitantes já haviam estado na Chapada Diamantina. Sobre o que mais gostaram da experiência, novamente o contato com a natureza foi ressaltado, e o outro ponto foi o do fácil acesso aos atrativos, já que a pessoa visitou ao menos 7 atrativos do município em que estava hospedada. Com relação às duas pessoas que estavam hospedadas em Seabra, a motivação da hospedagem nesta cidade foi trabalho.

Em relação aos visitantes na Cachoeira do Riachinho, 14 eram mulheres e 12 homens. Quanto ao estado civil, 11 se declararam solteiros, 9 casados, 4 em união estável e 2 divorciados. Com relação à idade, 2 possuíam entre 21 e 30 anos, 9 entre 31 e 45 anos, 11 entre 46 e 65 anos e 4 mais de 65 anos. Já referente ao grau de escolaridade, 4 possuíam Ensino Médio completo (2º grau), 2 Ensino Superior Incompleto (3º grau), 15 Ensino Superior Completo e 5 com Pós-graduação. Com relação ao tempo da estada na Chapada Diamantina, 3 visitantes marcaram de 2 a 3 dias, 8 visitantes de 4 a 5 dias, 10 visitantes de 6 a 7 dias, e 5 mais de 7 dias, mas muitas das pessoas que responderam o formulário estavam hospedados na casa de amigos.

Houve um empate com relação ao local em que estavam hospedados, Lençóis e o Vale do Capão, cada um com 12, enquanto uma pessoa sinalizou estar hospedada em outra cidade, mas não informou qual. Sobre ser a primeira vez que visita a Chapada Diamantina, 14 responderam que sim e 12 responderam que não.

Entre os visitantes que estavam no Riachinho, os atrativos mais visitados foram: Cachoeira do Riachinho, totalizando 26 respostas; em seguida, a Cachoeira da Fumaça com 19 respostas; o Morro do Pai Inácio obteve 15 respostas; a Pratinha, 12 respostas; o Poço Azul 9 respostas; o Poço Encantado, a Gruta da Lapa Doce e a Cachoeira do Buracão, cada uma obteve 8 respostas; já a Gruta da Torrinha, o Ribeirão do Meio, a Cachoeira do Mosquito, a Cachoeira do Sossego, a Cachoeira da Conceição dos Gatos e a Cachoeira do Rio Preto, totalizaram 5 respostas cada uma; Águas Claras e Mucugezinho, 4 respostas; Cachoeira da Purificação e Angélica, Cachoeira do Pai Inácio e o Poço dos Patos obtiveram 3 respostas cada uma; o Serrano, 2 respostas e o Pantanal Marimbus apenas 1 resposta.

Com relação às respostas dos visitantes que estavam em Lençóis, sobre a motivação de se hospedarem nessa cidade, três pessoas sinalizaram ter sido por indicação da agência de turismo, outra ressaltou a comodidade e novamente a riqueza das belezas naturais teve destaque. Já os que se hospedaram no Vale do Capão, alguns foram por indicação em sites ou por terem amigos que moram no Vale, a proximidade das trilhas, o contato com a natureza e pela energia que o Vale transmite.

Quanto ao que mais gostaram da experiência da viagem, os visitantes que estavam hospedados em Lençóis sinalizaram o contato com a natureza e a hospitalidade dos anfitriões. Apenas um visitante sinalizou o que menos gostou da experiência, que foi a respeito dos poucos horários de voo disponibilizados para o aeroporto de Lençóis. Já os visitantes hospedados no Vale do Capão, a experiência do contato com a natureza foi o ponto em comum na maioria das respostas, também foi citada a preservação ambiental, a culinária regional, a diversidade de atrativos e a tranquilidade e segurança não só da vila como também das trilhas.

Sobre o que menos gostaram da experiência na viagem, três pontos foram bastante abordados. O primeiro deles é sobre o lixo encontrado na vila, resultado dos impactos negativos causados por um turismo pouco planejado; o segundo foi a falta de sinalização tanto dos destinos quanto dos atrativos turísticos nas estradas; e ainda no quesito estrada, foram abordadas a qualidade das mesmas, visto que a estrada que liga Palmeiras ao Capão é uma estrada de terra que está em péssimas condições,

mas é um problema que já está encaminhado para ser solucionado, pois já estão em andamento as obras de pavimentação da estrada. Um visitante também citou que o que menos gostou na sua experiência foi a comida, considerou que “a maioria dos restaurantes é fraco”.

Todos os pontos citados pelos visitantes que estão hospedados no Vale do Capão, precisam ser observados pelo poder público de Palmeiras, para que sejam corrigidos, proporcionando então uma melhor experiência para futuros visitantes, além da própria comunidade.

Para complementar o perfil dos visitantes, também foi realizada uma entrevista semiestruturada, através de rede social, com uma agência de turismo de Lençóis, cujo um dos sócios é nativo de Palmeiras. As perguntas foram a respeito do perfil dos visitantes, onde ficavam hospedados, a média de dias da estada, os atrativos mais procurados e quais eram os períodos de alta e baixa estação, além de, assim como nas entrevistas feitas com os outros agentes ligados ao turismo, buscar saber a opinião sobre os visitantes não ficarem hospedados em Palmeiras. O perfil dos visitantes que buscam a agência é de 65% mulheres e 35% homens, com idades de 25 a 45 anos. Quanto à origem, 90% são de São Paulo. O município em que ficam hospedados é Lençóis, ficando em média 5 dias.

Quanto aos atrativos mais procurados por eles, estão o Morro do Pai Inácio, Gruta da Pratinha, Cachoeira da Fumaça e Cachoeira do Buracão, sendo que dois deles pertencem a Palmeiras. Assim como apresentado pelo setor de meios de hospedagem, os períodos de alta estação correspondem a janeiro, julho por conta das férias escolares do Sudeste e dezembro. E os períodos de baixa também são semelhantes: março, abril e setembro. Para o agente de turismo, mesmo os visitantes indo aos atrativos do município de Palmeiras, eles não se hospedam na sede por conta da pouca infraestrutura, como a falta de restaurantes, lojas e uma divulgação adequada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Palmeiras é um município localizado na Chapada Diamantina, Bahia, que possui uma rica diversidade de atrativos naturais e culturais, importantes para o desenvolvimento do turismo local. É uma cidade que nasceu da exploração de diamantes e, por isso, ainda mantém aspectos da cultura garimpeira. Por conta de décadas de exploração, o que afetava negativamente o meio ambiente, se fez necessária a criação do Parque Nacional com o intuito de preservar as suas belezas naturais. Em paralelo à criação do parque foi se desenvolvendo cada vez mais o turismo, principalmente em Lençóis, o que acabou abrangendo outros municípios da região.

Porém, o turismo foi se desenvolvendo de modo espontâneo, sem muito planejamento e divulgação, o que acarretou a um 'apagamento' do nome de Palmeiras, enquanto um de seus distritos, o Vale do Capão, ganhava mais visibilidade turística. Por isso, pensando no motivo da sede ter se tornado apenas um lugar de passagem, buscou-se entender o porquê dos visitantes não se hospedarem na cidade, mesmo com sua localização privilegiada para visitar os atrativos mais famosos.

Para isso, foi necessário compreender o planejamento turístico local, que consiste em um processo de organização da atividade que visa a redução de impactos ambientais, o bem-estar da população local e antecipação de soluções para possíveis problemas. O planejamento, para ser eficiente, deve ocorrer através da união do poder público, iniciativa privada e sociedade civil.

No caso de Palmeiras, através das entrevistas foi possível verificar as lacunas existentes para que o turismo não se desenvolva da forma esperada. A Secretaria Municipal de Turismo e Cultura é recente e é perceptível que tem começado a se movimentar em busca de melhorar o desenvolvimento do turismo e resgatar a imagem dos atrativos como pertencentes ao município, já que acaba ocorrendo a divulgação destes, de forma incorreta, como pertencendo a outras localidades. Também, por parte da Secretaria, tem se pensado em formas de atrair mais visitantes nos períodos de baixa estação, o que é importante para movimentar a economia local e também para divulgar o município.

Algo que será benéfico para Palmeiras, e que foi informado pela Secretária de Turismo, é o desenvolvimento do Plano Diretor Orientado ao Turismo (PDOTur),

por meio do qual está sendo realizado o diagnóstico e análise do território para poder, posteriormente, definir de forma mais adequada objetivos e estratégias para a obtenção de bons resultados no turismo. Contudo, esse plano só será bem executado se houver de fato a participação dos outros setores, a comunidade local e as empresas privadas.

Com relação à percepção do setor privado a respeito de como vem ocorrendo o turismo na cidade, estes ressaltam falhas que também foram apontadas pela própria Secretaria, como a questão da infraestrutura para atender ao visitante na área de alimentos e bebidas. Apesar de acreditarem no potencial da cidade, principalmente por conta da sua localização e segurança, concordam que para que ocorra o bom desenvolvimento do turismo é importante se atentar à conservação dos seus bens naturais, a exemplo do rio presente na cidade. Outro fator destacado é a falta de incentivo ao turismo que vinha ocorrendo na cidade, pois poderiam ser realizados cursos profissionalizantes e também investimentos em eventos culturais, como forma de suprir, segundo os entrevistados, a falta de atrativos na sede.

No caso dos moradores entrevistados, eles compreendem as vantagens que o turismo pode proporcionar à cidade, principalmente na questão da geração de emprego e renda e da valorização cultural. Também ressaltam a boa localização da sede e a culinária local – como o godó de banana, a palma, a moqueca de palmito de jaca, entre outros – que deveria ser mais valorizada, criando-se festivais gastronômicos para atrair mais visitantes. Mas também entendem os riscos que o turismo sem o devido planejamento pode levar para a cidade, como a perda da identidade local, a degradação ambiental e aumento da especulação imobiliária, como vem ocorrendo em um de seus distritos e também em municípios vizinhos.

Foi possível observar que todos os setores entendem onde está uma das principais falhas do município: na infraestrutura. Porém, o que ocorre é a falta de integração e comunicação entre esses setores para reivindicar melhorias no turismo da cidade. Como visto no planejamento turístico, é importante que exista a união entre os setores, algo que pode começar por parte da iniciativa privada, para agir coletivamente em prol da resolução de problemas que possuem em comum. Seria importante que o setor de hospedagem criasse uma associação para facilitar a comunicação com o poder público e solicitar melhorias na oferta da infraestrutura, cursos de capacitação profissional e mais incentivo ao turismo.

A falta de diálogo existente entre o setor público e a população é algo que ficou evidente. Sem a população ter um meio para opinar sobre o turismo, dificilmente haverá, de forma próspera, o desenvolvimento da atividade na cidade. Por isso é importante que haja a conscientização e a educação por parte do poder público a respeito do turismo. Palmeiras possui um enorme potencial para ser mais conhecida como destino turístico, o que falta é a união entre esses setores para somar suas forças em prol de uma atividade que trará muitos benefícios para toda a população.

Palmeiras é uma cidade importante para o desenvolvimento do turismo na Chapada Diamantina, porém, há uma lacuna no levantamento de pesquisas sobre o município, por isso o presente trabalho se torna significativo. Além do turismo, possui uma rica história, cultura, arquitetura, geologia e diversos outros temas que deveriam ser mais estudados e conhecidos. O presente estudo também foi importante para agregar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, e entender como o planejamento pode beneficiar a atividade turística. No que se refere ao turismo na cidade, foi possível compreender os pontos que, de certa forma, acabam dificultando o melhor desenvolvimento da atividade, mas que através da união entre setor público, privado e sociedade civil, pode ser resolvido.

REFERÊNCIAS

ACCOR. **Day Use**: o que é, como funciona e vantagens. 20---. Disponível em: <https://all.accor.com/pt-br/brasil/magazine/one-hour-one-day-one-week/day-use-o-que-e-como-funciona-e-vantagens-8a933.shtml>. Acesso em: 13 maio 2023.

ALÔ ALÔ BAHIA. **Com nota alta em Segurança, Chapada Diamantina é eleita melhor destino de viagem no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://aloalobahia.com/notas/com-nota-alta-em-seguranca-chapada-diamantina-e-melhor-destino-de-viagem-no-brasil>. Acesso em: 13 maio 2023.

ARAÚJO, Luiz Coêlho de. **A "Sustentabilidade Trilheira" do Vale do Capão - Palmeiras/BA**. RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico, Salvador, v. 13, n. 22, p. 73-86, dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1214>. Acesso em: 03 abr. 2023.

ALVES, Jason. **Histórico de Palmeiras**: aspectos da sua cultura. Palmeiras, 1985. 47 p.

BENI, Mario Carlos (org.). **Turismo Planejamento Estratégico e Capacidade de Gestão**: desenvolvimento regional, rede de produção e clusters. Barueri: Manole, 2012. 594 p.

BRASIL. **Lei nº 9.985 de 18 de Julho de 2000**: institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm. Acesso em: 14 jun. 2023.

BRASIL. Programa de Regionalização do Turismo: regionalização, sensibilização e mobilização. 2019. Disponível em: <http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/images/mtur-cartilha-promocional-final.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2023.

BRITO, Francisco Emanuel Matos. **Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina**. Salvador: Edufba, 2005. 416 p.

CARVALHO, Norma. **Cachoeira do Rio Preto e Cachoeira de Rodas Vale do Capão**. 2019. Disponível em: <https://viajecomnorma.com.br/cachoeiras-do-rio-preto-e-rodas/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

CEZAR, Rodrigo Valle. **Turismo e Meio Ambiente na Região de Mucugê, Chapada Diamantina - BA**. 2008. Curso de Engenharia Ambiental, Unesp, Rio Claro, 2008. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118646/cezar_rv_tcc_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 mar. 2023.

CONEXÃO123. **Importância do turismo LGBTQIA+**. 20--. Disponível em: <https://blog.123milhas.com/importancia-do-turismo-lgbtqia/>. Acesso em: 13 maio 2023.

COSTA, Jucilene Santos. **Percepção do ambiente natural e do ambiente construído após a implementação do Parque Nacional da Chapada Diamantina: o olhar dos moradores do Vale do Capão – BA**. Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/11537/3/texto%20completo.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023.

DALL'AGNOL, Sandra. **IMPACTOS DO TURISMO X COMUNIDADE LOCAL**. Curso de Turismo, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012. Disponível em: [https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/02/06_Da](https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/02/06_Da%20Agnol.pdf) ll_Agnol.pdf. Acesso em: 28 abr. 2023.

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO. **Prefeitura Municipal de Palmeiras**. 2019. Disponível em: <https://www.palmeiras.ba.gov.br/Handler.ashx?f=diario&query=2450&c=577>. Acesso em: 22 mar. 2023.

DINIZ, Patricia. **Segmentação do Turismo – segmentação do mercado Turístico**. 2019. Disponível em: <http://turismologia.com.br/2019/09/24/segmentacao-do-turismo-diferentes-tipos-de-turismo-turismologia/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

FABBRIS, Cristine; RODRIGUES, Santiago Ricardo. **Desenvolvimento de um "cluster" turístico para o Vale do Itajaí em Santa Catarina**. UFSC, Blumenau, 2003. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/86-desenvolvimento-de-um-cluster.pdf>. Acesso em: 19 maio 2023.

FERNANDES, Ivan. **Planejamento e Organização do Turismo: uma abordagem desenvolvimentista com responsabilidade ambiental**. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

Festival de Jazz do Capão. 2021. Disponível em: <https://festivaldejazzdocapao.com.br/>. Acesso em: 01 maio 2023

FREIRE, Nelcy. **Memórias de Palmeiras: um olhar sobre o patrimônio cultural**. Palmeiras: Luz Ao Mundo, 2020.

GANEM, Roseli Senna; VIANA, Maurício Boratto. **História ambiental do Parque Nacional da Chapada Diamantina/BA"**. 2006. Área XI, Consultoria Legislativa, Brasília, 2006. Disponível em:

https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2232/historia_ambiental_bora_ttoetalii.pdf?sequence=5&isAllowed=y
Acesso em: 22 mar. 2023.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2022.

GONÇALVES, Luiziânia da Silva. **Segmentação do Turismo e o Mercado**. 2018. Curso de Curso Técnico em Guia de Turismo, Secretaria da Educação, Ceará, 2018. Disponível em: https://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/images/material_didatico/guia_de_turismo/guia_de_turismo_segmentacao_do_turismo_e_o_mercado_2019.pdf. Acesso em: 27 abr. 2023.

GUIA TURÍSTICO. **Chapada Diamantina BA - Brasil**. 20--.

GUIA. **Chapada Diamantina**. 2005.

HOSPEDIN. **Meios de Hospedagem**: conheça os diferentes tipos que existem. 20--. Disponível em: <https://blog.hospedin.com/meios-de-hospedagem/>. Acesso em: 12 maio 2023.

IBGE. **Cidades**: Palmeiras. 2009. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/palmeiras/panorama>. Acesso em: 22 mar. 2023.

INFOSANBAS. **Palmeiras - BA**. 2020. Disponível em: <https://infosanbas.org.br/municipio/palmeiras-ba/>. Acesso em: 22 mar. 2023

IPHAN. **Lençóis (BA)**. S/D. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/115>. Acesso em: 27 abr. 2023.

JANOO. **Poço do Gavião**. 202- Disponível em: <https://janoo.com.br/lugar/poco-do-gaviao/> Acesso em: 30 abr. 2023.

JANOO. **Rio Preto-Rodas-Ponte Velha**. 202- Disponível em: <https://janoo.com.br/lugar/trilha-rio-preto-rodas-ponte-velha/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

KAUARK, Fabiana da Silva *et al.* **Metodologia da pesquisa**: um guia prático. Itabuna: Via Literarum, 2010. Disponível em: http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/livrodemetodologiadapesquisa2010_011120181549.pdf. Acesso em: 01 maio 2022.

KINCHESCKI, Geovana Fritzen et al. **Tipos de Metodologias Adotadas nas Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina, no período de 2012 a 2014.** Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/136196/102_00127.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 01 maio 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em: 01 maio 2023.

MARTINS, Fernanda Pereira. **Conceito, Proteção Ambiental e Morfogênese de Chapadas no Brasil.** Curso de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0CAIQw7AJahcKEwiosun-xfr-AhUAAAAAHQAAAAAAQAw&url=https%3A%2F%2Frepositorio.ufmg.br%2Fbitstream%2F1843%2F30389%2F1%2FDoutoradoFernandaMartins.pdf&psig=AOvVaw0zXFqwZ17ApmA-FcwJpK_U&ust=1684350552606934. Acesso em: 16 maio 2023.

MELADO, Marina. **Estrada Real, Minas Gerais:** conheça o caminho e as principais cidades. 2022. Worldpackers. Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/articles/estrada-real-minas-gerais>. Acesso em: 03 abr. 2023.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Informações Sobre Visitação - Parna da Chapada da Diamantina.** S/D. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/caatinga/lista-de-ucs/parna-da-chapada-da-diamantina/informacoes-sobre-visitacao-parna-da-chapada-da-diamantina>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Segmentação do Turismo:** experiências, tendências e inovações. Brasília, 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/segmentacao-do-turismo-marcos-conveituais.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2023a.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Dados e Fatos:** glossário do turismo. S/D. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/gloss%C3%A1rio-do-turismo/67-outros/gloss%C3%A1rio-do-turismo/882-a.html>. Acesso em: 27 abr. 2023b.

SANTOS, Journei Pereira dos. **Para além da beleza dos montes:** análise dialética da percepção social acerca do parque nacional da chapada diamantina. Curso de Engenharia Florestal, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas,

2018. Disponível em:
<http://repositorioexterno.app.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/1207/1/TCC%20-%20Jornei%20Pereira%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SANTOS, Lilian Margarida de Andrade. **Do diamante ao turismo, o espaço produzido no município de Lençóis**. Curso de Curso de Mestrado em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19314/1/Liliam%20Margarida%20de%20Andrade%20Santos.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SANTOS, Marcelo Brandão dos. **Estudo do desenvolvimento turístico na Chapada Diamantina e sua sustentabilidade**: um enfoque na cidade de Lençóis. Curso de Economia, UFBA, Salvador, 2013. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/10154/1/MARCELO%20BRAND%20DOS%20SANTOS.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2023.

SAMPAIO, Andrecksia Viana Oliveira. **Apreensão da paisagem a partir do turismo na Chapada Diamantina - Bahia**. Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2006. Disponível em:
<https://ri.ufs.br/handle/riufs/5532>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SEBRAE SP. **Caderno de Atrativos Turísticos**. São Paulo: SEBRAE, 200-. Disponível em:
[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/e6ab735ac11e71802d2e44cbce6d63f4/\\$File/SP_cadernodeatrativosturisticoscompleto.16.pdf.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/e6ab735ac11e71802d2e44cbce6d63f4/$File/SP_cadernodeatrativosturisticoscompleto.16.pdf.pdf). Acesso em: 03 maio 2023.

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). **Perfil dos Territórios de Identidade da Bahia**. Salvador, 2015. 3 v. 255 p. (Série territórios de identidade da Bahia, v. 1). Disponível em:
https://www.sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/perfil_dos_territorios/territorio_identidade_vol01.pdf. Acesso em 05 abr. 2023.

PAKMAN, Elbio Troccoli. **Sobre as definições de turismo da OMT**: uma contribuição à história do pensamento turístico. UFPB, Paraíba, 2008. Disponível em:
<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/11/34.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2023.

PASCHOARELLI, Luis C. *et al.* Características Qualitativas, Quantitativas e Quali-quantitativas de Abordagens Científicas: estudos de caso na subárea do design ergonômico. **Revista de Design, Tecnologia e Sociedade**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 65-78, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/design-tecnologia-sociedade/article/view/15699>. Acesso em: 01 maio 2023.

PDITS. **Polo Chapada Diamantina**. Governo do Estado da Bahia, 2004. Disponível em: <http://www.setur.ba.gov.br/arquivos/File/PDITSChapadaDiamantina.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2023.

PERAFÁN, Mireya E. V.; OLIVEIRA, Humberto. **Território e Identidade**. Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2013. Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/PERAFANMireyaEValenciaOLIVEIRAHumbertoTerritorioeIdentidadeColecaoPoliticaseGestaoCulturaisSECULT2013.pdf>. Acesso em: 03 maio 2023.

PINA, Zenilda. **Encontro com a Villa Bella das Palmeiras**. Secretaria da Cultura e Turismo, Salvador, 2005. 369 p.

PINHO, Verusa. **Guia de Viagem Chapada Diamantina**: uma viagem por conceição dos gatos. Uma viagem por Conceição dos Gatos. 20---. Disponível em: <https://www.guiachapadadiamantina.com.br/uma-viagem-por-conceicao-dos-gatos/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

PRAÇA, Fabíola S. G. METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos”**, Goiás, n. 1, p. 72-87, 2015. Disponível em: https://www.uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf. Acesso em: 01 maio 2023

RIBEIRO, Karla Cristina Campos. **Meios de Hospedagem**: curso técnico em hospedagem. Manaus: CETAM, 2011. Disponível em: https://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_hosp_lazer/061112_meios_hosp.pdf. Acesso em: 10 maio 2023.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento Sustentável**: a proteção do meio ambiente. 5. ed. Campinas: Papirus Editora, 1999.

TERENCE, Ana Cláudia Fernandes e ESCRIVÃO FILHO, Edmundo. Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais. 2006, Anais... Fortaleza, CE: Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2006_TR540368_8017.pdf. Acesso em: 20 maio 2023.

TURISMO 360 CONSULTORIA. **Impacto positivo**: qual o papel do turismo na vida das pessoas? 2022. Disponível em: <https://t360consultoria.com/impacto-positivo-turismo-na-vida-das-pessoas/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

UZÊDA, André. **Chegada do asfalto preocupa moradores de área mística na Chapada Diamantina**. Folha de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/chegada-do-asfalto-preocupa-moradores-de-area-mistica-na-chapada-diamantina.shtml>. Acesso em: 28 abr. 2023.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA: GRUPO AMBIENTALISTA DE PALMEIRAS (GAP)

Eu, Laura Cavalcanti, aluna do curso de Turismo e Hotelaria da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), estou desenvolvendo um Trabalho de Conclusão de Curso no qual um dos objetivos é a busca pela valorização do turismo no município de Palmeiras e entender como este está sendo desenvolvido nos dias atuais para que possa atrair maior visibilidade ao município. A entrevista realizada junto ao Grupo Ambientalista de Palmeiras (GAP) tem por finalidade a contemplação do objetivo supracitado. Informo que todas as informações obtidas, depoimentos e fotografias serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Desde já agradeço a sua colaboração.

Entrevista com o Grupo Ambientalista de Palmeiras (GAP)

1. Qual a história do GAP?
2. Todos os membros são residentes de Palmeiras?
3. Quais são as ações desempenhadas pelo GAP?
4. Qual a relação do GAP com o turismo?
5. Como enxergam a importância do turismo para o Parque Nacional?
6. Como enxergam a importância do turismo para Palmeiras?
7. Quais são os principais impactos causados pelo turismo na região?
8. Quais são as medidas utilizadas para minimizar os impactos do turismo?
9. Desenvolvem alguma ação voltada para o Turismo? Quais?
10. Trabalham em quais atrativos?
11. Fazem algum curso de capacitação?
12. Possuem diálogo com a Secretaria de Turismo?
13. Possuem diálogo com os empresários da região?
14. Por que você acha que os turistas, apesar de visitarem muitos atrativos do município, se hospedam em cidades ou distritos vizinhos, mas não ficam em Palmeiras, mesmo a cidade possuindo uma localização privilegiada na região?

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA: ASSOCIAÇÃO DE CONDUTORES DE VISITANTES DO VALE DO CAPÃO (ACV-VC)

Eu, Laura Cavalcanti, aluna do curso de Turismo e Hotelaria da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), estou desenvolvendo um Trabalho de Conclusão de Curso no qual um dos objetivos é a busca pela valorização do turismo no município de Palmeiras e entender como este está sendo desenvolvido nos dias atuais para que possa atrair maior visibilidade ao município. A entrevista realizada junto a Associação de Condutores de Visitantes do Vale do Capão (ACV-VC) tem por finalidade a contemplação do objetivo supracitado. Informo que todas as informações obtidas, depoimentos e fotografias serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Desde já agradeço a sua colaboração.

Entrevista com a Associação de Condutores de Visitantes do Vale do Capão (ACV-VC)

1. Quando foi criada a ACV?
2. Qual a história da Associação?
3. Quais as ações desempenhadas pela Associação?
4. Possui quantos sócios?
5. Recebe incentivo do Poder Público/ Secretaria de Turismo Municipal?
6. Quais cursos são disponibilizados para os condutores?
7. Qual o período de alta e baixa estação?
8. Qual o perfil dos turistas que procuram a Associação?

APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA: SECRETÁRIA DE TURISMO DE PALMEIRAS

Eu, Laura Cavalcanti, aluna do curso de Turismo e Hotelaria da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), estou desenvolvendo um Trabalho de Conclusão de Curso no qual um dos objetivos é a busca pela valorização do turismo no município de Palmeiras e entender como este está sendo desenvolvido nos dias atuais para que possa atrair maior visibilidade ao município. A entrevista realizada junto à Secretaria de Turismo de Palmeiras tem por finalidade a contemplação do objetivo supracitado. Informo que todas as informações obtidas, depoimentos e fotografias serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Desde já agradeço a sua colaboração.

Entrevista com a Secretária Sra. Andréa Oliveira

1. Por que, apesar de possuir vários atrativos conhecidos nacional e internacionalmente, o nome de Palmeiras não possui muita visibilidade como destino turístico?
2. O que tem sido feito para incentivar o turismo no município?
3. A Secretaria de Turismo do município em parceria com o Estado desenvolve algum projeto de turismo específico para o município de Palmeiras?
4. Palmeiras possui um Plano Municipal de Turismo?
5. Há ações sendo desenvolvidas para melhorar a infraestrutura turística do município e dos atrativos?
6. A Secretaria trabalha em conjunto com o setor privado para desenvolver o turismo no município?
7. Existe um cadastro de informações turísticas do município?
8. Por que você acha que os turistas, apesar de visitarem muitos atrativos do município, se hospedam em cidades ou distritos vizinhos, mas não ficam em Palmeiras, mesmo a cidade possuindo uma localização privilegiada na região?
9. Qual a estratégia para atrair turistas no período de baixa estação?
10. Há diálogo da Secretaria com a população local a respeito do desenvolvimento turístico do município? De que modo acontece esse contato?
11. Há parceria com municípios vizinhos para desenvolver o turismo de modo integrado na região?
12. Há alguma estratégia de trabalhar a imagem dos municípios que compõem o destino Chapada Diamantina de modo regionalizado?
13. Existe algum tipo de curso profissionalizante para quem trabalha com o turismo no município e seus distritos?

APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA: PROPRIETÁRIOS DE MEIOS DE HOSPEDAGEM DE PALMEIRAS

Eu, Laura Cavalcanti, aluna do curso de Turismo e Hotelaria da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), estou desenvolvendo um Trabalho de Conclusão de Curso no qual um dos objetivos é a busca pela valorização do turismo no município de Palmeiras e entender como este está sendo desenvolvido nos dias atuais para que possa atrair maior visibilidade ao município. A entrevista realizada junto aos proprietários dos meios de hospedagem de Palmeiras tem por finalidade a contemplação do objetivo supracitado. Informo que todas as informações obtidas, depoimentos e fotografias serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Desde já agradeço a sua colaboração.

Entrevista com Proprietários dos Meios de Hospedagem

1. Em média, qual a taxa de ocupação da pousada?
2. Quantas UHs e quantos leitos o meio de hospedagem possui?
3. Valor da diária média? Tipos de diária?
4. Qual o perfil dos hóspedes?
5. Os hóspedes ficam em média quantos dias?
6. Qual o período de alta estação?
7. Qual o período de baixa estação?
8. Qual a estratégia para atrair hóspedes no período de baixa estação?
9. Quais são os desafios de se ter um empreendimento de hospedagem em Palmeiras?
10. Quais são os pontos fortes de se ter um empreendimento de hospedagem em Palmeiras?
11. Por que você acha que os turistas, apesar de visitarem muitos atrativos do município, se hospedam em cidades ou distritos vizinhos, mas não ficam em Palmeiras, mesmo a cidade possuindo uma localização privilegiada na região?

APÊNDICE E – ROTEIRO PARA ENTREVISTA: MORADORES DE PALMEIRAS

Eu, Laura Cavalcanti, aluna do curso de Turismo e Hotelaria da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), estou desenvolvendo um Trabalho de Conclusão de Curso no qual um dos objetivos é a busca pela valorização do turismo no município de Palmeiras e entender como este está sendo desenvolvido nos dias atuais para que possa atrair maior visibilidade ao município. A entrevista realizada junto aos moradores de Palmeiras tem por finalidade a contemplação do objetivo supracitado. Informo que todas as informações obtidas, depoimentos e fotografias serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Desde já agradeço a sua colaboração.

Entrevista com moradores

1. Na sua opinião, quais seriam os impactos positivos e negativos do turismo no município?
2. Qual o papel de Palmeiras para o turismo da Chapada Diamantina?
3. O que acha da infraestrutura dos atrativos turísticos do município?
4. Há diálogo dos moradores com o Poder Público sobre o turismo?
5. Por que você acha que os turistas, apesar de visitarem muitos atrativos do município, se hospedam em cidades ou distritos vizinhos, mas não ficam em Palmeiras, mesmo a cidade possuindo uma localização privilegiada na região?
6. Comente sobre a importância da atividade turística para o município.

APÊNDICE F – ROTEIRO PARA ENTREVISTA: AGÊNCIA DE VIAGENS

Eu, Laura Cavalcanti, aluna do curso de Turismo e Hotelaria da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), estou desenvolvendo um Trabalho de Conclusão de Curso no qual um dos objetivos é a busca pela valorização do turismo no município de Palmeiras e entender como este está sendo desenvolvido nos dias atuais para que possa atrair maior visibilidade ao município. A entrevista realizada junto à Agência de Viagens tem por finalidade a contemplação do objetivo supracitado. Informo que todas as informações obtidas, depoimentos e fotografias serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Desde já agradeço a sua colaboração.

Entrevista com a Agência de Viagens Bahia Trip

1. Quando foi criada a agência?
2. Qual o perfil dos turistas/visitantes?
3. Em qual município ficam hospedados?
4. Qual a média de dias da estada dos turistas/visitantes?
5. Quais são os atrativos mais procurados?
6. Qual o período de alta estação?
7. Qual o período de baixa estação?
8. Por que você acha que os turistas, apesar de visitarem muitos atrativos do município, se hospedam em cidades ou distritos vizinhos, mas não ficam em Palmeiras, mesmo a cidade possuindo uma localização privilegiada na região?

APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO PARA VISITANTES

<p>1. Gênero:</p> <p>() Feminino</p> <p>() Masculino</p> <p>() Não quero declarar</p>	<p>2. Estado civil:</p> <p>() Solteiro () Casado () Separado</p> <p>() Divorciado () União estável</p> <p>() Não quero declarar</p>
<p>3. Faixa etária:</p> <p>() 15-20</p> <p>() 21-30</p> <p>() 31-45</p> <p>() 46-65</p> <p>() Acima de 65</p> <p>() Não quero declarar</p>	<p>4. Escolaridade:</p> <p>() Fundamental (1ª a 8ª série)</p> <p>() Médio (2º grau)</p> <p>() Superior completo (3º grau)</p> <p>() Superior incompleto () Pós-graduação</p> <p>() Não quero declarar</p>
<p>5. Qual o tempo de sua estada na Chapada Diamantina?</p> <p>() 1 dia</p> <p>() 2 a 3 dias</p> <p>() 4 a 5 dias</p> <p>() 6 a 7 dias</p> <p>() Mais de 7 dias</p>	<p>6. Qual cidade está hospedado (a)?</p> <p>() Lençóis</p> <p>() Palmeiras</p> <p>() Vale do Capão</p> <p>() Mucugê</p> <p>() Iraquara</p> <p>() Seabra</p> <p>() Outra:</p>

<p>7. O que o motivou a se hospedar neste local?</p>	<p>8. É a primeira vez que visita a Chapada Diamantina?</p> <p>() Sim</p> <p>() Não</p>
<p>9. Quais atrativos visitou?</p> <p>() Morro do Pai Inácio</p> <p>() Morro do Camelo</p> <p>() Cachoeira da Fumaça</p> <p>() Conceição dos Gatos</p> <p>() Águas Claras</p> <p>() Cachoeira do Riachinho</p> <p>() Cachoeira da Purificação</p> <p>() Cachoeira do Pai Inácio</p> <p>() Rio Preto</p> <p>() Gruta da Lapa Doce</p> <p>() Gruta da Torrinha</p>	<p>() Pratinha</p> <p>() Mucugezinho</p> <p>() Marimbus</p> <p>() Serrano</p> <p>() Cachoeira do Mosquito</p> <p>() Cachoeira do Sossego</p> <p>() Ribeirão do Meio</p> <p>() Cachoeira do Buracão</p> <p>() Poço Azul</p> <p>() Poço Encantado</p> <p>() Outros:</p>

10. O que mais gostou da sua experiência nesta viagem?

11. O que menos gostou da sua experiência nesta viagem?
